



Clariano Baía: uma bala na cabeça

Esta madrugada

**Dono da
"Móveis Baía"
assassinado
em Monsanto**

Pág. 9.

**Golpe no
Uganda**

Pág. 13.



**Projecto
Pintasilgo
deverá ser
retomado
em melhores
condições**

—diz Eduardo
Lourenço

Pág. 11.

**Hoje
no Caderno
Especial**

**A fuga
de catorze
presos
da torre
de S. Julião**

Concurso DL

**Hoje
4.º cupão**

Gasolina já falta e gás de botija também falhará Combustíveis evaporam-se com a greve da Petrogal

Já estão esgotados o gasóleo e a gasolina em muitas bombas de todo o País, apesar de a greve da Petrogal só ter sido iniciada esta manhã, às sete horas. A sua duração está prevista para uma semana. A situação poderá

agravar-se rapidamente se não for resolvido o conflito que opõe a Federação dos Químicos ao Conselho de Gerência da empresa e ao Governo: a reintegração de oito trabalhadores suspensos na sequência da requisi-

ção civil.

As maiores perturbações no abastecimento fazem sentir-se no que respeita às botijas de gás, onde as deficiências de distribuição se arrastam desde há cerca de um mês, altura em que

foi iniciado o processo grevista.

A refinação dos combustíveis consumidos no nosso País está totalmente dependente da Petrogal. No que se refere às bombas de gasolina, cerca de dois terços (das 1800 existentes) de-

pendem directamente dos fornecimentos daquela empresa pública. Em 1979, a Petrogal foi a responsável directa pelas vendas de 62 por cento da gasolina consumida entre nós e de 68 por cento do gasóleo.



O presidente da República, esta manhã no stand jugoslavo da FIL

Discursando na FIL ao fim da manhã

PR dá garantias políticas ao voto dos empresários

«Ainda não se perdeu por completo o hábito de fazer da questão económica um dos motores das acções de propaganda e agitação política» — afirmou esta manhã na FIL, o Presidente da República, dirigindo-se aos

embaixadores e empresários que acompanharam a sua visita à Feira.

Depois de observar as representações dos 17 países ali presentes, com 236 expositores estrangeiros e 486 portugueses,

Ramalho Eanes respondeu ao discurso do eng.º João Vaz Guedes, presidente da Associação Industrial Portuguesa. Não foram «palavras de ocasião», mas um discurso de definição político-económica do Presi-

dente da República.

Sempre falando para os empresários, Ramalho Eanes (aludindo certamente ao período de 25 de Abril de 74 a 25 de No-

Continuação da pág. 24

Adiada

a hipótese

Mário Soares

**PS vai
negociar
Eanes**

Pág. 4

**Incidente
Cuba-Bahamas:
Havana
apresenta
desculpas**

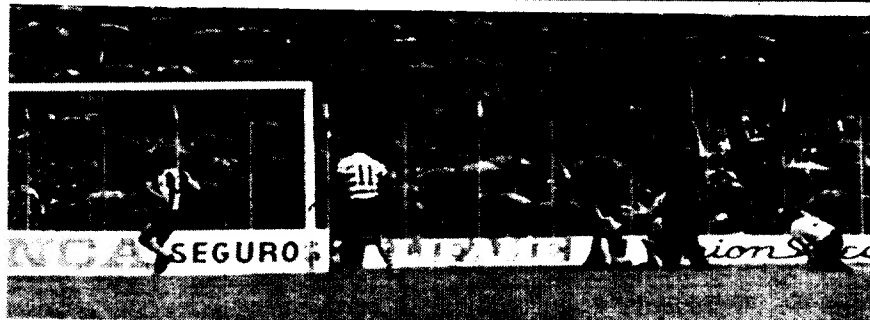
Irão

**Partido
Revolucionário
Islâmico
consolida-se
no Parlamento**

Pág. 13.

**Nato
discute
"plano
de crise"
americano
para a
Europa**

Pág. 14



Tira-teimas não funcionou

Antes, os golos: tento de Freire (Simões, Jordão e Fonseca: idelas diferentes) e, com o público aglomerado junto das redes de Vaz, a alegria portista por Romeu (n.º 8) ter recargado a grande penalidade. No marcador ficava o nulo: que serve aos interesses portistas para a conquista do tricampeonato, após um árduo duelo com

o Sporting, em jogo que ficou marcado por uma má arbitragem de António Garrido. No melhor pano cai a nódoa: comentário por Neves de Sousa e reportagem por Manuel Neto, com fotos de Bruno Neves

Págs. 15, 16 e 17.



O Gato que Ri. João Medina

Onde se prova que a "Via Láctea" é um castelo encantado

Estávamos sós no café-leitaria «Via Láctea». Atrás do balcão, olhos abertos, Napoleão III dormia de pé, como os cavalos. O gato Zé Maria acendeu a sua habitual «panatella» holandesa, comprada no contrabando, e disse inesperadamente:

— A infância... O que é a infância?
E antes mesmo de eu esboçar uma resposta, já ele replicava à sua própria interrogação com este monólogo:
— A infância é um punhado de destroços, meia dúzia de terrores e de mitos que se incrustam no mais fundo de nós, um saco de humilhações por redimir, e, aqui e além, um ponto luminoso, uma festa de anos, uma prenda recebida, um momento feliz, de mistura com muitas noites de febre, de choros e gritos... Tudo fragmentos. E sobre este campo devastado, umas quantas canções flutuando como neblinas matinais a seguir a uma batalha. Como esta, por exemplo:

**Vem cá Zebedeu, vem cá
Qui eu quero lá contá
Uma história qui sucideu
Na quinta de Jericó:
Uma mulhé qui matou seu marido
Co'as tampas do urinó...**

— Que poema absurdo!, não pude deixar de exclamar.
— Pois é, concedeu o gato com resignada melancolia. E, no entanto, é destas coisas rigorosamente idiotas que nós arrastamos no baú da memória, pela vida fora, até à cova escura... Destroços: fotos velhas com caras de gente que já não conhecemos, as aventuras do capitão Marvel em banda desenhada, os filmes do Bucha e Estica, uma caneta sem aparo, o rosto de uma rapariga sem nome, a cara do merceneiro judeu que nos vendia açúcar em Joanesburgo, durante a guerra, canções estropiadas, um braço de boneca, os «crackers» coloridos do Natal, a inglesa bêbada que partiu uma garrafa de leite em cima da cabeça do marido, num jardim público em Joanesburgo (o sangue escorria misturado com a brancura do leite), a estátua de Peter Pan que apareceu um dia mutilada (a amargura infinita que isso causou lá em casa, sobretudo em mim e no meu dono, então com cinco anos!), a carranca insuportavelmente odienta do professor de Matemática no Colégio Marista, a gravura no livro inglês de leitura para a Instrução Primária (um bolo que se abria e do qual saltavam pessoas hilares), a horrível história do Ripp van Winkle que se deitou a dormir debaixo de uma árvore e acordou muitos anos depois (como o mundo envelhecera!), pessoas que desapareceram e só deixaram de si nomes (como animais mortos de que ficam apenas as conchas vazias)... Tudo trunco, pedaços de coisas, objectos desirmanados e dispareos. E no meio da tralha do sótão, lá vem a velha caixa de música, cada vez mais roufenha, a recordar os versos absurdos: **vem cá Zebedeu, vem cá, qui eu quero lá contá uma história qui sucideu na quinta de Jericó...**

Apagou a cigarrilha, suspirou e disse:
— E é isto o que fica da infância que tivemos... Um punhado de cacos, versos tolos, melancolias rançosas, rostos diluídos, tristezas inúteis, ódios gastos. Lixo, lixo...
— Estás terrivelmente metafísico, ó Zé Maria, retorqui logo que o bichano interrompeu o seu soliloquio prustiano de gato nado e criado em Moçambique e no Transval. — Mas de onde teriam vindo esses doidos versos brasileiros? Seriam ao menos do Catulo da Paixão Cearense?

— Não sei... Lá em casa, como em todas as casas europeias de Moçambique, o Brasil estava muito presente, até nas revistas. Líamos o GURI e o CRUZEIRO, por exemplo, mas nunca o PIM-PAM-PUM ou o SÉCULO ILUSTRADO. Paradoxalmente, o Brasil estava mais perto, era mais familiar: por causa dos barcos que faziam a rota do Cabo, suponho... Quanto aos versos doidos da mulher que mata o marido com as tampas da pia — que morte horrível, não achas? e que fim ignominioso, acabar assim, com a caixa dos silogismos esborrachada pela madeira onde as pessoas se sentam para satisfazer necessidades vis... —, confesso que nunca indaguei como é que se incrustaram na minha memória, quem os recitaria lá em casa, nas tardes quentes e sonolentas de África,

junto ao Indico... Mas, seja qual for a origem destes versos repugnantes, a verdade é que a memória da infância é feita de retalhos de coisas destas, insignificantes, ridículas, mesquinhas e, afinal, desprezíveis. São nódoas que persistem nas paredes do nosso ser, manchas indeléveis que a vida nunca consegue apagar... Um punhado de ninharias, em suma...

— Fazes-me pensar no «Rosebud» do Orson Welles.
— Talvez, mas sem poesia nenhuma. Já viste o que é uma pessoa arrastar pela vida fora, como uma das raras coisas salvas do naufrágio da infância, uma canção apatetada sobre uma mulher que mata o marido com as tampas do «urinó»? Não será horrível e grotesco?

— É triste, é, caro Zé Maria, concordei, cheio de pena.
Estávamos nós a saborear devagar estas melancolias, como quem faz demorar na boca um gole de licor, quando entrou na «Via Láctea» uma mulher aparentemente jovem, de tez mate, olhos amendoados, extremamente joviais e um tanto malaios, os lábios cheios, mas de linhas puríssimas. Foi para junto do balcão, ficou de costas para nós e pediu uma bica. Depois, como o Esteves-sem-Metáfisica da tabacaria do Pessa, adivinhou por instinto divino que a estávamos olhando, voltou-se, deparou com o gato Zé Maria e fez-lhe um aceno cordial, ao mesmo tempo que os seus olhos travessos piscavam e se semicerravam. Rodou em seguida sobre os calcanhais e ficou-se junto do sr. Belarmino, a beber o cafezinho. Eu reparara, entretanto, que não era tão jovem como me parecera, que devia andar já pela quarentena. E antes mesmo de ter tempo de perguntar ao gato quem era aquela mulher, já ela pagava e sumia-se, como que por magia.

— O Zé Maria, quem é aquela mulher que te fez um aceno?
— Qual mulher? perguntou o felino com candura.
— Aquela que te disse adeus, tomou a bica e piscou-se num ápice, como por encantamento.

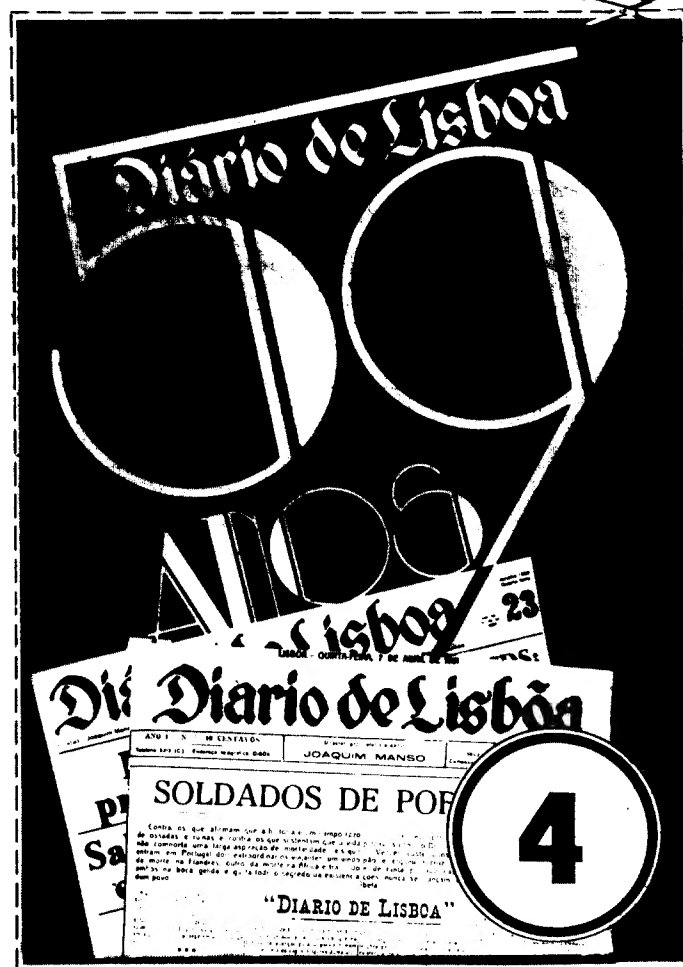
— Como por encantamento? Dizes bem, caro João, excelente amigo.

— O que queres dizer com isso? perguntei já intrigado.
O gato fez-se meditativo. Tirou outra cigarrilha da caixa holandesa, acendeu-a com hesitações, expeliu uma bafurada — e recomeçou:

— A infância, que coisa triste, não é?... Onde iamos nós? Ah, naquela mulher que entrou e saiu. Lembras-te daquela passagem do Cervantes em que o D. Quixote diz ao Sancho Pança: «Agora acabarás de conhecer, Sancho hijo, ser verdade lo que yo otras veces te he dicho, de que todas las cosas deste castillo son hechas por via de encantamento.» Lembras-te?

— Tenho uma ideia. Queres então insinuar que a «Via Láctea», leitaria na Lapa, na esquina da Travessa da Catrineta com a Rua das Berlengas, no meio desta Lisboa positiva e prosaica, sem mistérios nem feitiços ou bruxedos, antes positiva e rotineira, é uma espécie de mansão encantada com mágicos, príncipes, cavalos que voam, bichos que falam e mouras encantadas?

— Que pode saber dessas coisas um pobre gato nascido em Mocimboa da Praia, durante o domínio colonial português em África?, perguntou com malícia o bichano.



Concurso

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

•Continuamos hoje a publicação dos cupões e dos cadernos especiais da 2.ª Série, que, tal como a 1.ª Série, serão em número de 30, igualmente numerados de 1 a 30 e com os quais poderá iniciar nova colecção ou completar a sua colecção da 1.ª Série no caso de lhe faltar ainda algum número. Com efeito, muito embora a miniatura dos cupões seja diferente, os números são iguais e os cupões são válidos para as duas séries. Em resumo, fazemos o possível para não complicar a vida ao leitor!

•Poderá, assim, completar duas colecções e ficar com o dobro de possibilidades no sorteio final, além de que beneficiará da leitura de um jornal que precisa do apoio dos seus leitores, e de 30 cadernos especiais com textos e imagens de um

tempo mal conhecido por muitos e que serão publicados no decurso da 2.ª série.

•O leitor tem tempo (pelo menos mais de um mês e meio) mas, se quiser, pode ir enviando as suas colecções. Recorde-se: as colecções que quiser, mas apenas uma em cada sobrescrito e obrigatoriamente pelo correio. O boletim de identificação deve ser preenchido com letra bem legível, nas 2 faces (boletim de identificação e talão-recibo) com o nome tal como figura no bilhete de identidade. Se quiser, pode indicar o nome do seu vendedor habitual e remeta para DL/CONCURSO-Rua Luz Soriano, 44-1200 LISBOA

•O boletim de identificação, já várias vezes publicado, será ainda inserido de novo antes do termo do concurso.

MUSICA E...

2.ª feira, 12 de Maio, às 21.30 h.

SEGREIS DE LISBOA

Música medieval e do tempo de Camões

Soprano — Helena Afonso
Tenor — Fernando Serafim
Flauta doce, Cornemusa — Catarina Latino
Viola d'arco — António Oliveira e Silva
Viola da Gamba — Keneth Frazer
Alaúde e direcção — Manuel Morais

Teatro Aberto
entrada 50.00
Subs. Direcção Geral Acção Cultural

PORTUGAL, OÁSIS NO SISTEMA CAPITALISTA?

Silva Falcão

O nosso país é um oásis no sistema capitalista, que resvala por forma crescente para situações de extremas e insuperáveis dificuldades? Basta lembrar o que se passa em toda a Europa, a Europa Livre é claro, com a Inglaterra a ver duplicada em pouco tempo a sua taxa de inflação, com a Suécia à beira de um colapso, com todos os países sujeitos à asfixia de uma astaglificação, como se sabe cúmulo de inflação e desemprego, a qual representa o «calcanhar de Aquiles» de um sistema económico que prestou as suas provas, que foi útil mas está desactualizado e em completa putrefacção. Nos próprios Estados Unidos, o desemprego subiu no mês de Abril. Só neste mês 850 mil pessoas perderam emprego, sendo agora de 7% a percentagem de desempregados. E estes dados são insuspeitos. Provêm da Secretaria de Trabalho dos Estados Unidos.

Entretanto, em Portugal, haja Deus, tudo decorre por forma diversa, para melhor evidentemente. As perspectivas revelam-se optimistas: irá aumentar o poder de compra das populações (será que já aumentou?), o desemprego será minorado e o relançamento económico está ali à esquina. Eis as vantagens de existir em Portugal um Génio. E a receita nem se apresenta difícil: no mesmo tacho misturam-se

uma dada taxa de inflação, um dado aumento salarial e um dado decréscimo de impostos. É simples: Sá Carneiro explicou na sua última conversa em família. Todos nós acreditamos, é óbvio. Nem interessa considerar se os dados estão certos ou são misturáveis. Os amorfos acreditam. Pois é: se os outros países possuíam também o seu Génio, não chegaria a haver problemas e o sistema capitalista não se encontraria caduco. Os portugueses, sim, todos eles serão patrões, em breve tempo.

É incontroversa a crise do pensamento económico verificada na segunda metade do século XX. Os economistas ocidentais, mesmo os mais reputados, não conseguem adregar explicação cabal para o que decorre nos nossos dias. Eles reagem como se a crise que se vive fosse uma crise conjuntural quando ela é manifestamente estrutural. Teoricamente procuram iludir o estado de crise mortal do sistema que defendem, desmentindo as ideias concebidas e utilizadas no período de expansão do capitalismo. Já Marx caracterizara tais ideias como «ideias balofas que os agentes do regime burguês formam acerca do seu mundo, como o melhor dos mundos possíveis».

Estamos muito longe das profecias da economia abundante

para todos, que os doutrinadores do capitalismo apontavam. Por volta dos anos 2000, o rendimento médio familiar seria de 15 000 dólares. Neste mundo de abundância, a diferença entre ricos e pobres tenderia a desvanecer-se. Estas foram as promessas e conhecem-se as realidades actuais agora que estamos próximos do ano 2000.

Ante o quadro presente, da estagnação económica e crescente diminuição do poder de compra das populações, os economistas, na sua grande generalidade, procedem como médicos que apenas procuram diminuir a febre ou as dores dos seus pacientes. Sobem ou descem a taxa de juro, revalorizam ou desvalorizam a moeda, entregam-se a medidas pragmáticas, sem porém se pronunciarem acerca da probabilidade de vida de tais pacientes. Que anunciam quanto ao futuro da economia? Nada. Não sabem e aguardam, parece, qualquer solução divina.

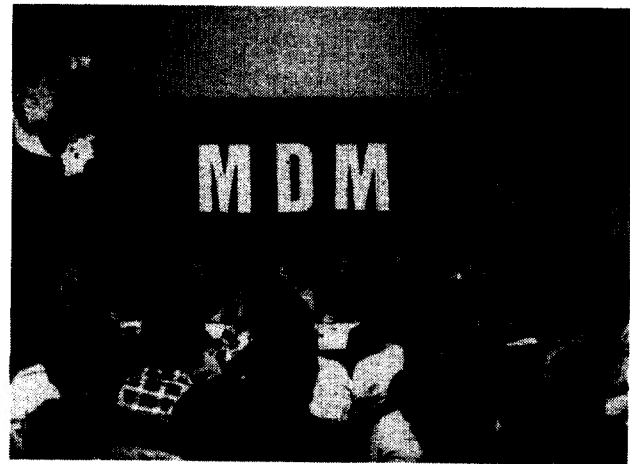
Um facto se torna evidente. Os grandes economistas estão a abandonar a ciência económica. Esta deverá ter como objectivo a forma das realidades futuras e, também, determinar as forças

que impelem as sociedades a seguir o seu rumo natural. Reputados economistas estão a abandonar nas suas exposições o jogo das forças económicas que ditam a evolução futura, passando a atribuir importância preponderante a factores marginais, de índole política e moral, certa moral.

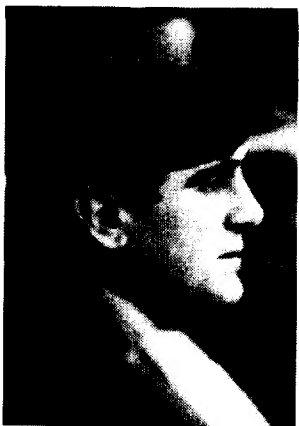
Já em Schumpeter o fenómeno era evidente. São do famoso economista as palavras seguintes: «Poderá o capitalismo sobreviver? Não. Não acredito que isso seja possível.» Por métodos objectivos e científicos, Schumpeter conclui que o capitalismo não conseguiria realizar o objectivo de Keynes de uma abundância universal. No entanto, o autor de «Capitalismo, Socialismo e Democracia» afirmou que o capitalismo poderia manter o seu movimento ascendente se os capitalistas se comportassem como cavaleiros medievais ou, pelo menos, como verdadeiros pioneiros. Estas ideias reportam-se ao ano de 1942 mas elas foram de certo modo ressuscitadas na actualidade.

Conclui amanhã

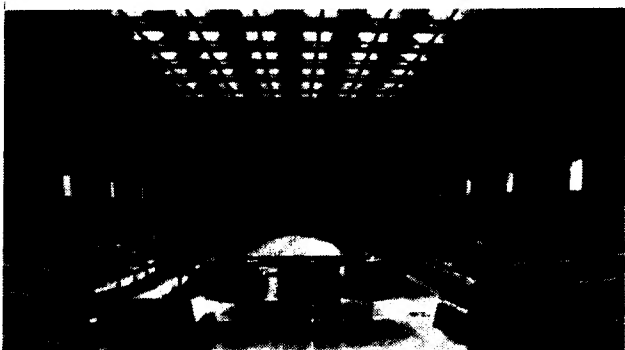
ponto a ponto



• O Encontro Distrital do Movimento Democrático de Mulheres apreciou ontem, no Porto, a «Carta dos Direitos da Mulher», aprovada no I Congresso do MDM. A «Carta» contém reivindicações cuja satisfação interessa à grande maioria das mulheres portuguesas, independentemente das suas convicções políticas ou religiosas, sublinha o documento. São exemplos, o direito ao trabalho, a maternidade como função social, o planeamento familiar e a protecção à mãe solteira.



• O ministro do Trabalho, no passado sábado (último dia da visita que efectuou ao Algarve), garantiu aos trabalhadores do empreendimento turístico das Pedras Del Rei, que os seus vencimentos em atraso vão ser pagos. Eusébio de Carvalho afirmaria ainda, entre outras coisas, que «o Governo está aberto ao diálogo com trabalhadores e sindicatos» e acrescentou «há que fazer a gestão dos conflitos em democracia».



• Uma delegação de deputados portugueses composta por Rui Pena (CDS), Adelaide Paiva (PSD), Rodolfo Crespo (PS), Henrique Moraes (CDS) e Alda Nogueira (PCP), encontra-se desde ontem em Bruxelas a fim de participar numa reunião convocada pela União Interparlamentar para tratar do desenvolvimento do Acordo de Helsinquia sobre segurança e cooperação europeias.



• Em Bruxelas, igualmente, encontra-se o ministro da Defesa Amaro da Costa, onde participa a partir de hoje em reuniões da NATO. Foi anunciado que o referido membro do Governo AD viajou acompanhado de alguns altos funcionários do seu ministério.



• O Presidente da República ofereceu no sábado, no Forte de S. Julião da Barra, um jantar ao presidente do Congresso do Brasil, Luís Viana Filho, que se encontra no nosso país para participar nas comemorações do quarto centenário de Camões promovidas pela Academia



CONVERGÊNCIA DEMOCRÁTICA E CLAREZA DEMOCRÁTICA

As garantias dadas pelo secretário-geral do Partido Socialista quanto à sua irredutível decisão de não negociar com o Partido Comunista, garantias dadas em declarações prestadas nas mais diversas ocasiões e em diferentes lugares, no País e no estrangeiro, tomaram possível estabelecer uma estratégia e reunir meios para relançar a operação do «bloco central». Operação que poderá encontrar uma virtual justificação no lançamento de uma candidatura presidencial, na necessidade de lhe assegurar uma votação confortável, mas que poderá reproduzir o equívoco da anterior «maioria presidencial», confluência ocasional de votos a que não correspondia um projecto político coerente.

Todavia, o mais grave equívoco da estratégia do «bloco central» é que, nas circunstâncias actuais, não poderá prescindir de votos complementares da área APU (PCP mais MDP-CDE) e que não poderá assumir em relação ao Partido Socialista uma posição de ultrapassagem suprapartidária. O apelo suprapartidário lançado à opinião e aos eleitores por cima das directorias partidárias, por excelente que seja o programa proposto, por aliciente que seja o projecto político, não poderá substituir as negociações francas.

Uma candidatura democrática não poderá ser uma candidatura contra o Partido Socialista (ou contra Mário Soares). Uma candidatura democrática não poderá ser uma candidatura contra o PCP (ou contra a sua direcção central). E qualquer que seja o «bloco central», o brilho das inteligências promotoras, o prestígio de algumas personalidades, o dinamismo de grupos de pressão e de minipartidos, os votos socialistas (históricos e modernos) e os votos comunistas (e do restante eleitorado APU) são necessários para fazer vingar um projecto, para realizar uma proposta, garantir o triunfo de uma candidatura.

Se o general Soares Carneiro, na opinião informada do general Galvão de Melo, é «o candidato da social-democracia rumo à extrema-direita», impõe-se que tenhamos em conta esta caracterização quando se pensar num «bloco central». Com o PSD, não haverá possibilidade de negociar. Ele escolheu o seu caminho. Depois de ter repetido o erro maior do Partido Socialista — a aliança com o CDS —, continuou a deslizar para a «direita» e foi escolher um candidato que o arrasta rumo à «extrema-direita». Verificada esta deslocação do PSD parece que ficarão facilitadas as condições para a criação de um «bloco central», mas essa é uma ilusão que tem os seus riscos e que será de curta vida. O «bloco central» será (seria) um compromisso. O País atravessa uma situação difícil. Situação que se não resolverá com compromissos, mas com uma política democrática de reformas e de iniciativas renovadoras, uma política que corresponda ao mandato da Revolução de 25 de Abril.

Fala o comunicado da Comissão Nacional do Partido Socialista, reunido ontem para adiar uma escolha da qual se pretendeu fazer um motivo de divisões e de despeitos, que o partido recusa soluções que se não verifiquem nos «termos constitucionais» e que assegurem a «salvaguarda dos valores de Abril».

Não negamos que o silêncio do Partido Comunista em matéria de eleições presidenciais e que este formal adiamento de uma escolha pública por parte do Partido Socialista, são indicativos de que as forças democráticas não estão em condições, e a sua divisão contribui para esse facto, de lançar uma iniciativa política. Inútil falar do timing que é folegado, ou argumentar com a precedência e impacto das «eleições legislativas». Insistimos em que a «eleição presidencial» é determinante.

Determinante em relação às «eleições legislativas»; determinante em relação ao curso político de 1980 a 1984. Porque será a designação de um candidato à Presidência da República que, apresentando-se como defensor da Democracia de Abril e negociando com as forças democráticas, políticas e sindicais, com partidos, minipartidos, grupos e individualidades, poderá apresentar-se a um eleitorado perplexo ante tão diferentes solicitações como um factor de aglutinação, como um factor de mudança democrática, como um dinamizador de energias desmobilizadas.

Não se trata de um candidato suprapartidário. Trata-se de encontrar o candidato da estabilidade democrática, do avanço sociopolítico no quadro institucional democrático, o defensor de Abril.

Mas essa candidatura não poderá apresentar-se à opinião pública, e muito menos ao eleitorado socialista, como uma tentativa de dividir ou de manipular um grande partido democrático. Quando se fala de «manipulação da futura sucessão de Mário Soares» («Expresso», 10/5/1980) ou da «decapitação» de Mário Soares como líder do Partido Socialista («A Capital», 10/5/1980), procura-se desviar para o seio do Partido Socialista as consequências de um adiamento que desgasta a candidatura Soares Carneiro ou as de uma decisão que aceleraria a sua caracterização como candidatura «rumo à extrema-direita». E procura-se, também, que a participação do Partido Socialista num acordo eleitoral apareça diminuída por dificuldades internas. Não sendo de excluir ainda que se tenha em vista criar um Partido Socialista dócil para um projecto de salvação, a médio prazo, no seio de um «bloco central» de uma parte de um PSD que não resistirá nem à derrota eleitoral nem à vitória eleitoral.

Explicuemo-nos. O PSD não resistirá à derrota eleitoral (nas legislativas), não sobreviverá na sua composição e estrutura actuais, se deixar de contar com uma «maioria parlamentar». O PSD não resistirá à vitória eleitoral (nas presidenciais), não suportará os efeitos do arrastamento «rumo à extrema-direita».

Não é esta campanha da semana finda a primeira, nem será a última, para isolar e dividir o Partido Socialista. O propósito não é fortuito, a coincidência das referências não é ocasional. Estamos perante uma nova ofensiva. Reduzir o Partido Socialista a um parceiro sem autonomia e sem autoridade poderá ser um esforço vão e é, com toda a certeza, um erro político. As soluções democráticas terão que ser negociadas.

Defender Abril. Continuar Abril. Como nada há que esconder, tudo poderá ser debatido em público, com os cidadãos, com os democratas.

Pela 1.^a vez em Portugal

Encontro Nacional de Saúde promovido pelo PCP

● Feitas severas críticas à política do Governo e apontadas muitas soluções

Com seiscentos e oitenta participantes entre delegados e convidados, terminou ontem, na «Voz do Operário», o Encontro Nacional de Saúde promovido pelo PCP, sendo de assinalar que se trata da primeira iniciativa deste género levada a cabo no nosso país.

Funcionaram quatro secções abertas aos delegados e convidados, que trabalharam os seguintes temas: «Política de Saúde», «Cuidados primários de Saúde», «Melhoria dos cuidados hospitalares», «Problemas socioprofissionais dos trabalhadores da Saúde», funcionando ainda uma subsecção sobre problemas socioprofissionais dos médicos.

Na sessão plenária que encerrou ontem o Encontro, interveio em primeiro lugar o médico João Camilo, membro da DORL do PCP e do Executivo Nacional do Encontro, cuja comunicação intitulada: «Uma Política de Saúde para o Portugal de Abril», apontava soluções muito concretas para a solução dos muitos problemas da Saúde considerados insolúveis ou pelo menos adiados pelos sucessivos governos destes últimos anos. Mas a crítica mais acerada viria pela voz de Carlos Brito que, referindo-se ao actual Governo, diria a dado passo: «O nosso Encontro assume, pela sua própria natureza e pelos objectivos, o carácter de

um acto de denúncia, protesto e luta contra os desmandos e atentados cometidos no domínio da Saúde pelo Governo AD, o mais reacção e desonesto de todos os que existiram em Portugal depois do 25 de Abril». Carlos Brito falava também das campanhas demagógicas do executivo de Sá Carneiro-Amaral neste campo, que exemplificaria com a seguinte nota crónica: «Não terá o Governo para os hospitais e outros serviços de saúde um plano de investimento como o da CP, desde que as obras sejam bem visíveis e realizadas até Setembro, sobretudo muitos cartazes com os dizeres «Obras em Curso para o Conforto dos Doentes».

Sem se desviar do tema do Encontro, Carlos Brito não deixaria de comentar, quanto à política externa do Governo, que «a medida que desenvolve uma operação subversiva contra o regime democrático com a ofensiva para restaurar a exploração do tempo do fascismo, a ofensiva contra as

nacionalizações e a Reforma Agrária, a ofensiva contra as liberdades e os direitos dos cidadãos e na política externa a obediência servil aos círculos mais agressivos do imperialismo e da NATO, o Governo Sá Carneiro-AD põe mais a descoberto a sua natureza de classe, de Governo do grande capital e dos ex-monopolistas e o carácter fascizante de que cada vez reveste mais a sua política». E acrescentaria: «A política do Governo não visa resolver nenhum problema do país, visa restaurar fortunas, privilégios e poderes dos ex-senhores do capital e da terra», salientando que tal acção exige a imediata demissão do actual executivo.

Houve ainda mais treze intervenções, sendo de revelar a de Ana Nunes, médica no Funchal (na qual se acusava a Ordem dos Médicos de dar aval à política de direita do PPD-CDS), a de Emílio Peres, chefe de clínica no Hospital de S. João do Porto e a de Orlando Leitão.

Silas Cerqueira em Évora:

“Actuals governantes têm ódio e medo à paz”

Falando sobre a situação política mundial, Silas Cerqueira, do Conselho Português para a Paz e Cooperação, declarou sábado à noite, em Évora, que «hoje o desarmamento não só é possível, como é um imperativo».

Silas Cerqueira falava numa sessão sobre a paz e o desarmamento, integrada numa campanha que aquele movimento está a levar a efeito de Norte a Sul de Portugal.

Depois de considerar que a situação política mundial «é séria, difícil e perigosa», Cerqueira afirmou que «a causa da paz deixou de ser para o povo português uma causa abstracta, para aparecer como uma causa intimamente ligada a ele».

Silas Cerqueira, que se mostrou a favor de um desarmamento geral, simultâneo e controlado em todo o Mundo, afirmou a título de curiosidade que está previsto gastar-se durante o corrente ano na corrida aos armamentos cerca de 500 bilhões de dólares a nível mundial.

Criticando o actual Executivo português, aquele membro do CPPC afirmou que «os actuals governantes destacam-se pelo seu ataque ao desarmamento, à paz e ao próprio Conselho Português para a Paz e Cooperação».

Sobre este aspecto, referiu que «esses ataques revelam o ódio e o medo que têm à paz».

Durante a sessão falou ainda Fernando Loureiro, igualmente membro daquele organismo, que analisou as consequências económicas e sociais da corrida aos armamentos, acentuando que «as consequências são terríveis para todos os países, mas sobretudo para um país como o nosso, subdesenvolvido em muitos campos».

Depois de afirmar que os focos de tensão em vários pontos do Mundo podem pôr em perigo toda a Humanidade, Fernando Loureiro disse que «o actual Governo pretende envolver-se nos problemas da guerra fria ou morna, indo mesmo mais longe, pretende ser o campeão da guerra fria».

Fernando Loureiro terminou afirmando que é importante alertar a juventude para que ela tome consciência dos riscos que a Humanidade corre com uma terceira guerra mundial de tipo nuclear e atómica.

Estiveram ainda presentes na sessão, que decorreu no Palácio de D. Manuel, Maria Lamas e elementos da Comissão de Évora do Conselho Português para a Paz e Cooperação.

MDP enuncia objectivos da Esquerda:

Derrotar AD nas Legislativas e Soares Carneiro nas Presidenciais

O MDP/CDE aprovou este fim-de-semana em Lisboa um documento sobre a estratégia do partido no âmbito do poder local, obtido na conclusão de três meses de trabalhos por todo o País.

Durante as várias sessões de trabalho, realizadas sábado e domingo, foram também aprovadas moções de repúdio pelo corte de verbas às autarquias, cuja responsabilidade foi atribuída ao Governo e aos grupos parlamentares da AD.

Em discurso ontem proferido na sessão de encerramento, o presidente do partido, José Tengarrinha, sublinhou a importância para a democracia portuguesa das eleições deste ano e afirmou que «o principal objectivo das forças de esquerda é a derrota da AD nas Legislativas e do seu candidato Soares Carneiro nas Presidenciais».



Talvez que a ida à Holanda, iniciada esta manhã, alivie Mário Soares das preocupações que a reunião de ontem lhe causou

Depois da reunião da Comissão Nacional do PS

Candidatura de Eanes ganha ainda mais peso

A Comissão Nacional do Partido Socialista, ontem reunida em Lisboa, decidiu encarregar Mário Soares de «orientar pessoalmente» as diligências necessárias para a escolha de um candidato presidencial.

O comunicado final da reunião, que durou cerca de oito horas, salienta que o PS «deve apresentar um candidato próprio ou apoiar um candidato independente».

«Nesta última hipótese» — acrescenta o texto — «o candidato deve assumir com o PS um compromisso que, designadamente, garanta a fidelidade ao espírito do 25 de Abril e aos princípios essenciais da democracia política, social, económica e cultural, consagrados na Constituição».

O comunicado afirma ainda que «incumbe ao secretário-geral orientar pessoalmente as diligências necessárias de modo a, no momento julgado oportuno, habilitar a Comissão Directiva a tomar uma decisão final».

Segundo algumas personalidades presentes na reunião, este texto resultou de uma proposta apresentada por António Arnaut.

Na tarde de ontem, durante o intervalo da reunião, Arnaut disse aos jornalistas que «quando se fala em candidato independente apoiado pelo PS se refere essencialmente a Ramalho Eanes».

A Comissão Directiva deverá reunir ainda este mês para a decisão final do candidato a apoiar pelo PS.

O secretário-geral do partido, Mário Soares, tem tido encontros com Ramalho Eanes, o último dos quais se realizou no sábado à noite.

Entretanto, Soares desmentiu que esteja no seu «horizonte político» candidatar-se ele próprio à Presidência da República.

«Não está, nem nunca esteve, assim como nunca autorizei nin-

guém a dizer isso», declarou o secretário-geral do PS antes de se iniciar a reunião da Comissão Nacional do seu partido.

Já nessa altura afirmou que talvez não fosse ontem divulgada a escolha do PS porque «nem é o timing (tempo adequado) nem a Comissão Nacional é o órgão estatutário para decidir». Soares anunciou para breve uma reunião da Comissão Directiva para tomar essa decisão.

A propósito da data de indicação do candidato presidencial o líder socialista disse que não foi por acaso que a Aliança Democrática anunciou já o seu candidato.

Tratou-se de criar com o lançamento de Soares Carneiro uma situação difícil às forças da oposição e ao Presidente da República — concluiu.

Na reunião de ontem, os socialistas analisaram as diligências em curso para a formação da Frente Eleitoral com a ASDI, UEDS, MSD e independentes e aprovaram o lançamento de uma campanha de fundos apresentada pela Comissão Técnica Eleitoral para as próximas eleições.

A reunião da Comissão Nacional, que se realizou nas instalações do partido no Largo do Rato, teve a participação da quase totalidade dos 183 dirigentes que expressaram a «inteira confiança» em Mário Soares.

Soares tem a liderança do processo e, embora os tópicos da discussão tenham sido mantidos em segredo, crê-se que apresentou à reunião o quadro em que é possível dialogar com Eanes, definindo um conjunto de condições a ter em conta na que é considerada a primeira hipótese dos socialistas.

Soares na Holanda

Mário Soares partiu esta manhã para a Holanda, onde vai

participar na Conferência de Emergência sobre o Caso de Anatoly Shcharansky. Nesta conferência, participam ainda Andrew Young, antigo Embaixador norte-americano na ONU, Joop Den Yul, presidente do Partido do Trabalho holandês e Michel Rocard, dirigente do PS francês e que esteve recentemente em Portugal.

Entretanto, os dirigentes António Guterres, Soares Louro e José Niza participaram, este fim-de-semana, em Arraiolos, na Festa da Primavera, organizada pela secção do PS daquela vila alentejana. Como convidado assistiu ainda à festa um grupo de sindicalistas espanhóis da UGT e representantes do Partido Socialista Operário Espanhol.

ASDI na Madeira

O representante na Madeira da ASDI afirmou que, também a nível regional, poderá haver uma aliança com o PS. António Loja reuniu-se este fim-de-semana com o Secretariado PS da Madeira, início de negociações que prosseguirão no próximo fim-de-semana.

Reflexão da UEDS

O Conselho Directivo Nacional da UEDS reúne no próximo fim-de-semana em Lisboa. Como objectivo principal, a análise de um possível texto do acordo final com o PS para a formação da Acção Socialista. Entretanto, este fim-de-semana, a Assembleia Distrital do Porto analisou a forma como estão a decorrer as conversações com o PS e a ASDI para a formação da Aliança Socialista.

UDP coloca um “se” ao diálogo com o PCP

A UDP está aberta ao diálogo com o PCP desde que este responda à proposta que lhe foi feita em Março, segundo afirmou Amadeu José Ferreira, membro do Secretariado daquela organização.

Quanto à integração na FUP (Frente de Unidade Popular), Lima Neves, em nome da UDP, disse que o facto de não haver uma real estruturação política «tem impedido a organização de unidade popular», embora considere urgente e necessário «conjugar esforços no sentido de

dar viabilidade ao projecto». A UDP, cuja Comissão Nacional «esteve reunida no fim-de-semana a fim de fazer um balanço do IV Congresso e estudar o papel que irá ter na FUP, critica a actividade das autodenominadas Forças 25 de Abril que alguns meios identificam com sectores de esquerda.

De acordo com a UDP trata-se de «uma manobra confusionista que visa identificar o 25 de Abril com a violência minoritária e marginal, o que só a direita interessa».



Correio Económico
A melhor informação económica publicada na imprensa mundial. Semanalmente, à quinta-feira, ao alcance de governantes, diplomatas, gestores de empresas, economistas, advogados de negócios, ou seja, todos quantos precisam de estar bem informados, para decidirem melhor... Para aqueles que não têm um minuto a perder. Para si. Venda exclusiva por assinatura.

R. Rodrigues Sampaio, 52 - 2.^o 1100 Lisboa
Tel. 53 37 61 / 4 12 60



Comemorado no Barreiro o V.º Aniversário da Nacionalização da CP

• Vasco Gonçalves foi um dos oradores

«O **gonçalvismo** foi uma arma psicológica criada pela reacção fascista, para dividir os trabalhadores. Mas eles estão hoje melhor preparados para a luta que se vai travar pelo futuro de liberdade do povo português, independentemente dos riscos que porventura possam daí advir» — disse o general Vasco Gonçalves, durante uma alocução de breves minutos, para a qual foi solicitado no decorrer do quinto aniversário da nacionalização da CP, comemorado anteontem no Barreiro por iniciativa do Sindicato dos Ferroviários do Sul.

Recebido pelos trabalhadores presentes com aplausos e calorosas demonstrações de amizade, Vasco Gonçalves não se pôde furtar à insistência com que lhe pediram para falar. «Foi a aliança do povo com o MFA» — diria na abertura da sua alocução — «que permitiu as nacionalizações como esta que estamos a comemorar. Todos temos grandes responsabilidades» — acres-



centaria — «na defesa das liberdades conquistadas. Cada um de nós, por mais insignificante que se julgue, tem o seu lugar na luta contra a subversão com que o actual Governo pretende levar o país ao regresso ao fascismo». E Vasco Gonçalves afirmaria ainda: «A defesa da democracia faz-se com o coração, mas também com a coerência. Quando falamos nos interesses dos trabalhadores, falamos nos inte-

resses de Portugal». Acentuou que «a unidade é um trabalho constante, quotidiano e necessário, como, por exemplo, a unidade entre comunistas e socialistas é uma constante necessária para que a democracia triunfe dos seus inimigos».

Antes de Vasco Gonçalves, tomaram a palavra Helder Madeira, presidente da Câmara do Barreiro, António Carvalho, presidente da Junta de Freguesia local, Marques Antunes, do grupo parlamentar do MDP-CDE, Helder Pinheiro, do grupo parlamentar do PCP, Carlos Carvalho, do secretariado da CGTP-IN e José Antunes da Silva, do Sindicato dos Ferroviários do Sul.

Todos os oradores foram unânimes em apelidar o actual Governo de «fascizante» e no apelo à defesa das nacionalizações atacadas, disseram, «pelo pior governo de todos os que se formaram depois do 25 de Abril». Nas comemorações estive-

ram incluídas provas desportivas e um almoço, para o qual trabalhadores da Reforma Agrária ofereceram alguns litros de azeite.

No final, os muitos trabalhadores presentes dispensaram a Vasco Gonçalves uma forte ovacção, terminando-se com vivas à Democracia, às nacionalizações, à unidade popular.

Recandidatura Eanes solicitada pelo MSD

A recandidatura do general Ramalho Eanes às próximas presidenciais começa a tomar forma. De facto, o Movimento Social Democrata (MSD) manifestou no passado sábado o seu apoio à recandidatura do actual Presidente da República, considerando, entre outras razões, «A integridade moral do general Eanes». Naquela reunião do MSD, que como se sabe se constitui por dissidentes do PSD de Sá Carneiro, foi decidido solicitar formalmente a Ramalho Eanes a respectiva recandidatura.

Relativamente à actual situação política a Comissão Nacional do MSD considera estar a intensificar-se uma nefasta bipolarização da sociedade portuguesa, comandada pelo Governo AD e susceptível de conduzir a uma dinâmica de confronto mais grave e ao eventual advento de um regime de cariz fortemente autoritário.

A mesma Comissão, cujo secretariado é dirigido por Jorge Sá Borges, deliberou também iniciar o processo de criação das estruturas organizativas inerentes à sua transformação em partido.

JSD congratula-se com “distribuição de terras aos camponeses alentejanos”

Situação política e questões de orgânica interna foram temas debatidos durante a reunião do Conselho Nacional da Juventude Social Democrata (JSD) que ontem terminou em Lisboa.

A JSD analisou vários pontos relativos à situação política nacional, congratulando-se com a escolha do general Soares Carneiro como candidato presidencial a apoiar pelo PSD e reafirmando o propósito de apoiar também a sua candidatura.

A JSD manifestou ainda a sua satisfação pela actuação dos ministros das Finanças e da Agricultura, nomeadamente pela «manutenção do equilíbrio da economia portuguesa e a distribuição de terras aos camponeses alentejanos».

No aspecto da resolução de

problemas de orgânica interna, a JSD decidiu ratificar os seus estatutos regionais na Madeira e preencher a vaga existente no Conselho Nacional do PSD, elegendo para o efeito Vasco Grade, membro da comissão política nacional e secretário distrital do Algarve.

Decidiu ainda solicitar ao partido uma maior representati-

vidade nas listas para as próximas eleições legislativas, tendo aprovado também um projecto regulamentador de candidatos a deputados referentes a militantes da JSD.

Finalmente, a JSD decidiu convocar o IV Congresso Ordinário a realizar no Algarve, em data a fixar, entre as eleições legislativas e presidenciais.

PCP (R) apoia candidatura de Otelo

Por considerar que Ramalho Eanes não é uma alternativa a Soares Carneiro, o Comité Central do PCP(R) decidiu apoiar a candidatura de Otelo Saraiva de Carvalho às eleições presidenciais.

Na opinião daquele partido a

candidatura do major Otelo é «a única capaz de defender o 25 de Abril e derrotar a direita», devendo ser enquadrada pela FUP apesar das diferenças e mesmo divergências políticas e ideológicas das forças que a compõem.

O PCP (R) critica, ainda, o

PCP por apresentar um candidato próprio, sublinhando que tal posição não só divide os trabalhadores como acaba «por servir a candidatura de Soares Carneiro e dá apoio, mais ou menos aberto ao general Eanes».



**Sindicato Nacional
dos Trabalhadores
das Administrações
e Juntas Portuárias**

Rua da Rosa, 138-3.º Dt.º — tel. 370803 — LISBOA-2

GREVES EM TODOS OS PORTOS DO CONTINENTE

Exmos. Senhores

Secretário de Estado da Marinha Mercante

Ministro dos Transportes e Comunicações

Considerando que o Dec.-Lei n.º 247 de 25 de Julho de 1979 não foi aplicado nos prazos previstos ou seja até 26 de Janeiro de 1980;

Considerando que o mesmo mais uma vez não foi cumprido;

Considerando que o Diploma aprovado em Conselho de Ministros no dia 17 de Abril de 1980, não corresponde à versão final que nos foi presente em 31 de Março de 1980, como condição para suspendermos as Greves nos dias 1 e 2 de Abril;

Facto que torna em alguns casos inaplicável o Estatuto Jus Laboral;

Considerando que em termos de prazos nada está garantido;

Considerando que em relação ao horário de trabalho nos foram pedidos em 26 de Março de 1980, mais duas semanas o que já passaram cinco sem que tenha havido qualquer solução;

A Direcção do Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Administrações e Juntas Portuárias, avisa ao abrigo dos art.ºs 2.º, 3.º e 5.º da Lei n.º 65/77 de 26 de Agosto, que os trabalhadores das Administrações e Juntas Portuárias, entram em greve nos dias 15 e 16/5/80, entram de novo em greve nos dias 21, 22, e 23/5/80 com a suspensão do trabalho extraordinário dos dias 24 e 25 caso o Governo não dê solução até 14 de Maio de 1980, aos problemas que já se arrastam e se agravam há tanto tempo.

A DIRECÇÃO

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO E SERVIÇOS DO DISTRITO DE LISBOA

PLENÁRIO GERAL DO SECTOR DO COMÉRCIO (RETAILISTA) DE LISBOA

**TERÇA-FEIRA
13 de Maio 21 h.**

TEATRO ADOQUE (MARTIM MONIZ)

Convocatória

Convocam-se todos os Trabalhadores abrangidos pelo CCTV do Comércio (Retailista) de Lisboa para um Plenário Geral a realizar na data e local acima indicados com a seguinte

Ordem de Trabalhos

1. Discussão do anteprojecto de revisão do CCTV
2. Aprovação da proposta de revisão do CCTV

Os sindicatos Outorgantes

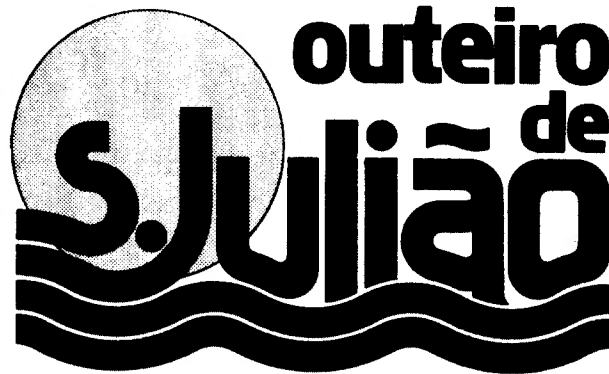
ANTECIPE-SE À INFLAÇÃO

a casa dos 6 bons

**BOM PREÇO
BOAS CONDIÇÕES
BOM INVESTIMENTO
BOA CONSTRUÇÃO
BOM ESPAÇO
BOA LOCALIZAÇÃO**

**Para habitação própria
ou rendimento**

A partir de 950 contos



**Visite o andar modelo todos os dias úteis
das 10 às 12.30 ou das 14 às 19.
Sábados e Domingos, período da tarde.**

Um empreendimento ☒ **MERCATOR**
Alto da Barra-OEIRAS-Tel. 2420980

de ontem para hoje



Antunes da Silva: um serão alentejano

Antunes da Silva, autor de «O Suão», nascido há 59 anos em Évora, foi sábado à noite homenageado na «Casa do Alentejo». Tudo se passou num «serão» concorrido, colaborado por dezenas de alentejanos e não só, com referências literárias e humanas pelas vozes de Pedro Martins (a juventude) e de Manuel Soares (a geração do homenageado). Houve caldo de cação, vinho de boa cepa transtagnana e o canto da «Terra do Nosso Pão» até às tantas da madrugada. Com uma frase a reter: «O escritor deve ser um valor anónimo do seu povo», dita por António Candelas, presidente da direcção da «Casa do Alentejo», reflexo feliz do que até à data tem sido o quotidiano de Antunes da Silva.

Hospital de Santo

António: uma semana de sensibilização

Com uma peça de teatro infantil ontem desempenhada pelo grupo de teatro de ensaio de Gaia, teve ontem início no Porto a Semana do Hospital de Santo António, promovida pela Liga dos Amigos daquele estabelecimento hospitalar. «O objectivo desta iniciativa é a abertura do hospital à população, no sentido de alertá-la para as condições precárias em que vivem os doentes internados», afirmou aos jornalistas um porta-voz da Liga. Durante a «Semana do Hospital», que se prolonga até ao próximo sábado, haverá um colóquio sobre a «Humanização na Comunidade da Saúde», uma mesa-redonda sobre os direitos dos doentes, além de espectáculos e um peditório público a favor da Liga.

Na Codilivro:

«Infâncias» de Otelo a Lopes Graça

A Livraria «Codilivro» anuncia para esta tarde, a partir das 18 horas, o lançamento de «Recordações de Infância», um livro de Sylvan. A edição é da Ró. A «Codilivro» fica em Benfica, na Praça Dr. Nuno Pinheiro Torres, 2-A, e a obra de Sylvan recorda as infâncias (com «fotos» e tudo) de Otelo Saraiva de Carvalho, José Gomes Ferreira, Amélia Rey-Colaço e Anjos Teixeira.

Em Ponta Delgada: «Santo Cristo» com crentes descalços

Realizou-se ontem a tradicional procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres, que percorreu as principais artérias de Ponta Delgada.

Para além dos crentes, dezenas dos quais fizeram o percurso, de quase duas horas, descalços no cumprimento de promessas, incorporaram-se no cortejo algumas centenas de turistas estrangeiros e nacionais, oriundos sobretudo das comunidades açorianas das EUA e do Canadá. Presentes

o embaixador norte-americano, Richard Blomfield, e o secretário de Estado da Comunicação Social, Sousa e Brito.

Para meditar: três suicídios na zona do Porto

Três suicídios na zona do Porto, dois dos quais nas águas do Douro. Assim: o tintureiro Fernando Cardoso da Rocha, de 36 anos, que residia em Valadares, acabou os seus dias lançando-se do alto do tabuleiro da Ponte de D. Luís I. Fernando Laurentino Vasques Lopes, de 28 anos, nascido no Porto, atirou-se ao Douro, na zona da Ribeira, frente ao posto da Guarda Fiscal. Fernando já há dias telefonara à PSP, anunciando os seus móbidos intentos. Finalmente, Miguel Dias Ferreira Pacheco, de 59 anos, apareceu morto junto à porta da sua residência, em Santo Tirso. Junto ao cadáver estava uma pistola.

No Algarve: de bicicleta com guia-intérprete

Os turistas, a partir de 1 de Junho, vão ter oportunidade de conhecer o Algarve, não em modernos autocarros, mas montados em simples bicicletas. A iniciativa, soube-se ontem em Faro, é de uma pequena empresa algarvia de aluguer de bicicletas que estabeleceu dois circuitos, ambos com partida e chegada a Faro. Um dos percursos permitirá visitar Estói, Moncarapacho, Fuzeta e Olhão, sendo o outro dedicado a Loulé, Quarteira e Vale do Lobo. Os passeios turísticos efectuar-se-ão todos os domingos e quintas-feiras. Por um preço único, os candidatos ao exercício físico terão direito a uma bicicleta com respectivo seguro e um almoço de sardinhas assadas, vinho da região, pão, fruta, salada e café. Para evitar grandes reclamações ou incidentes acidentais, os turistas serão sempre acompanhados por um guia-intérprete, um mecânico de bicicletas e um socorrista-massagista.

“Assassino” de 25 mil baleias vai para a sucata

Ferido de morte e afundado no Tejo por uma carga explosiva colocada a bordo por sabotadores ecologistas, o navio baleeiro «Sierra», que foi posto a flutuar na passada sexta-feira por uma equipa de mergulhadores do Porto de Lisboa, está no entanto considerado perdido, segundo terá declarado à ANOP o comandante Faria de Carvalho.

De facto, o adjunto da Capitania do Porto de Lisboa referiria ainda que após várias tentativas fracassadas, a equipa de mergulhadores levou a bom termo o seu trabalho, conseguindo erguer do fundo do Tejo o velho

baleeiro, o qual, recobado para o Jardim do Tabaco, mantém uma inclinação de cerca de 90 graus. Dentro de dias o «Sierra» será levado por rebocadores para os estaleiros da Lisnave, onde se procederá ao seu desmantelamento para a sucata.

Como se recorda, o «Sierra», de 683 toneladas e 63 metros de comprimento, que arvorava a bandeira cipriota, dedicava-se à captura de cetáceos, o que o tornava um alvo particular dos ecologistas. De facto, no dia 6 de Fevereiro último, uma carta explosiva afundava-o junto ao Cais do Jardim do Tabaco. Tratou-se do segundo acto de sabotagem

praticado contra um baleeiro em águas portuguesas. O primeiro, foi cometido no abaloamento deliberado, ao largo de Leixões, por um navio pertencente a uma organização de defesa da ecologia, o «Shepped».

Em 6 de Abril o «Sierra» começou a surgir com a proa acima da superfície das águas, o que o tornava um perigo para a navegação no Tejo e em 15 do mesmo mês seria propositalmente afundado pelas autoridades portuguesas. O velho baleeiro é acusado por várias organizações de ecologistas de ter dado caça a mais de 25 mil baleias nos últimos dez anos.

Madrilenos também seriam lisboetas e lisboetas também seriam de Madrid

Está a decorrer na «Casa de Campo» da capital espanhola, a 1.ª Semana de Lisboa, que foi inaugurada no passado sábado com a presença do embaixador português João Sá Coutinho, do presidente da edilidade madrilenha, Tierno Galvan e do vereador do Município de Lisboa, José Vasconcelos Abreu.

Esta «Semana de Lisboa em Madrid» engloba uma exposição de artesanato, tendo sido considerado, nas alocações proferidas no acto inaugural, que assim se concretizava a primeira das

manifestações de amizade entre as duas capitais ibéricas. O presidente da vereação de Madrid diria que «Lisboa e Madrid são dois municípios que vão viver em conjunto e os seus cidadãos deverão chegar a ter dupla nacionalidade.»

Painéis de cerâmica moderna em Almada ameaçados de roubo ou vandalismo

Os painéis de cerâmica moderna, da autoria do pintor Manuel Cargaleiro, existentes, há mais de 25 anos, no Jardim Dr. Alberto de Araújo, em Almada, correm o risco de degradação ou roubo se, entretanto, não forem tomadas medidas adequadas e urgentes, por parte da Câmara Municipal de Almada, proprietária daquela obra de arte.

Tal como a nossa foto documenta, dois ou três fragmentos laterais dos referidos painéis desapareceram misteriosamente, desconhecendo-se de momento se devido a roubo ou apenas a vandalismo. De qualquer modo e tendo em conta a cotação internacional dos trabalhos artísticos de Manuel Cargaleiro não nos custa a acreditar que eles possam interessar a qualquer coleccionador particular e que este se esteja a aproveitar da situação.

Feridos na sua grandiosidade com a construção da Igreja nova de Almada (que, por teimosia da Câmara Municipal de então, foi abusivamente implantada num recanto do referido jardim público), os painéis mereciam um enquadramento urbanístico mais adequado e, porque não, serem transferidos para um local, onde a obra de arte melhor se destacasse. Sabemos que ao próprio Manuel Cargaleiro não desagradaria tal solução. O artista, hoje considerado como um «pintor de Paris», tem grande parte da sua vida ligada a Almada e por tal nutre grande carinho pela cidade.

De salientar que os painéis de Almada constituem uma das primeiras e principais obras de cerâmica moderna portuguesa, executada nos anos cinquenta, a ser colocada em lugares públicos. A sua colocação, no então

Jardim Sá Linhares, ficou a dever-se ao antigo presidente do município Dr. Aquilino de Monteverde, pessoa interessada como foi pelas coisas de arte.

A pintora Vieira da Silva deslocou-se um dia propositalmente a Almada para ver a cerâmica de Cargaleiro e, segundo nos contaram, teria ficado admiradíssima pelo facto de encontrar, nessa data, num jardim público português uma peça de cerâmica moderna, de tanta grandiosidade e valor artístico.

Espera-se pois que alguém tome as necessárias medidas de maneira a preservar o património cultural, cuja defesa se impõe e constitui uma tarefa de todos nós.

Tal como aconteceu com a «Casa da Coroa», da Costa da Caparica, aqui fica o nosso alerta.

Pescador

persistente

Preferiu perder o barco a largar o peixe

Um pescador amador, de nacionalidade alemã, foi encontrado ao fim da manhã de sábado ao largo de Alvor, sem barco mas com um belo exemplar de peixe bem agarrado.

O alemão Otto Niegewoher saiu de casa de manhã com o fim de ir pescar guelhas, peixe da família dos tubarões, garantindo à mulher regressar cerca das 16 horas.

Embarcou num bote de borracha com cerca de 3,5 metros de comprimento e, como ao princípio da noite ainda não tivesse regressado, foi dado o alerta para a capitania de Portimão.

A capitania, na altura a braços com outro desaparecimento — o da embarcação «Idalécio José» com um tripulante — dividiu as buscas por dois barcos-patrolha.

Quando a capitania já se preparava para solicitar buscas aéreas, uma vez que as maritimas se mostravam infrutíferas, um pescador de Alvor encontrou o alemão.

Este pescara de facto uma guelha com 2,5 metros de comprimento, mas o animal, já nos derradeiros momentos de vida, ainda logrou encontrar forças para, mercê de um forte safanão, afundar o bote de borracha do seu carrasco.

Mesmo sem bote, o pescador, munido de um colete salva-vidas e bastante longe da costa, não largou a sua presa, vindo a ser encontrado exausto, mas com a glória do exemplar pescado.

Quanto ao tripulante da «Idalécio José», foi também encontrado ontem pelo navio-patrolha «Geba», três milhas a sul de Carvoeiro, procurando desesperadamente atingir a costa a remos.

Saiu no dia 8 e faltara-lhe o combustível.



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

MAQUINISTAS

Os Caminhos de Ferro Portugueses, EP, pretendem admitir alunos maquinistas destinados, após formação adequada, à condução de locomotivas, automotoras e tractores.

CONDIÇÕES EXIGIDAS:

- Idade — compreendida, entre os 24 anos completos e os 35 anos incompletos
- Habilitações literárias — nível do antigo 5.º ano, dando-se preferência aos possuidores de cursos industriais de Electricidade, Mecânica, Electromecânica ou Serralheiro
- Sexo — masculino
- Serviço militar cumprido ou dele isento

OFERECE:

- Estabilidade de emprego
- Vencimentos actualizados
- 13.º e 14.º meses
- Oportunidades de valorização técnico-profissional
- Possibilidades de acesso na hierarquia da empresa
- Regalias de transporte em caminho-de-ferro, extensivas a familiares
- Integração nos esquemas de Previdência
- Outras boas regalias sociais

Os interessados poderão contactar, até 15 de Maio corrente, directamente ou por escrito, o Sector de Recrutamento — Calçada do Duque, n.º 20, em Lisboa.

Só serão consideradas as respostas que satisfaçam as condições exigidas, devendo os candidatos indicar locais onde pretendem ser colocados.

FOTOCÓPIAS DESDE \$40

Encadernações,
plastificações
e trabalhos em offset

Discoteca Filinto

Av. 5 de Outubro, 53-A
Telefone 535040

CURSOS

MECANOGRAFIA
PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
GRAVAÇÃO DISKETTES 3742

Recolha de dados p/computador

SISTEMAS IBM E UNIVAC
Início: 21-5-80

DACTILOGRAFIA
EM MÁQUINAS MANUAIS
OU ELÉTRICAS IBM

Início: todos os dias
Inscrições limitadas

EXTERNATO CONTINENTAL
TEL. 32 56 52 — 36 42 72
R. do Arsenal, 100-1.º
1100 — LISBOA

Terminou I Congresso sobre o Algarve

Turismo está a precisar de um plano de emergência?

ALBUFEIRA, 12 — (Do nosso enviado Júlio Rodrigues) — A CEE não estava em agenda neste I Congresso Nacional sobre o Algarve, uma iniciativa (louvada pelos participantes) do Raca Club de Silves, a festejar dez anos de vida, mas veio a emergir, se bem que esporadicamente, no encontro de reflexão da Aldeia das Açoteias, no qual usaram da palavra mais de meia centena de pessoas e quarenta apresentaram comunicações. A força do turismo do Algarve face à entrada de Portugal na CEE foi, não obstante, o título do tema apresentado pelo jornalista de assuntos turísticos, Neto Gomes, um trabalho de pesquisa, protesto e denúncia, com algumas interrogações de per-meio, bastante aplaudido.

José Vitoriano, que falou sobre a agricultura no Algarve (e nesta comunicação abarcou assuntos como a água de regadio, importante carência da região; a estrutura fundiária, dominada pela propriedade; o arrendamento rural, a carecer de uma lei justa; os preços e a comercialização dos produtos agrícolas; e a pecuária, na qual predomina a exploração familiar) e Cabrita

Neto, que se debruçou, numa segunda intervenção, sobre o turismo no Algarve e o seu futuro, concitaram a atenção dos presentes, devido aos temas abordados (do maior interesse para a actividade económica do Algarve, ao reportarem-se ali às consequências da entrada de Portugal para o Mercado Comum e os seus reflexos não só para o Algarve como para o país). O vice-presidente da Assembleia da República e deputado comunista a denunciar os inconvenientes desse passo, Cabrita Neto a apontar os benefícios de tal medida.

Este I Congresso Nacional Sobre o Algarve, no qual se trataram os mais diversos e diversificados temas, nem sempre com a profundidade que seria de desejar, deverá ter a sua segunda edição dentro de dois anos, conforme foi afirmado na intervenção de encerramento e após a leitura das conclusões, período passivo. Uma só vez, com efeito, os participantes tiveram que levantar o braço e votar uma proposta de emenda ao tema desenvolvido pelo comandante Cabido de Ataíde, técnico do INIP, que falou sobre a pesca do

atum no Algarve por armações fixas.

Cultura, ciência e educação, saúde e meio ambiente (um reparo neste passo: apenas uma médica participou nos trabalhos), agricultura e pescas (papel que igualou em interesse o turismo e o planeamento regional, este bastante vivo e com a intervenção do arq.º Mário Bruxelles) e turismo e planeamento regional, dominaram os trabalhos. Este último deixou esta exigência: o Algarve precisa de um plano de emergência para não perder o comboio turístico da Europa. Disse na circunstância Cabrita Neto que as perspectivas, contudo, não são más, uma vez que existem neste momento, só para a região, projectos aprovados para mais de oito mil camas em hotéis e apartamentos-hotéis, mais oito mil e trezentas camas em apartamentos e conjuntos turísticos, além de 10 mil camas em parques de campismo. Mesmo assim, ainda não igualaremos, por exemplo, a capacidade de oferta de que dispõe a província espanhola da Andaluzia, muito menos vocacionada que o Algarve para esta actividade.

Moçambique: contratos vultosos com a Setenave e Têxteis

Cinquenta milhões de escudos (ou seja, um milhão de dólares) é o valor de arranque de três acordos que foram agora assinados no Maputo entre o Governo moçambicano e o presidente do conselho de administração da Setenave, Costa Leal. A reactivação dos estaleiros navais da Beira e da capital de Moçambique e um programa de levantamento de dados referentes ao plano director da indústria naval da nova nação africana, são a base de tais acordos.

Também uma outra empresa portuguesa ligada ao comércio internacional assinou desde há dois anos, com Moçambique, contratos para o fornecimento de têxteis numa cifra que ultrapassa os nove milhões de dólares (quase 500 mil contos), estando em vistas contratos totais para além dos dois mil milhões de escudos.

Momentos antes da assinatura dos contratos com o Governo do Maputo, o eng.º Costa Leal, numa entrevista aos órgãos da Comunicação Social moçambicanos, defendeu aquilo que considerou «uma autêntica política nacional de cooperação económica com as antigas colónias, independentemente dos governos que estejam no poder em Lisboa». Referir-se-ia depois

«às dificuldades financeiras existentes em Portugal quanto à abertura de linhas de crédito que beneficiem as transacções com jovens países africanos», citando o seguinte caso como exemplo frisante dessas dificuldades reais ou aparentes: «O navio moçambicano «Pemba» vai agora ser reparado em Génova e não em Lisboa ou Setúbal, porque a Itália concedeu um crédito de dez anos ao juro de quatro e meio por cento. Isso só é possível» — afirmou Costa Leal — «Quando um Estado vê mais do que um futuro imediato e suplantado os chamados contenciosos, preparando o terreno para o futuro».

Por outro lado, Costa Leal comentaria que «as autoridades moçambicanas estranharam perante ele que armadores portugueses ainda não tenham manifestado interesse por se dedicarem às pescas nas costas deste país, como o fazem os japoneses e os espanhóis, entre outros povos».

Também a Gulbenkian «aposta» no Maputo

Victor Sá Machado, administrador da Fundação Calouste Gulbenkian, que se encontra em visita ao Maputo, declarou hoje à

Imprensa moçambicana que a sua representada poderá conceder um largo número de bolsas de estudo para a formação de agentes de ensino, quadros médios do programa da Saúde e outros técnicos necessários a Moçambique. Esta declaração de Sá Machado foi feita depois da visita que recebeu de Joaquim Chissano, ministro dos Negócios Estrangeiros daquele país africano de expressão portuguesa, visita que não parecia incluída no programa da ida de Victor Sá ao Maputo.

O administrador da Gulbenkian encarregado da cooperação com os novos países africanos, admitiria igualmente o fornecimento de meios para equipamento didáctico, hospitalar e para a formação de bibliotecas.

Carreira 14: alteração afecta habitantes da Ajuda

A inesperada alteração da carreira 14, da Carris, Praça da Figueira-Ourorela, que segue agora em toda a extensão da Calçada da Ajuda, deixando de passar pelo Largo da Ajuda, provocou manifesto desagrado da população do Bairro 2 de Maio, Casalinho, Rua do Cruzeiro e Largo da Ajuda e imediações.

A Junta de Freguesia da Ajuda protestou vigorosamente em ofício dirigido aos responsáveis dos transportes públicos de Lisboa — e está na disposição de apoiar a população no sentido de repor a carreira 14 no seu anterior percurso.

Também a APU (maioritária na freguesia) acaba de distribuir um comunicado contra a alteração de tal percurso, chamando a atenção inclusivamente para os perigos que isso representa em especial para pessoas idosas e crianças que terão de percorrer distâncias consideráveis para apanhar esse ou outros meios de transporte.

«Cristãos não podem sem o domingo»

Cardeal conservador espanhol preside a celebrações de Fátima

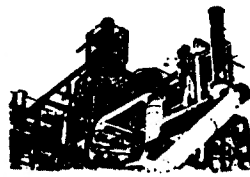
Milhares de peregrinos, grande número dos quais a pé, vindos sobretudo dos distritos de Viana do Castelo, Porto e Viseu, estão a convergir para Fátima e Cova da Iria, a fim de participarem amanhã no 63.º aniversário das aparições de Fátima, este ano presididas pelo Cardeal Primaz de Espanha e Arcebispo de Toledo, Marcelo Gonzalez Martin, considerado um dos bispos do sector conservador do país vizinho. A peregrinação deste ano é subordinada ao tema geral «Nós os cristãos não podemos viver sem o domingo».

A assistência aos caminhantes tem sido prestada, desde o passado dia 3, pela Obra de Caridade e Amor Divino aos Pere-

grinos (OCADP), que montou acampamentos em vários lugares ao longo da estrada do Porto para o Sul, a partir dos Carvalhos (Vila Nova de Gaia) e, desde o dia 6, pela Ordem de Malta e pela Cruz Vermelha, em colaboração com a Região Militar do Centro (registre-se a propósito a detenção pela Polícia Militar de alguns caminhantes pelo facto de estarem vestidos com camuflados. Levados à unidade mais próxima seriam libertados após terem afirmado estar a cumprir uma promessa, por não terem morrido na guerra colonial).

Ao longo do percurso, foram instaladas duas cidades-dormitórios itinerantes.

PUB.



Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul



COMUNICADO N.º 6

ASSEMBLEIA GERAL ELEITORAL

Em complemento do anúncio convocatório de 6 de Abril findo, para realização da Assembleia Geral Eleitoral em 21 de Maio de 1980, informo de que irão funcionar Mesas de Voto nos seguintes locais e horários:

MESA DE VOTO N.º	LOCAL	HORÁRIO
1	Setúbal-Sede do Sindicato-Av. 5 de Outubro, 19-A, 1.º	08.00 às 20.00
2	Sala da Comissão de Trabalhadores da Sapeç	07.30 às 18.30
3	Refeitório da International Paints	08.00 às 18.30
4	Apontadoria da Portucel-EP-Centro de Produção de Setúbal	07.30 às 18.30
5	Refeitório da Iberagar	07.30 às 18.30
6	Refeitório da Facopla	07.30 às 18.30
7	Amora-Sociedade Filarmónica Amorense-R. da Soc. Filarmónica	08.00 às 20.00
8	Refeitório da Concorco	07.30 às 18.30
9	Refeitório da Bic	08.00 às 17.00
10	Refeitório da Soc. Portuguesa de Explosivos	07.30 às 18.30
11	Refeitório da Soc. Africana de Pólvora	10.00 às 17.00
12	Almada-Del. do Sindicato dos Metalúrgicos-R. Moçambique, 6-A	08.00 às 20.00
13	Refeitório da Tagol	07.30 às 18.30
14	Refeitório da Petrolgal-EP-Parque de Porto Brandão	08.00 às 20.00
15	Lavradio-Delegação do Sindicato-Praceta dos Lusitadas, 1, 1.º Dto.	08.00 às 20.00
16	Barreiro-Edifício da Comissão Intersindical da Quimigal-EP	07.30 às 18.30
17	Refeitório da Zona Adubos da Quimigal-EP-C Expl. do Barreiro	07.30 às 18.30
18	Refeitório da Zona Azotados da Quimigal-EP-C. Expl. do Barreiro	07.30 às 18.30
19	Antigo Laboratório da Quimigal-EP-C. Expl. do Barreiro	07.30 às 18.30
20	Refeitório do Contacto 7 da Quimigal-EP-C. Expl. do Barreiro	07.30 às 18.30
21	Laminagem do Chumbo da Quimigal-EP-C. Expl. do Barreiro	07.30 às 18.30
22	Laboratório Central da Quimigal-EP-C. Expl. do Barreiro	07.30 às 18.30
23	Grupo Local da Zona Têxtil da Quimigal-EP-C. Expl. do Barreiro	07.30 às 18.30
24		
25		
26	D. S. B. - Bar da Quimigal-EP-C. Expl. do Barreiro	07.30 às 18.30
27	Refeitório dos Revestimentos da Quimigal-EP-C. Expl. do Barreiro	07.30 às 18.30
28		
29	Bobinagem da Quimigal-EP-C. Expl. do Barreiro	07.30 às 18.30
30	Refeitório da Central Diesel da Quimigal-EP-C. Expl. do Barreiro	07.30 às 18.30
31	Escritório do Dep. Tráfego da Quimigal-PF-C. Expl. do Barreiro	07.30 às 18.30
32	Refeitório da Tíncio	10.00 às 17.00
33	Sala de Cursos da Fisipe	07.30 às 18.30
34	Cantina da Petrolgal-PF-Parque do Rosairinho	08.00 às 15.00
35	Montijo- Sindicato das Carnes, Praça 1.º de Maio, 20	08.00 às 20.00
36	Sala dos Delegados Sindicais da Firestone	07.30 às 18.30
37	Refeitório dos Explosivos da Trafaria	08.00 às 17.00
38	Refeitório da Ciborel	08.00 às 17.00
39	Refeitório da Cimbor	08.00 às 17.00
40	Refeitório da Celtex	07.30 às 17.00
41	Refeitório da Finicisa	06.00 às 16.00
42	Portalegre-Delegação do Sindicato-Av. 5 de Outubro, 19, 2.º Dto.	08.00 às 20.00
43	Refeitório da Inexca-Elvas	07.30 às 18.30
44	Escritório da Soc. Azeites de Moura-Borba	08.00 às 18.30
45	Refeitório Novo da Fore-Évora	07.30 às 18.30
46	Refeitório do Mariano Lopes & Filhos-Alvito	07.30 às 17.00
47	Beja-União dos Sindicatos-Praça Diogo Fernandes de Beja, 9	08.00 às 20.00
48	Refeitório do Mariano Lopes & Filhos-Brinches	07.30 às 18.00
49	Centro Social da Petrolgal-PF-Refinaria de Sines	07.30 às 18.30
50	Sines-União Local dos Sindicatos	08.30 às 20.00
51	Faro-Delegação do Sindicato-Rua Letes, 51, 1.º	08.00 às 20.00

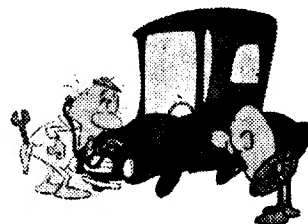
Nota importante: Os associados votam nas Mesas de acordo com a informação dada no Comunicado 5

Setúbal, 6 de Maio de 1980

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
Jacinto Henrique Carrão

POUPE COMBUSTÍVEL

Controle regularmente o consumo do seu carro. Se notar um aumento exagerado consulte o seu mecânico.



DIRECÇÃO-GERAL DE VIAÇÃO

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

Transportado pelos

Caminhos de Ferro Portugueses



lámiré. S.C.A.R.L.

RELATÓRIO DA DIRECÇÃO

Nos termos da lei e dos estatutos da sociedade, vimos submeter à apreciação dos sócios o Relatório, Balanço e Contas relativos ao exercício findo em Dezembro de 1978.

Analisando os números do Balanço, verifica-se que as actividades industrial e comercial desenvolveram-se segundo os objectivos previamente fixados e o valor da facturação atingiu 7.427.457\$80. Os lucros líquidos do exercício findo, depois de feitas as amortizações e provisões aconselháveis do património social, foram de 366.266\$40.

De acordo com as indicações estatutárias, propomos: 5% para reserva legal — 18.313\$00; para reservas livres 347.953\$40.

A DIRECÇÃO

- a) Joaquim Carvalho Garcia
- b) Edmundo Deitado da Costa
- c) Jorge Manuel Zagalo Fernandes

PARECER DO CONSELHO FISCAL

De acordo com a lei e os estatutos da sociedade, examinámos o Relatório, Balanço e Contas e a proposta de distribuição dos resultados referentes ao exercício de 1978, que nos foram apresentados pela Direcção, os quais se encontram elaborados de acordo com os livros e registos contabilísticos da sociedade, a lei, os estatutos e princípios contabilísticos geralmente tidos como sãos.

Os critérios valorimétricos adoptados foram os seguintes:

Activo imobilizado: Preços de factura acrescidos de todos os encargos necessários para a colocação do bem em funcionamento.

Existência: Custo de aquisição, pelo método de primeira entrada, primeira saída.

Na nossa opinião, os documentos examinados apresentam claramente a situação financeira da sociedade em 31 de Dezembro de 1978 e os resultados das suas operações durante o ano findo nessa data.

O CONSELHO FISCAL

Lisboa, 25 de Janeiro de 1980

- a) Luís Augusto Eça de Matos (Presidente)
- b) Fabricio Fernando Sanches Barbosa (Vogal)
- c) Maria Isabel Garcia dos Santos Fernandes
Lopes Ferreira (Vogal)
- d) Armando Carlos Marques da Costa Santos (Suplente)

O Técnico de Contas

DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS LÍQUIDOS

DÉBITOS

Existências iniciais			
36 Matérias-primas, subsi. e de consumo		108.086\$50	108.086\$50
61 Compras			
611 Mercadorias	631.860\$90	631.860\$90	
612 Matérias-primas, subsi. e de consumo	3.200.156\$60	205.314\$00	2.994.842\$60
	3.832.017\$50	205.314\$00	3.626.703\$50
Existências finais			
36 Matérias-primas, subsi. e de consumo		(253.010\$80)	(253.010\$80)
61 Custo das existências vendidas e consum.			
611 Mercadorias	631.860\$90		
612 Matérias-primas, subsi. e de consumo	2.849.918\$30		3.481.779\$20
63 Fornecimentos e serviços de terceiros	1.697.590\$10		
641 Impostos indirectos	90.999\$50	1.788.589\$60	5.270.368\$80
65 Despesas com pessoal	1.635.742\$40		
66 Despesas financeiras	2.021\$90		
67 Outras desp. e encarg.	19.079\$40	1.656.843\$70	
68 Amortizações e reintegrações do exer.	68.913\$00		
69 Provisões do exercí.	258.586\$60	327.499\$60	1.984.343\$30
			7.254.712\$10
82 Perdas extraordinárias do exercício		693\$00	
83 Perdas exerc. anter.		33.730\$30	34.423\$30
Resultados líquidos			366.266\$40
			7.655.401\$80

DEMONSTRAÇÃO DOS RESULTADOS LÍQUIDOS

CRÉDITOS

71 Venda de mercadorias e produtos			
711 Mercadorias	631.860\$90	631.860\$90	
712 Produtos acabados e semiacabados	6.800.896\$90	5.300\$00	6.795.596\$90
	7.432.757\$80	5.300\$00	7.427.457\$80
72 Prestação de servi.	17.600\$00		17.600\$00
Variação de produções			
Existências finais			
35 Produtos e trabalhos em curso	128.749\$80		128.749\$80
74 Subsídios destinados à exploração	40.000\$00		
75 Receitas suplementar.	12.000\$00		52.000\$00
			180.749\$80
			7.625.807\$60
76 Receitas finan./corr.		14.503\$60	
77 Receitas de aplicações financeiras		9.297\$40	23.801\$00
			7.649.608\$60
82 Ganhos extraordinários do exercício			5.793\$20
			7.655.401\$80

BALANÇO ANALÍTICO

ACTIVO

DISPONIBILIDADES			
11 Caixa	35.085\$90	35.085\$90	
12 Depósitos à ordem	792.173\$10	792.173\$10	
	827.259\$00	827.259\$00	
CRÉDITOS A CURTO PRAZO			
211 Clientes c/gerais	2259.912\$30	90.396\$40	2169.515\$90
213 Clientes c/letras	326.726\$60	13.069\$10	313.657\$50
229 Adiantamentos a fornece.	181.943\$00		181.943\$00
26 Outros devedores	31.739\$70	1.269\$50	30.470\$20
	2800.321\$60	104.735\$00	2695.586\$60
EXISTÊNCIAS			
35 Produtos e trabalhos em curso	128.749\$80		128.749\$80
36 Matérias-primas subsidiárias e de consumo	253.010\$80	25.301\$00	227.709\$80
	381.760\$60	25.301\$00	356.459\$60
IMOBILIZAÇÕES CORPÓREAS			
423 Equipamentos básicos e outras máquinas e insta.	344.565\$40	109.871\$00	234.694\$40
	344.565\$40	109.871\$00	234.694\$40
CUSTOS ANTECIPADOS			
27 Despesas antecipadas	24.490\$00		24.490\$00
	24.490\$00		24.490\$00
Total de provisões		130.036\$00	
Total de amortiz. e reintegraç.		109.871\$00	
TOTAL DO ACTIVO	4378.396\$60	239.907\$00	4138.489\$60

PASSIVO

DÉBITOS A CURTO PRAZO			
12 Bancos			21.667\$00
211 Clientes c/gerais			30.000\$00
24 Sector público estatal			102.039\$40
269 Outros credores c/gerais			1965.189\$00
292 Provisões para riscos e encargos			705.422\$90
Total do passivo			2824.318\$30
SITUAÇÃO LÍQUIDA			
CAPITAL E PRESTAÇÕES SUPLEMENTARES			
52 Capital social			4.100\$00
			4.100\$00
RESERVAS			
556 Reserva legal			47.190\$00
58 Reservas livres			896.614\$90
			943.804\$90
88 RESULTADOS LÍQUIDOS			
Resultados correntes do exercício			394.896\$50
Resultados extraordinários do exercício			5.100\$20
Resultados de exercícios anteriores			(33.730\$30)
Resultados antes dos impostos			366.266\$40
Total da situação líquida			1314.171\$30
TOTAL DO PASSIVO E DA SITUAÇÃO LÍQUIDA			4138.489\$60

Comunicação Social

“Diário de Notícias” 24 horas de greve

A Comissão de Trabalhadores do «Diário de Notícias» anunciou uma greve de 24 horas na empresa, entre as 8 horas do dia 15 e as 8 horas do dia 16 do mês corrente.

A greve foi determinada pela declaração governamental da empresa se encontrar em situação económica deficitária.

«Dado que nesta declaração — lê-se no comunicado — não se vislumbra qualquer alternativa de viabilização económica para a empresa, mas sim a pretensão de violar frontalmente as contra-

tações colectivas, direitos e conquistas dos trabalhadores arduamente alcançados, um plenário de trabalhadores decidiu não acatar as medidas que lhe querem impor».

Segundo a CT, o Conselho de Gerência, «numa manobra intimidatória, está a instaurar centenas de processos disciplinares».

Esta greve abrange o «Diário de Notícias», «A Capital», «Mundo Desportivo», «Vida Rural» e «Anuário Comercial».

Apoio ao direito de informação através de jornada USL/CIL no próximo dia 24

Contra a política do Governo AD na Comunicação Social, efectua-se no próximo dia 24 uma manifestação convocada pelos secretários da União dos Sindicatos de Lisboa (USL) e das comissões de trabalhadores da Cintura Industrial de Lisboa (CIL).

O trajecto da manifestação vai do «Diário de Notícias» para o Palácio Foz, propondo-se os participantes «lutar pelo direito de informação, pelo direito de antena, por uma informação ao serviço dos trabalhadores e do povo português, que esteja de acordo com os ideais de Abril e a Constituição da República».

Esta manifestação é motivada pela «prática crescente de actos de censura imposta pelas administrações ao serviço da AD (no «Diário Popular»), no «Diário de Notícias», na RDP e na RTP», que directa ou indirectamente «não noticiam o descontentamento popular e inundam a opinião pública com informações distorcidas e manipuladas».

A manifestação tem ainda por objectivo protestar contra a decisão do Governo de declarar empresas do sector em situação económica difícil, como, por

exemplo, a EPNC. Também as recentes suspensões ocorridas na RDP (quatro jornalistas do Conselho de Redacção) se inscrevem naquela jornada de luta. Será igualmente denunciada a política de manipulação noticiosa praticada pela RTP.

Mitterrand: um matutino para divulgar a voz do PSF

François Mitterrand, dirigente do PSF convidou os militantes socialistas a apoiar o projecto de um diário socialista (matutino), que a direcção deste partido francês deseja lançar.

Para François Mitterrand, «uma empresa desta importância exige que os militantes sejam

Ainda a prisão do director de “El País”

O júri do Prémio Internacional da Imprensa, ontem reunido em Nice, denunciou a «regressão do movimento em marcha da liberdade na Espanha nova», após a condenação de Juan Luis Ceprian, director de «El País», jornal de Madrid.

Ceprian foi condenado, na passada sexta-feira, a três meses de prisão e a uma multa de 50.000 pesetas (pena suspensa), pela publicação de um editorial (pormenorize-se) que punha em causa «restos de fascismo» em Espanha.

Segundo um texto em que se protesta contra esta prisão, os membros do júri «souberam com emoção das limitações impostas à liberdade de imprensa na jovem monarquia constitucional espanhola».

O texto é assinado por Jean Daniel («Le Nouvel Observateur», França), Lily Marx («L'Espresso», Itália), Terence Kilmartin («The Observer», Grã-Bretanha), Ramon Chao («Triunfo», Espanha), Peter Frey («Tagesanzeiger», Suíça) e Guy Dumur (também do «Nouvel Observateur»).

numerosos a apoiá-la porque, caso contrário, deveríamos renunciar».

Mitterrand acredita que o partido «necessita de um jornal diário de âmbito nacional, que lhe permita divulgar a sua voz e garantir a sua presença permanente na vida dos franceses».

“Em marcha”

Começou a sair regularmente o jornal «Em Marcha», bissemanário que aparecerá todas as manhãs das segundas e quintas-feiras.

«Em Marcha» define-se no seu estatuto editorial como um jornal informativo, «pertencente ao campo popular e antifascista, que luta pela defesa e aprofun-

damento das conquistas populares e democráticas de Abril e por um futuro de bem-estar, liberdade e independência nacional para o nosso país e o nosso povo».

O director do bissemanário é Carlos Marques e o chefe de Redacção José Duarte.

Proprietário dos “Móveis Baía” assassinado a tiro em Monsanto

O administrador dos Móveis Baía, Clariano Marques Baía, de 43 anos, foi encontrado morto a tiro, cerca das 04 e 30 desta madrugada, no interior do seu carro, um «BMW 2002», na «pista dos cavaleiros», que liga a estrada do Outeiro à Rua das Oliveiras de Baixo, no Parque Florestal de Monsanto. O corpo de Clariano Baía, atingido com balas na cabeça e na perna esquerda, estava caído no banco da frente e foi descoberto por uma patrulha da Guarda Florestal que passara no local meia hora antes, altura em que o veículo, segundo afirmaram ao «DL», ainda ali não estava. Perto da mão direita da vítima as autoridades detectaram uma pistola «Star», de calibre 6.35. Contudo, há vestígios de que

os tiros que vitimaram Clariano Baía teriam sido disparados por uma arma de calibre superior, uma vez que no interior do «BMW» foi encontrada uma cápsula de calibre 7.65. Por outro lado, na porta esquerda do carro há um orifício de dentro para fora. No veículo há vestígios de presença feminina recente.

Clariano Marques Baía, que era casado e pai de dois filhos, nascera em Lisboa na zona da Fonte Santa (Prazeres), tendo começado a sua actividade como carpinteiro no Alfeite. Mais tarde fundou no Lavradio a empresa «Móveis Baía», que hoje emprega 160 trabalhadores e tem agências espalhadas por todo o País. Esta manhã a sua mulher e os dois filhos (uma rapariga de 18 anos e um rapaz de 14) encontra-

vam-se a prestar declarações na 3.ª Brigada da 2.ª Secção da Polícia Judiciária.

Registe-se que Clariano Marques Baía era tio (pela parte da mãe) de André Baía de Almeida, de 23 anos, que, conforme então noticiámos, apareceu carbonizado numa lixeira da Trajouce, em Outubro de 1979. O jovem, com cadastro e figura habitual nos «bas fond» lisboeta, fora abatido a tiro antes de ser lançado na lixeira. Na altura encontrava-se em liberdade condicional, após ter cumprido uma pena em Custóias, presidio onde conhecera um tal Jean Claude Vernier, «O Francês», de 33 anos, que as autoridades desde logo apanharam como presumível criminoso e que até ao momento ainda não foi detido.



O vidro não chegou

José de Oliveira, residente na Rua de Fervença, em Vila Nova de Gaia, abeirou-se de um guarda da PSP em serviço na Rua 1.ª de Maio e disse-lhe: «Parti um vidro, prenda-me e leve-me para Custóias». A cautela o agente comunicou o caso à esquadra e esta mandou um carro ao local do «crime». De facto o vidro estava no chão, feito em cacos, apurando-se depois que o seu valor era de cerca de dois contos. O candidato à «pensão» de Custóias é que não contava com a solução dada ao «seu caso». «Não foi apanhado em flagrante, vá à sua vida». Depois, se verá, disseram-lhe.

Chama-se Diamantino

A PSP detectou ontem à noite uma desordem na Rua Alferes Malheiro, do Porto, de que resultou um ferido grave, com um tiro no abdómen, que só hoje foi identificado. Trata-se de Diamantino Augusto Ferreira, de 27 anos, casado, sem profissão, morador na Rua de Gonçalo Cristóvão, 373, naquela cidade. Mas do agressor nem rastros.

Mulher de 77 anos: um silêncio fatal

Três desconhecidos (dois homens e uma mulher) assaltaram um casal de septuagenários e torturaram-nos de tal modo para que lhes revelassem o local onde se encontravam as suas economias (algumas centenas de contos) que a mulher Catarina Silvestre, de 77 anos, acabaria por sucumbir. O caso ocorreu no Monte de Trincalhos, no concelho de Moura (Baixo Alentejo), e os agressores (que partiram de mãos vazias) apareceram pela calada da noite e conseguiram entrar no «monte», após terem batido à porta. O marido da vítima, André Bolteho (da mesma idade), assistiu às sevícias praticadas na mulher. As suas informações irão agora ser preciosas para a descoberta do crime.

camisas p/ homem.

POLDARK

a qualidade que nos toca!...

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CONFECÇÕES, LDA
FABRICA DE CAMISAS
LISBOA - Av. da Liberdade 157 - Telef. 369045/6 - 369178/9 - 371155/6/7/8
FARO - Rua Baptista Lopes 58 - Telef. 25117 - 25312

FENACOOOP

REUNIÃO GERAL DE COOPERATIVAS DE CONSUMO

17 de Maio de 1980 (9.30 horas)

Sociedade Filarmónica União Artística Piedense — Cova da Piedade

Pela importância que representa o Sector Cooperativo de Consumo no desenvolvimento económico e social do país, salientamos os seguintes assuntos a discutir nesta Reunião Geral:

- Apresentação e Aprovação do Relatório de Actividades do Conselho Nacional, das Contas de 1979 e do Orçamento para 1980
- Legislação Cooperativa
- Organização do Sector
- Levantamento do Sector e perspectivas da sua expansão
- Intervenção económica
- Política Comercial e Unidade de Concentração de Compras

A presença e a participação activa das cooperativas nesta Reunião Geral será um factor decisivo no reforço da organização e expansão do Sector Cooperativo de Consumo.

O Secretariado da FENACOOOP

GALEIRA NACIONAL DE ARTE MODERNA

EXPOSIÇÃO

PO. EX 80

(POESIA EXPERIMENTAL PORTUGUESA)

DE 18 DE ABRIL A 15 DE MAIO DE 1980

HORÁRIO

DIAS ÚTEIS — DAS 15 ÀS 20 HORAS

SÁBADOS — DAS 14 ÀS 20 HORAS

DOMINGOS e

FERIADOS — DAS 10 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 20 HORAS

ENCERRA ÀS 2.ªs-feiras

Av. de Brasília — Belém (Junto ao Mercado do Povo)
Direcção-Geral da Acção Cultural
Secretaria de Estado da Cultura



mercado de férias 80

Da nossa vasta oferta de viagens sugerimos:

MADEIRA	8 dias	desde	6.990\$00
ACORES/ACORES e MADEIRA	8 dias		10.290\$00
COSTA DEL SOL	8 dias		5.550\$00
PALMA MAIORCA	8 dias		12.950\$00
MARROCOS	10 dias		11.525\$00
LONDRES	8 dias		12.300\$00
HOLANDA	7 dias		16.680\$00
PARIS	7 dias		18.600\$00
PARIS, BENELUX e VALE DO RENO	8 dias		29.500\$00
SUIÇA, ITALIA e AUSTRIA	8 dias		28.300\$00
ITALIA	8 dias		19.900\$00
JUGOSLAVIA	8 dias		25.600\$00
GRÉCIA	8 dias		27.950\$00
EGIPTO	10 dias		45.900\$00
LESTE EUROPEU	7 dias		21.900\$00
VIAGENS AO ORIENTE	9 dias		47.520\$00

Temos mais programas de férias — consulte-nos!

HOTELCAR AGENCIA DE VIAGENS

LISBOA — Av. da Liberdade 157 Telef. 369045/6 - 369178/9 - 371155/6/7/8

FARO — Rua Baptista Lopes 58 Telef. 25117 - 25312

Resolvemos o problema do seu PASSAPORTE

Tribuna livre

Marques da Silva

A Justiça: por ou contra Abril? (conclusão)

Embora havendo onde recrutá-los, o déficit de juizes, que vinha já das guerras coloniais, foi-se agravando. Pôde-se, mas não se puseram a funcionar mais estagios. Não se sabe se a pretexto de dificuldades que se criariam ao MP. O certo é que foi preciso esperar pelo «Executivo Pintasilgo» para que, com todos os seus defeitos, o projecto do «Centro de Estudos Judiciários» se transformasse em lei e a nova «instituição» avançasse. Os delegados eram cada vez mais novos, provinham, em geral, das gerações posteriores aos concursos e gozavam da suspeita de contestários. Por temer-se pelo futuro próximo da magistratura judicial que, a curto prazo, poderia ficar demasiado rejuvenescida? E uma hipótese, a avaliar pela afirmação feita, em fins de 79, de que cerca de 50% dos juizes existentes contaria menos de 11 anos de carreira.

Terá este facto exercido alguma influência na movimentação de magistrados judiciais realizada em Março último? Muitos juizes e das mais variadas extracções, o admitem. E sabe-se que não poucos foram os clamores que contra ele se levantaram, e parece que de sectores tradicionalistas, espantados, em particular, e sobretudo, com o que se terá passado com o preenchimento de vagas, em Lisboa, por ex-estagiários. O que foi novidade e escândalo de tomo.

Pois onde se virá já colocar, em primeira nomeação, novos juizes, em tribunais especializados na capital? Apesar das boas intenções — de que os infernos

estão cheios —, ter-se-ia desrespeitado o critério legal da antiguidade e o dogma da experiência adquirida em lugares polivalentes, através da judicatura exercida por esse País fora, contra, inclusive, as convenções e a prática velhas de muitos anos. Ter-se-á querido «bloquear», à custa de menos qualidade, a «cidadela», em nome da «pureza ideológica», num caso ou noutro, ou favorecer a reprimatização das classes? Procurar-se-ia, sob a capa da simplificação, criar um novo grupo facilmente instrumentalizável? Queer-se-ia dividir os jovens, para «reinar»? Relacionar-se-ia isso, com o projecto de nomear juizes-professores, a tempo inteiro, para o Centro de Estudos Judiciários? Serão verdade os «subsídios de deslocação» a «auditores de justiça», para estimular, e a magistrados pós-estágio, em período de austeridade, para compensar? Passará de boato o apelo público a que um dos ex-auditores aceitasse ser voluntário para estagiar, sozinho, na leve, distante e necessitada Armamar?

5 — A separação das magistraturas — a princípio, tão combatida — sabe-se, agora, que tem virtualidades. Será de incentivar. Sobre o arbitrio dos vencimentos desiguais, e altamente sugestivos, nem uma palavra. A **autonomia mitigada** até aos anti-ALMEIDA SANTOS agrada. Pois não se pensa já, por exemplo, em ir recrutar, no MP — tradicional alfobre de juizes — futuros dirigentes ou coordenadores da PJ, na dependência do MJ (para

já), e talvez, dentro de algum tempo, do MAI?

6 — Sabe-se como é forte a corrente, que, sustenta deverem eliminar-se, com ou sem revisão da Constituição pela AR, no momento próprio, os tribunais ou juizes de instrução criminal. Só não se sabe como harmonizar isso com certa «europeização».

Argumenta-se de vários modos. Segundo uns, não funcionam, ou funcionam mal. Só que, semelhante a crianças indesejadas, sendo isso verdade, não se diz por quê. Para outros, os perigos de 45, com o MP hoje «autônomo», não justificam, até por esvaziamento das suas funções tradicionais, que se entregue a juizes a actividade instrutória, agora que já não há «policia política» e às tão diferentes polícias dos nossos dias apenas competiria investigar. Só que, se é teoricamente possível, nunca — que se saiba — alguém conseguiu saber como destrinçar onde começa a instrução e acaba a investigação. Ainda outros referem que a norma do art.º 32.º, n.º 1 da CRP — à semelhança dos preceitos sobre os direitos económicos, sociais e culturais — seria, segundo os constituintes de 75-76, meramente «programática». Daí o art.º 293.º, n.º 1 CRP, não tendo sido felizes os vários esforços do legislador ordinário, ainda que bem intencionados.

7 — Embora se conheçam as intenções do actual Executivo, no que se refere a alterações «infimas» das leis vigentes, quanto à organização judiciária — a avaliar por comunicados dos

responsáveis pela Associação Sindical dos Juizes e do Sindicato do MP, após entrevistas, em Janeiro, com o ministro —, consta encontrar-se, na AR, um texto aprovado em Conselho de Ministros, na linha do projecto (falhado) de Eduardo Correia, que, a pretexto da operacionalidade, criaria um Conselho (restrito) da Magistratura (Proposta de Lei, 292/I). Se passasse, a actual estrutura — que seria de manter — ficaria reduzida a funções decorativas. Seria, na prática, o silenciamento da voz dos mais pequenos, embora mais numerosos, tornados minoria — dos funcionários e dos juizes de 1.ª instância — e o «anel de ferro», sobre os representantes, não juizes, dele excluídos pura e simplesmente, com o regresso a uma concepção corporativista de **autogoverno** da magistratura, que poderá conduzir a que todo o «Poder» fique concentrado na mão de um só homem, ainda por cima sendo mais que duvidosa a democraticidade dos dez eleitos, em princípio por «subcolégios», de tipo cardinalício.

8 — Sabe-se, por outro lado, que a «geração reformadora» de 80 gosta do «Centro de Estudos Judiciários». E este irá funcionar — segundo os jornais —, a partir do Outono, em pleno. Será uma espécie de «Revolução de Outubro», na nossa Justiça, contra os prognósticos de tantos, ainda há pouco, por aversão à novidade. Como será, não foi dito. Mas calcula-se, desde já. Quem for Poder — sem necessidade de mexer grandemente na lei — tem um belo instrumento para fazer

os magistrados convenientes. Claro que, se for preciso, altera-se a lei. Não digam que é difícil. A magistratura, «pós-Centro», sobre ser mais «europeia e evoluída», terá, para os «cônsules e candidatos a cônsules», o fascínio de se apresentar — a partir de uma ideia de «progressistas» — como susceptível de gerar magistrados competentes e em quantidade. Poderão ser, acima de tudo, dóceis. O que não deixará de ser independente e isentos por força da lei.

9 — A fazer fé num semanário próximo do actual Executivo, com ou sem «corta-fitas», vai voltar-se às inaugurações dos palácios da Justiça e às «declarações de intenção». É uma tradição mais que se reata, para que possa dizer-se, talvez em breve, como em plena «democracia orgânica», antes de 74, que «a Revolução continua». Para já, foi Albergaria-a-Velha, talvez como homenagem a um distrito que foi preocupado a tarefa ciclópica, à Comissão de Reforma Judiciária confiada, ainda por cima composta por tão poucos elementos. Mormente depois das preocupações de Salgado Zenha — logo berço de juristas e políticos ilustres, nestes dois últimos séculos, e no qual parece ter sido interrompido esse hábito, quanto a palácios, nos tempos do prof. Almeida Costa.

10 — Ninguém duvidará de que são complexos os problemas, nesta área da Justiça. E por isso após Abril de 74 — e de Almeida Santos — já na fase pós-Constitucional, que lançaram as bases das «reformas» que agora se entende deverem ser reformadas.

Sobretudo, havendo tantos géneros por aí, só por razões de austeridade ou de operacionalidade, se compreenderá que se faça recair sobre tão poucos esse pesado fardo. Mas que é admirável o espírito de sacrifício e de serviço desse punhado, é. Até porque os que são juizes de primeira instância estão à beira de deixar de sê-lo.

Sabendo-se o que se não quer — e isso pressente-se, pelo menos — não é difícil arrasar todo um edifício. Levantar algo de melhor, em termos de colectividade e não de privilégios de grupo ou de grupos, já é, obviamente, menos fácil. Mas os dados estão lançados e só há que saber esperar.

Pode ser que a comissão suceda o que o «diador suave» receava, acabando tudo por «morrer na casca». De outro modo, poderá ser a glória efémera do «caixote do lixo» da história.

Em verdade, reformadores — aspirantes a novos cruzados, já os temos. Oxalá, na sua ânsia de imortalidade, não esqueçam o provérbio «quem tudo quer, tudo perde», mesmo quando se apresentam, a curto prazo, sem grandes ambições. E, se estão dispostos a quebrar mesmo alguma coisa, ouçam o aviso de Temístocles: «Batam mas ouçam». Porque isto de Justiça — como dever saber — tem muito que se lhe diga.

AGRIN XIRA 80

INSCREVA-SE JÁ!

IV FEIRA AGRÍCOLA E INDUSTRIAL
VILA FRANCA DE XIRA

O CERTAME
CERTO



NO LUGAR
CERTO

28 JUNHO a 6 JULHO

AGRIN-XIRA 80, uma feira vocacionada para o futuro, "ponte" de ligação entre a AGRICULTURA e a INDÚSTRIA, entre o campo e a cidade, oferece-lhe a oportunidade de expor para um mercado seleccionado.

VENHA expor à AGRIN-XIRA 80
Faça a sua inscrição até 28 de Maio

AGRIN-XIRA 80 — uma organização do Departamento de Economia e Turismo da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, no Parque de Feiras e Exposições da Vila. Tel. 22824-22031/5

CNA/DET 01



À atenção dos técnicos!

V/O ENERGOMACHEXPORT

A grande exportadora de equipamento energético, electrotécnico, de soldadura eléctrica e a gás, de material rolante para os caminhos de ferro e transporte urbano eléctrico de fabrico soviético. Realiza em Lisboa de 9 a 18 de Maio de 1980 **UMA EXPOSIÇÃO DOS SEUS PRODUTOS** onde se apresenta: equipamentos de soldadura, geradores Diesel e motores eléctricos.

Visite a exposição da V/O ENERGOMACHEXPORT onde técnicos altamente qualificados estão prontos para esclarecer qualquer questão do Vosso interesse.

PAVILHÃO N.º 1 da FIL/80, Praça das Indústrias, LISBOA

ENERGOMACHEXPORT

Livro da ex-primeiro-ministro sai brevemente

Projecto Pintasilgo é uma proposta a retomar em melhores condições

—afirma Eduardo Lourenço no prefácio

Original no seu perfil mítico, a nossa Revolução esgotou depressa o cabedal de imaginação que parecia destiná-la a exemplo alheio e redenção própria. Só não esgotou a esperança nem os sonhos acessíveis que pareciam tão próximos das nossas mãos frustradas. Sob a decepção, criada a melas pelos que nos falharam as promessas e os que as estrangularam com paciência e método, a viva memória do que foi um momento de fervor colectivo sem igual permanece intacta. Se nada mais a tivesse caracterizado, a experiência governativa de Maria de Lourdes Pintasilgo bastaria como prova dessa memória activa que só espera, como no verso de Sá Carneiro, o «vento propício» para renascer — assim começa Eduardo Lourenço o prefácio ao livro de Lourdes Pintasilgo «Sulcos do nosso querer comum», constituído por recortes de várias entrevistas concedidas enquanto foi Primeiro-Ministro, e que aparecerá, brevemente, na Feira do Livro e nos escaparates das livrarias, editado pela Afrontamento. A capa é de Armandinho Alves e José Rodrigues.

Ao todo são recortes de 14 entrevistas, feitas na sua grande maioria por jornalistas estrangeiros. Dentre as poucas dadas a jornalistas nacionais conta-se a que concedeu ao nosso redactor Luís Humberto, em Dezembro último, e que foi exactamente a primeira grande entrevista dada por Lourdes Pintasilgo após o conhecimento dos resultados eleitorais.

Mais do que um debruçar-se sobre a personalidade da ex-Primeira-Ministro, o prefácio que tem significativamente por título «Uma Cristã na Política e a Política Cristã», é uma análise à sociedade portuguesa dos últimos anos, sobretudo do que nela teve de influente o peso de um «cristianismo ao serviço do privilégio económico e social».

Eduardo Lourenço considera no prefácio (a que o «DL» teve acesso em primeira mão) que, com a passagem de Maria de Lourdes Pintasilgo pelo poder, pela primeira vez, «apesar da conjuntura desfavorável e o tempo contado, se desenhava entre nós a imagem de uma outra política, cujo perfil não se definiu apenas por ser diferente daquelas que a haviam precedido, mas por ser ou conter em germe uma outra ideia da política». «Grande era o perigo — acrescenta Eduardo Lourenço — que essa imagem, incarnada por uma mulher com o gosto e o dom do contacto



Maria de Lourdes Pintasilgo na festa do PS do Coliseu, na noite de 24 para 25 de Abril

humano, exemplificando menos pelo conceito que pela atitude (sorriso, franqueza, horror do protocolo e dos ritos do mundo oficial) de Maria de Lourdes Pintasilgo, não apenas ao público como a versão democrática, subtil ou ingenuamente demagógica da velha pretensão reaccionária de não fazer política».

O «Pecado Mortal» da ex-Primeira-Ministro

Mais adiante escreve Eduardo Lourenço:

«A primeira vista inexplicável, a reacção patológica desencadeada pelo anúncio da nomeação de Primeiro-Ministro de Maria de Lourdes Pintasilgo, conhecida militante católica, com experiência do meio diplomático cultural e internacional, não hostil, por princípio, a uma prática política apostada na mudança profunda das condições económicas, sociais e culturais do mundo em que vivemos é mais do que lógica. A contradição ou antes o escândalo intolerável e o acesso à área do Poder — mesmo limitado no tempo — representava foi traduzido ao nível verbal político pela conjugação explosiva: **católica-de-esquerda**. Noutro plano, e num país com um índice de tolerância ideológica próximo do zero, com uma imprensa que ressuscitou os piores hábitos dos tempos do imortal Palma Cavalão, a torrente de grosserias e baixezas 'ilustrou' o ódio que convirá designar, como noutros tempos, de 'teológico'. É que a etiqueta religiosa é, como de costume, a máscara da ideológica. O pecado mortal, que se lhe fez espiar caro, de Maria de Lourdes Pintasilgo, foi o de perturbar, mais do que era até legítimo esperar, um «consenso» que por aberrante e indefinido, não deixa de ter uma forte e complexa anuência na sociedade

portuguesa. Dava-se como coisa assente que católica se traduz em termos políticos como pessoa de **direita** e não-católica como pessoa de **esquerda**. Sob este acordo tácito (ou explícito) viveu o antigo regime confortavelmente. Ou antes o conforto residia na existência desse acordo que não era fácil impugnar. Quando a prática o desmentia (eleições de 1958) o sistema estremecia».

Considera Eduardo Lourenço que «quando Maria de Lourdes Pintasilgo entra em cena, o tecido social e cultural (recuperação económica e colonização da imprensa) do regime vencido (?) está quase reconstituído» e que «não foi um itinerário político e ideológico, não foi um programa, não foi a sua aplicação que determinaram a vigência da imagem de **cristã marxista** com que se desfez assassinar política e eticamente» a ex-Primeira-Ministro. «Foi a voz mesma do ancestral fanatismo, a ausência trágica de uma tradição de tolerância que outros só ganharam lutando e morrendo para a fazer triunfar que se exprimiu como é natural que se exprima para confirmar a verdade do diagnóstico».

Mensagem para os tempos que vêm

Depois de se apontar que nunca foi possível constituir entre nós uma visão cristã da política, afirma-se no prefácio que **há uma prática 'cristã' da política, aquela mesma que a relativiza subordinando-a a uma ordem de fins capaz de a subtrair à violência congénita que nela se investe enquanto 'poder em acção'.**

Referindo-se especificamente à experiência governativa de Lourdes Pintasilgo, Eduardo Lourenço afirma a dado passo: **o seu 'projecto**

político' — à parte o programa concreto que sob sua égide se podia levar a cabo — ultrapassou e ultrapassa toda a concretização, mesmo bem sucedida. É uma mensagem para os tempos que vêm, o sinal de uma mudança que não tem apenas conteúdo político, mas é convite a mudança de vida. Não se tratou apenas de desmistificar o sombrio e inumano reino do Poder sobrepondo às suas rudes realidades um sorriso aberto sobre o mundo. Tratou-se de radical na consciência colectiva esta ideia simples de que a inumanidade do Poder é filha da abdicação por ignorância ou inconsciência dos detentores dos poderes efectivos de uma sociedade, pessoas, grupos, associações, comunidades, incapazes de assumir a sua vocação para o máximo de liberdade e autonomia cívica e cultural de que são susceptíveis.

Pela primeira vez — reconhece aquele escritor — se contrariou em palavras, gestos e actos, num país de forte tradição estatal, a ideia de um Poder mágico, dispensador da felicidade pública e privada e apareceu no horizonte a perspectiva política como horizonte quotidiano dos cidadãos, responsáveis e responsabilizados no âmbito do seu trabalho e projecto global de existência e não meros objectos de decisões impostas por mecanismos anónimos constituídos em específica esfera, reservada aos eleitos, aos peritos, aos predestinados de vontade de poder, em suma, aos «políticos».

Já no final Eduardo Lourenço assinala que a experiência governativa de Maria de Lourdes Pintasilgo é como «um marco, uma estela, um testemunho, uma lembrança activa, uma proposta a retomar em melhores condições», sublinhando que devemos a ex-Primeira-Ministro «a recusa cristianíssima de converter a política em mística». E a terminar:

Muitos de nós ficarão para sempre gratos a Maria de Lourdes Pintasilgo por ter sido capaz, sem esforço, apenas pela cristã exigência que a habita, de agir e investir a sua generosidade no mundo político sem o confundir com o reino de Deus. Mas não menos gratos lhe estamos por ter trabalhado na ingrata vinha da História humana sem esquecer um segundo que essa mesma história é o palco onde, muito vicinamente, se representa o que Mestre Gil chamava a História de Deus.

Emigrantes portugueses em Grenoble reivindicam serviços consulares

Imigrantes portugueses na região francesa de Grenoble, comemoraram o 25 de Abril e lastimaram que o Governo de Sá Carneiro tenha proibido o Congresso das Comunidades Portuguesas.

«Muitas coisas teríamos a dizer nesse Congresso, que o actual Governo do sr. Sá Carneiro/Freitas do Amaral proibiu. Porque o proibiram? A resposta só pode ser uma. Esses senhores que já eram os do tempo do ditador Salazar, têm medo do povo, desse povo que, usando das liberdades democráticas, alcançadas no dia 25 de Abril de 1974, lhes diga na cara a verdade a que têm direito.»

Entre essas coisas a dizer, referidas por um dirigente da Secção de Isère da Associação dos Originários de Portugal, conta-se a criação de serviços consulares em Grenoble.

Os imigrantes portugueses da aglomeração de Grenoble têm que dirigir-se aos serviços consulares de Lyon para resolver os seus problemas.

Há mais de um ano que os imigrantes portugueses naquela região de França desenvolvem uma verdadeira campanha junto da Embaixada de Portugal em Paris, para que se estabeleça em Grenoble um serviço regular do Consulado. «Tivemos uma primeira resposta», afirmou o dirigente da ANOP de Isère, «dizendo que as autoridades francesas não permitiam a abertura desses serviços. Fomos saber e pelas autoridades francesas, foi-nos dito que elas não se opunham ao pedido fosse feito. De novo voltámos a enviar por escrito à Embai-

xada em Paris o pedido anteriormente feito: isto uma primeira e uma segunda vez, até termos a certeza de que o nosso correio fora recebido na Embaixada. Mas até hoje ainda não nos deram qualquer resposta. É assim que são tratados os imigrantes portugueses pelas autoridades portuguesas».

O dirigente da AOP discursava no dia 26 de Abril, data em que aquela associação festejou com uma festa (por ser sábado e as autoridades francesas não fazem feriados no dia 25) a Revolução dos Cravos. A festa dos imigrantes portugueses integrou-se no terceiro «Festival des Peuples et des Travailleurs», organizado pelos serviços culturais da «Mairie» de Saint Martin d'Hères, na aglomeração de Grenoble.

Na festa do dia 26, um grupo de crianças portuguesas de idades entre os 10 e os 14 anos, apresentaram uma peça de teatro totalmente concebida por elas, com o apoio dos professores de português e de matemática, de nacionalidades respectivamente portuguesa e francesa. O tema da peça foi as dificuldades dos imigrantes portugueses em França. À noite, houve variedades em que intervieram Gina Maria e Fernando Farinha. Cerca de 800 pessoas assistiram a esta festa, que se prolongou pela madrugada do dia 27 e culminou com baile.

No dia 25 propriamente dito, a AOP promoveu uma reunião em que participaram vários imigrantes portugueses e vários «maiores» da região de Grenoble.

«Estreitar as relações de cooperação»

—esta a missão de Sá Machado em Moçambique

O antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, Victor Sá Machado que se encontra em Moçambique a convite do reitor da Universidade Eduardo Mondlane, afirmou não estar ali com nenhum mandato do Governo português até porque não concorda com as diplomacias paralelas.

Sá Machado deslocou-se a Moçambique da qualidade de administrador da Fundação Calouste Gulbenkian que, segundo frisou, goza de grande prestígio naquele país. Disse ainda ter encontrado uma grande cordialidade que pensa corresponder a um sentimento generalizado para com Portugal. Esse sentimento poderá, de acordo com Sá Machado, justificar «a permanência e a constância nos vários programas governamentais de um relacionamento privilegiado com os novos estados saídos da descolonização portuguesa».

A propósito do seu encontro com o ministro moçambicano Joaquim Chissano, o administrador da Fundação Calouste Gulbenkian sublinhou que fora apenas uma reunião de natureza puramente pessoal, como as já realizadas com o ministro das Finanças e com o governador e vice-governador do Banco de Moçambique.

Sá Machado, no entanto, considerou que seria útil e desejável

ver em Portugal o ministro Chissano, conforme já esteve previsto, a fim de aprofundar o diálogo em que o Governo português está interessado.

Entretanto o administrador da Fundação Gulbenkian reúne-se hoje no Maputo, com o dirigente da Frente Revolucionária de Timor Leste, Mari Alkatiri, no propósito de procurar caminhos que conduzam a «uma solução honrosa para Portugal e útil para Timor».

No âmbito da sua deslocação a Moçambique (a cooperação com os Estados africanos) Sá Machado concordou com as propostas de formação de quadros moçambicanos para a educação e a saúde, nomeadamente na preparação de pessoal docente português e na especialização de médicos.

Prometeu, por outro lado, que a Gulbenkian subsidiaria, nos próximos anos, a deslocação a Moçambique de grupos culturais portugueses, caso da orquestra da Fundação que este ano actuará em Macau, Índia, Pequim e Hong Kong.

Interrogado acerca das verbas despendidas desde que começou a funcionar o serviço de cooperação com os novos Estados africanos, Sá Machado respondeu que a fundação «não deixara de fazer nada que lhe tivesse sido pedido».



MÓVEIS E ELECTRODOMÉSTICOS

O CONFORTO DE UMA CASA!

Rua Eduardo Augusto Pedroso, 18-B — Telefone 2116475 — ALGÉS

OS SEUS FILHOS PODEM APRENDER INGLÊS OU FRANCÊS DURANTE AS FÉRIAS GRANDES

BERLITZ abriu a matrícula para os seus Cursos de Verão com PREÇO ESPECIAL PARA ESTUDANTES.

Os Cursos de Verão da Berlitz permitirão aos seus filhos:

- Pronunciar correctamente o Inglês ou Francês
- Melhorar as suas notas escolares
- Preparar o próximo ano lectivo
- Falar com maior fluência

Cursos de 4 semanas nos meses de Julho e Agosto
Número de Inscrições Limitado.

BERLITZ
DESDE 1878

Escadinhas da Barroca, 2 • Telef. 87 46 56 • 1100 LISBOA
(ao Largo de S. Domingos - Rossio)

TAMBÉM CURSOS INTENSIVOS PARA ADULTOS

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO E SERVIÇOS DO DISTRITO DE LISBOA

ELEIÇÕES 3 de Junho

Informação

1. Nos termos do artº 3º n.º 6 do Regulamento Eleitoral decorreu até às 24 horas do passado dia 5 de Maio o prazo para apresentação de candidaturas concorrentes às eleições para os Corpos Gerentes do Sindicato a realizar no próximo dia 3 de Junho.

2. Dentro do referido prazo só foi entregue à M.A.G. uma lista de candidatura a qual foi considerada válida após a verificação da sua regularidade prevista no artº 4º n.º 1. Esta lista, cuja sigla é "TRABALHADORES DO COMÉRCIO E SERVIÇOS UNIDOS NUM SINDICATO FORTE E DEMOCRÁTICO", recebeu a letra A. Entretanto, e ainda dentro do referido prazo, a M.A.G. foi contactada por um grupo de associados que pretendiam proceder à entrega de uma outra candidatura. No entanto, tal pretensão não pode ser considerada devido a grosseiras violações do regulamentado, de entre as quais destacamos:

- os subscritores eram somente 804 e não 1500;
- as listas de subscrição não incluíam a nomeação dos candidatos e referiam-se a uma sigla que não correspondia à sigla da candidatura;
- o programa de acção resumia-se à sua introdução;
- e, principalmente,
- o número de candidatos aos órgãos a eleger era inferior em três ao número estatutário;

3. Estando portanto cumpridas todas as formalidades processuais previstas nos artºs 3º e 4º do Regulamento Eleitoral, a M.A.G. delibera que a campanha eleitoral tem início no próximo dia 12, 2ª feira, com a participação de uma única lista candidata, a LISTA A, cuja sigla atrás se indica.

4. Os cadernos eleitorais estarão em exposição nos locais e empresas onde vão existir mesas de voto, entre os próximos dias 19 e 29 de Maio, para consulta e eventual reclamação dos associados. Oportunamente será informada a lista definitiva dos locais de voto.

Lisboa, 9 de Maio de 1980

P'la Mesa da Assembleia Geral
José Manuel Barros



ÁLCOOL
um inimigo na estrada!

Pela reintegração de oito suspensos

Petrogal iniciou hoje maior greve de sempre

Os trabalhadores da Petrogal representados pela Federação dos Químicos iniciaram às sete horas de hoje uma paralisação de uma semana, em luta pela reintegração de oito trabalhadores suspensos na sequência da requisição civil determinada pelo Governo.

A adesão apurada ao fim da manhã era «bastante boa», segundo informações que recolhemos junto daquela Federação. Mas, à mesma hora, dirigentes sindicais encontravam-se em diligências junto do Conselho de Gerência da Petrogal, no sentido de conseguirem a anulação dos processos dos oito trabalhadores. Outras diligências estão a ser desenvolvidas junto dos Ministérios da Indústria e do Trabalho.

O abastecimento de combustíveis diversos estava esta manhã a registar sérias perturbações, como é o caso da gasolina e do gasóleo e, com maior incidência, o do gás de botija. A concretizar-se esta paralisação

de uma semana, com paralisação de cerca de metade do pessoal da Petrogal e particularmente o produtivo, as consequências poderão agravar-se rapidamente levando ao esgotamento das bombas e dos «stocks» de botijas, já a braços com défices que se arrastam desde as últimas greves.

Os trabalhadores da Petrogal batem-se, neste momento, unicamente pela reintegração dos suspensos. No que respeita às reivindicações salariais que inicialmente motivaram a luta, a Federação dispõe-se a aceitar a última proposta do CG (26 por cento contra os 20 por cento anteriores) como ponto de partida para novas negociações.

Gráficos do Porto ameaçam parar a 22

Se a reunião a efectuar no próximo dia 20, com os representantes patronais, não permitir ultrapassar o impasse nas nego-

ciações sobre o CCTV, os trabalhadores gráficos poderão paralisar durante um dia, a 22 do corrente, conforme deliberação tomada em plenário este fim-de-semana, no Porto.

A semelhança dos outros sindicatos do sector, a nível nacional, que procederam a idênticas tomadas de posição, as dificuldades nas negociações têm-se centrado particularmente em torno da tabela salarial, do subsídio de alimentação e do enquadramento profissional.

Urgeirica: greve desconvocada

Os trabalhadores das minas de Urgeirica, perto de Viseu, desconvocaram a greve prevista para amanhã.

«Não pretendemos negociar as nossas reivindicações com os trabalhadores em greve» — afirmou António Minhoto, da Comissão de Trabalhadores.

Com 12 demissões

Acentuam-se dissidências no secretariado do SIMA

Os corpos gerentes do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas e Afins (SIMA), um «paralelo» ligado à UGT/Maldonado Gonet, tiveram uma baixa de 12 dos seus 13 elementos que, no sábado de manhã, anunciaram a sua demissão, em conferência de imprensa realizada no Instituto de Formação Social e do Trabalho, no Porto.

Os demissionários, que convocaram os jornalistas expressamente para o efeito, acusaram o secretariado do SIMA de ser social-democrata e de «direita» além de corrupto e prepotente nas suas acções disciplinares.

Os 12 elementos acusaram ainda o secretariado (presidido por José Simões, antigo adjunto de Maldonado Gonet no Ministério do Trabalho) de estar a ofender a declaração de princípios e os estatutos do sindicato.

Além disso, disseram, no dia 3 do mês corrente, o secretariado convocou «ilegalmente», para Santarém, uma reunião do Conselho Geral daquela organização paralela, com o objectivo de eleger uma nova Mesa da Assembleia Geral, uma vez que a anterior lhe era desafecta.

MURPI desmascara aumentos em pensões de vítimas de doenças profissionais

«O Governo embandeirou em arco com muito pouco e omitiu que o Estado não contribuiu com um real para os benefícios anunciados, pois os lucros da Caixa de Doenças Profissionais são mais do que suficientes para cobrir tão magros encargos» — eis um comentário do MURPI a propósito dos anunciados aumentos aos pensionistas de doenças profissionais.

Além disso, diz o Movimento Unitário dos Reformados, Pensionistas e Idosos que o Governo «esqueceu» o número de pensionistas da Caixa Nacional de Seguros de Doenças Profissionais, que classifica de «irrisório». Assim, em 1978, havia 5894 pensões, das quais 2670 da responsabilidade exclusiva de companhias de seguros e 576 da responsabilidade destas mas com revisões suportadas pela Caixa.

Assinalando que o número de vítimas de doenças profissionais é muito superior ao dos pensionistas o MURPI diz que a legislação relativa a acidentes de trabalho é obso-

leta e a própria legislação da Previdência «está feita para o lucro à custa da miséria vitalícia das vítimas do trabalho».

«E os sinistrados do trabalho, quando são eles aumentados?» interroga o MURPI. «Quando é dada uma solução aos problemas destes dois grupos de vítimas do trabalho?»

A injustiça que atinge as vítimas do trabalho é atribuível, segundo o MURPI, entre outras causas, ao sistema de cálculo da pensão na base de um salário convencional em vez de ser na base do salário real, além da insuficiente definição de doença profissional e de acidente de trabalho.

Quanto à «medida» governamental, o MURPI lembra que «nunca os membros dos partidos da AD defenderam, quando oposição, os direitos e interesses das vítimas de doenças profissionais nem das sinistradas do trabalho». Por isso, «o MURPI alerta os reformados para as manobras ilusórias de políticos que esquecem as promessas feitas logo que põem o pé no poleiro».

Terminaram as greves na Suécia e no Brasil

O conflito laboral sueco terminou ontem, à noite, quando o Estado e os municípios, bem como o patronato privado, aceitaram aumentos salariais de 7,3 e 6,8 por cento, respectivamente. O diferendo, que se arrastou por 17 dias, tinha levado à paralisação praticamente total e ao isolamento da Suécia.

Segundo os observadores, as cedências de parte a parte traduzem-se num resultado em que não há vencedores mas somente vencidos. Enquanto os patrões não lograram manter os aumentos salariais nos cerca de dois por cento, que se propunham, os sindicatos cederam a partir de mais de 11 por cento inicialmente exigidos.

Assim, os trabalhadores não vêem garantidos aumentos dos salários reais, enquanto o patronato perdeu uma produção orçada em 58 milhões de contos, com riscos de ter perdido clientes que entretanto se tenham vi-

rado para outros fornecedores. Por outro lado, os aumentos conseguidos pelos sindicatos parecem ameaçar a política económica do Governo que visava o saneamento através do controlo da inflação, motivo por que tinha congelado temporariamente os preços e pretendia condicionar os aumentos salariais.

Também terminou greve de metalúrgicos brasileiros

Os metalúrgicos de São Bernardo, na cintura industrial de São Paulo, em greve há 41 dias, decidiram, ontem, regressar ao trabalho, a partir de hoje, e prosseguir a sua luta sob outras formas, nomeadamente com acções de sabotagem nas fábricas.

Enquanto esta decisão era tomada por milhares de trabalhadores reunidos, em assembleia geral, na Catedral de São Bernardo, um dos seus dirigen-

tes sindicais, Osmar Mendonça, era preso na sacristia pela Polícia Política (DOPS).

Os grevistas, que reclamavam um aumento salarial de 15 por cento e a estabilidade do trabalho durante, pelo menos, um ano, não obtiveram até agora satisfação.

Trata-se da greve mais longa até agora desencadeada no Brasil sob o regime militar no poder desde 1964.

Entretanto, os dirigentes sindicais dos metalúrgicos brasileiros, detidos em consequência da greve do sector, entraram na sexta-feira em greve de fome. Entre os dez dirigentes presos figura Luís Inácio da Silva, «Lula», presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema.

Os dirigentes detidos permanecerão em greve de fome enquanto não recomeçarem as negociações entre trabalhadores e patrões para resolver o conflito.

Ministros da NATO discutem "plano de crise" em Bruxelas

EUA querem transformar a Europa num barril de pólvora

O Governo americano pretende obter um «acordo de princípio» com os europeus, esta semana em Bruxelas, sobre as «medidas concretas» de reforço da NATO depois do «golpe de Cabul»: tal é o sentido dado, nos meios diplomáticos atlânticos, à participação na quarta-feira em Bruxelas do secretário de Estado americano, Edmund Muskie, na reunião especial dos ministros dos Negócios Estrangeiros e da Defesa da NATO (com excepção da França e da Grécia).

Este programa a curto e médio prazo, elaborado pelo Pentágono e apresentado em Bruxelas aos aliados em meados de Abril pelo subsecretário da Defesa americano, Robert Komer, trata dos seguintes pontos: instalação em «caso de crise» de uma ponte aérea entre os Estados Unidos e a Europa, formada por cargueiros gigantes de companhias aéreas europeias. Esta ponte aérea, actualmente em estudo nas capitais europeias da aliança, permitirá libertar uma parte dos aparelhos de transporte militares americanos «em

direcção a outros destinos, o golfo se for necessário; instalação de estruturas de acolhimento na Europa para receber reforços americanos, também em caso de crise. Estas estruturas implicariam 90 000 empregos no sector logístico na RFA, 30 000 no Benelux e 30 000 na Grã-Bretanha; reforço das reservas europeias assim como dos depósitos de munições de que uma parte poderá ser utilizada pelas tropas americanas chamadas «para uma zona de crise». Estes depósitos sublinha-se são actualmente inferiores ao mínimo da NATO de 30 dias. As tropas americanas seriam em princípio destacadas das reservas americanas destinadas a reforçar a Europa em caso de crise, e não dos efectivos já instalados na Europa; reexame do orçamento de infra-estrutura da NATO fixado até 1984, em 4,5 mil milhões de dólares, em função das prioridades da «era após Afeganistão».

Esta «distribuição das tarefas» entre aliados, acentua-se na NATO, deve no espírito da Administração Carter, mobilizar

politicamente os Estados Unidos numa altura em que um certo mal-estar se estabeleceu no diálogo transatlântico ao nível das reacções europeias sobre o caso dos reféns de Teerão, o boicote dos Jogos de Moscovo e as sanções contra a URSS depois da intervenção no Afeganistão.

Espera-se geralmente que o programa americano de reforço da NATO seja examinado durante os seis próximos meses nas capitais dos países aliados antes de ser formalmente aprovado na sessão ministerial da NATO em Bruxelas, em Dezembro deste ano. De fonte atlântica bem informada confirma-se já que o plano «recebeu um acolhimento favorável em Londres, Bonn, Haia e Bruxelas».

Os ministros da Defesa europeus hoje mesmo reunidos no quadro da eurogrupo (membros europeus da NATO) passarão em revista os aspectos técnicos da defesa europeia e na terça-feira com os homólogos americanos e canadianos, o conjunto das questões de defesa relativas à aliança. A França e a Grécia

que se retiram do comando militar integrado da NATO, não participarão nas reuniões desta semana em Bruxelas.

Edmund Muskie, efectuando a sua primeira viagem ao estrangeiro como secretário norte-americano de Estado, seguirá de Bruxelas para Viena para se encontrar, na sexta-feira, com o ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko. Será o primeiro contacto a alto nível desde que tropas soviéticas intervieram no Afeganistão, em fins de Dezembro.

Egipto vai ser ponta-de-lança da NATO

Ao que parece em relação com o «plano de crise» a que nos referimos acima e que será discutido esta semana em Bruxelas, o presidente Carter concordou com um projecto do Ministério americano da Defesa visando implantar uma força militar americana no Egipto, afirma no domingo «The Observer» (liberal britânico).

Esta força deverá ser capaz de mobilizar 50 000 homens para «operações de choque» precisa o semanário, acrescentando que falta agora obter o apoio dos outros países da Aliança Atlântica.

Filho de dirigente da DCI procurado por terrorismo

A polícia italiana prosseguiu ontem de manhã as buscas para detenção de Marco Cattin, filho do vice-secretário da Democracia Cristã, acusado de «participação no bando armado Primeira Linha».

De acordo com algumas versões, Marco Cattin fez parte do comando que em 29 de Julho de 1979 matou o magistrado Emilic Alessandrini em Milão e seria «um dos personagens mais activos da Primeira Linha».

A sua mãe e a sua ex-mulher foram chamadas a interrogatório nos últimos dias. O pai, representante da ala mais conservadora da Democracia Cristã, tem mantido o silêncio mais absoluto, depois de ter apresentado a sua demissão que, no entanto, não foi aceite pelo secretário-geral da DC.

Entretanto, o chefe da brigada antiterrorista da polícia de Veneza, Alfredo Albanese, foi abatido ontem a tiro perto da sua residência, revelaram as autoridades.

Exilados líbios vítimas de atentados

As Polícias alemã federal, italiana e inglesa estão a investigar a possibilidade de estar em curso o assassinio sistemático dos adversários exilados do dirigente líbio, coronel Muamar Gaddafi.

As autoridades de Bonn interrogam actualmente um jovem líbio que foi apanhado pelos transeuntes quando matou a tiro um ex-funcionário da embaixada líbia, de 43 anos, numa passagem subterrânea para peões muito concorrida. Por outro lado, há dias, foram mortos em Londres dois líbios conhecidos como adversários de Gaddafi.

Em Roma, um rico negociante líbio também foi abatido a tiro num bar cheio de gente, perto da estação central dos caminhos-de-ferro. Foi o terceiro assassinio de um líbio proeminente

A notícia parece confirmar-se

Uganda sob controlo de uma comissão militar

São contraditórias as informações que nos têm chegado esta manhã sobre a situação no Uganda. Depois de parecer confirmada a notícia segundo a qual o país estaria sob controlo de uma comissão militar da Frente de Libertação Nacional, um auxiliar do presidente Godfrey Binaisa afirmou que este político continua a ser o chefe do Estado, a despeito de declarações impu-tadas a «militares rebeldes».

No entanto, há indicações de que os militares tomaram efectivamente o Poder no Uganda, 13 meses após o derrube da ditadura do marechal Idi Amin.

A crise começou no sábado, quando o presidente Binaisa demitiu o chefe de Estado-Maior do Exército, brigadeiro David Oviye Ojok.

Ontem, tropas leais ao brigadeiro Ojok, ocuparam o posto de Rádio e transmitiram um comunicado rejeitando a sua demissão.

O posto de Rádio emitiu também uma declaração do ministro do Trabalho, Paulo Muwanga, que informava terem sido suspensas as transacções com divisas estrangeiras.

Entretanto, meios próximos do presidente Binaise desmentiram que os militares tivessem tomado o poder. Todavia, segundo a maioria dos jornalistas e observadores, o chefe do Estado parece estar confinado à sua residência oficial, perto do aeroporto de Entebbe. Para meios diplomáticos ocidentais em Kampala, existem fortes indícios de que o Exército se prepara para destituir o presidente.

O brigadeiro Ojok, que segundo Rádio Kampala continua em funções, é um antigo partidário do ex-presidente ugandês Milton Obote e uma figura amplamente respeitada pela sua acção no derrube do ditador Amin.

Obote declarou, entretanto, no Quênia, que não estava relacionado com a ocupação militar da Rádio Uganda, nem tinha conhecimento antecipado dela. Culpou no entanto o presidente Binaisa pela actual crise e disse que ele parecia comportar-se como o antigo ditador.

Obote concluiu: «Não tenho Exército no Uganda. Tive um, na guerra de libertação, mas entreguei-o confiadamente à FLNU. Não tenho poderes hoje para dirigir qualquer homem ou oficial desse Exército».

Embora o fiel da balança pareça desfavorável a Binaisa, está instalada o perigo de uma guerra civil no Uganda, país esgotado pela seca e pela fome.

As mais recentes informações apontavam que estariam a assomar as condições que permitiriam o regresso de Obote ao Poder, voltando do exílio e participando nas eleições presidenciais marcadas para o final do ano corrente.

O Papa na Costa do Marfim:

“Defendei bem as vossas raízes africanas”

O Papa João Paulo II, que tornou a lacuna existente entre ricos e pobres o tema principal dos seus discursos em Abidjan, visitou um bairro pobre africano e a «aldeia natal», construída com grande luxo, do presidente da Costa do Marfim, no último dia da sua viagem a África.

Deslocou-se ao subúrbio de Treichville, em Abidjan, o «bairro do pecado» da cidade, onde vivem muitas famílias pobres em barracas, antes de seguir de avião para Yamoussoukro, a 210 quilómetros ao norte.

O presidente Felix Houphouët-Boigny construiu dois palácios nessa localidade, ornamentados a mármore e ouro. Ladeou também ruas, livres de trânsito, com milhares de candeeiros, e ordenou a criação de relvados e jardins muito bem tratados.

Em Yamoussoukro, o Santo Padre celebrou missa perante grande número de fiéis concentrados no centro da praça, que tem agora o nome do Papa, em honra da sua visita.

No seu estilo habitual, o Papa pareceu debater logo o âmbito dos problemas que este país enfrenta, pois um dos principais temas de polémica entre africanos e europeus na Costa do Marfim é se a forte influência ocidental será, um dia, rejeitada.

«Defendei bem as vossas raízes africanas. Salvaguardar os valores da vossa cultura», disse João Paulo II aos jovens reunidos em Yamoussoukro.

João Paulo II termina hoje a sua viagem de dez dias a seis nações de África, visitando uma colónia de leprosus em Ardzepe, 100 quilómetros ao norte de Abidjan.

Eleições no Irão

Partido Republicano Islâmico assegura maioria parlamentar

O Partido Republicano Islâmico, à frente de uma «grande aliança» de clérigos muçulmanos, garantiu o controlo do Parlamento iraniano, de acordo com os resultados das eleições de sexta-feira, hoje conhecidos.

Funcionários partidários afirmaram que a aliança obteve a maioria dos 270 lugares do Parlamento e que esperava contar com o apoio de vários clérigos independentes ou activistas islâmicos que foram eleitos.

De acordo com a Rádio de Teerão, o Partido Republicano Islâmico obteve já um total de 110 lugares no Parlamento, enquanto os Fundamentalistas Muçulmanos, que concorreram como independentes, obtiveram um número de lugares suficiente para que o Partido seja maioritário.

Faltam ainda atribuir 25 lugares. Na primeira volta das eleições,

o Partido Republicano Islâmico ganhou 50 dos 98 lugares decididos. Na segunda volta, realizada na sexta-feira, em 149 distritos eleitorais, este grupo conquistou já 60 dos 124 lugares decididos, o que lhe dá o total de 110.

A segunda volta das eleições não se realizou em 23 distritos eleitorais, devido à agitação ou a acusações de irregularidades na primeira volta. No entanto, a Constituição prevê que o Parlamento possa reunir-se, assim que dois terços, ou sejam 180, dos seus membros estejam eleitos.

O dirigente religioso «ayatollah» Khomeini tem afirmado repetidamente que o Parlamento debaterá e decidirá a questão dos reféns norte-americanos no Irão. No entanto, não deverá ser tomada qualquer decisão antes de Junho ou Julho.

Bélgica volta a adiar decisão sobre os mísseis

O primeiro-ministro belga interino anunciou ontem que o seu país adiará a resposta que em princípio deveria dar à NATO em fins de Junho, sobre a autorização de instalação no seu território dos tão contestados mísseis nucleares «Cruise». Wilfred Martens acrescentou que este é um dos pontos acordados entre os partidos que ontem assinaram um protocolo para a formação do novo governo. Trata-se de adiar esta decisão para poder negociar uma forma de impedir a escalada armamentista na Europa, segundo afirmou Martens. Meios políticos em Bruxelas consideram este novo adiamento uma derrota para a NATO, no que toca à instalação dos novos mísseis, na véspera de mais uma reunião de alto nível da organização.

Acordo governamental

Terminaram ontem com sucesso, na Bélgica, negociações preliminares entre os seis principais partidos com a finalidade de formar novo governo.

Durante a próxima semana estão marcados congressos extraordinários para discutir este assunto pelos partidos liberal, socialista e democrata-cristão, tanto de expressão francesa como flamenga.

O primeiro-ministro interino, o democrata-cristão flamengo Wilfred Martens, expressou satisfação pelo sucesso obtido depois de 20 dias de negociações.

Porém, advertiu que a ratificação pelos congressos extraordinários poderá ser difícil pois no seio de alguns partidos existem

correntes opostas a aspectos do acordo governamental.

De qualquer modo os observadores políticos julgam que os partidos acabarão por aprovar o acordo e, depois de uma curta negociação de distribuição de pastas ministeriais, Martens poderá constituir um novo gabinete em 18 ou 19 deste mês.

O novo governo continuará a reunir os três grandes grupos políticos nacionais nas suas versões flamenga e francófona, pelo que é conhecido como «trípartido hexapolar».

O contencioso sobre as autonomias regionais que originou a crise há 33 dias foi resolvido «congelando» o problema de Bruxelas, não sendo reconhecido de momento a criação da zona da capital como terceira região do país.

RFA

Schmidt grande vencedor das eleições da Renânia

Os resultados oficiais provisórios das eleições realizadas ontem no Estado Federal Alemão da Renânia do Norte-Vestefália confirmam a vitória do Partido Social Democrata (SPD).

Ao Partido Liberal (FDP), coligado até agora com o SPD faltaram-lhe apenas 1730 votos para obter os 5 por cento requeridos pela lei eleitoral para entrar no Parlamento. Os resultados são os seguintes: Partido Social-Democrata (SPD) 48,4 por cento (1975:45,1); Partido Democrata-Cristão (CDU) 43,2 por cento (1975:47,1); Partido Liberal (FDP) 4,98 por cento (1975:6,7).

A distribuição dos 201 lugares do parlamento de Dusseldorf será: SPD 106 lugares (1975:91); CDU 95 (1975:95); FDP 0 (1975:14).

O partido ecologista «os verdes» obteve apenas 3 por cento dos votos pelo que também não estará representado no Parlamento.

A participação eleitoral foi de 80,1 por cento, cerca de menos 6 por cento que nas eleições de

1975.

O Governo da Renânia do Norte-Vestefália é formado desde 1966 por uma coligação que aglutina sociais-democratas e liberais.

O grande vencedor da consulta foi portanto o SPD e o grande derrotado foi o FDP que apesar de não descer muito no número de votos recebidos perdeu todos os seus 14 deputados.

O resultado foi considerado como um voto de confiança na política internacional de Schmidt, tema em que o SPD martelou durante a campanha eleitoral, salientando a necessidade de se salvaguardar a paz mundial.

Militantes do SPD mostram-se jubilosos e Willy Brandt, o dirigente do partido e antigo chanceler, aludiu a um voto a favor da «firmeza e ponderação» da política do Governo, numa altura de tensão internacional.

Ontem, à noite, Strauss, que chefia a CDU, partido bavaro irmão do CDU, evitou perguntas acerca da sua candidatura. Limitou-se a dizer que a oposi-

ção precisava de se empenhar numa campanha mais dura para as eleições de cinco de Outubro.

Apenas uma questão de pescas?

Aviões cubanos afundam barco patrulha das Bahamas

Os Governos das Bahamas e de Cuba apresentaram ambos a sua própria versão do incidente ocorrido no sábado à tarde, em que estiveram envolvidos vários aviões cubanos, e de que resultou o afundamento de um navio bahamiano e a morte de quatro dos seus tripulantes.

Do lado bahamiano soube-se que um dos seus patrulheiros, o «Flamingo» navio da «Força de Defesa das Bahamas», foi atacado a metralhadora por aviões caça «Mig» cubanos, quando tinha interceptado dois barcos, com oito pessoas a bordo, que pescavam «ilegalmente» nas águas bahamianas, ao largo de Ragged Island. Durante um segundo ataque, o barco patrulha foi afundado por dois outros aviões cubanos, causando a morte de quatro marinheiros, acrescenta-se. Os outros tripulantes do «Flamingo» conseguiram alcançar Ragged Island a

bordo das duas embarcações cubanas.

Entretanto Cuba afirmou hoje que os pilotos da sua Força Aérea confundiram o navio de patrulha das Bahamas com um «navio pirata» e julgavam que os pescadores cubanos estavam a ser raptados.

Uma mensagem neste sentido foi enviada ao Governo de Nassau e ao mesmo tempo a «Prensa Latina» difundia um comunicado em que considera o acontecido como um «lamentável incidente».

«Nunca os nossos pilotos identificaram o barco como pertencendo à Marinha de Guerra das Bahamas» — sublinha a «Prensa Latina». Acrescentando que Havana lamenta o sucedido «pois sempre foi nosso objectivo manter as melhores relações de amizade e respeito com este país vizinho».

Por seu turno, o Governo das Bahamas, que esteve reunido

durante a noite, distribuiu um comunicado em que «condena vigorosamente Cuba pela violação da soberania das Bahamas e das leis internacionais, e exigiu desculpas e uma indemnização».

O vice-primeiro-ministro, Arthur Hanna, que substituiu o chefe do Governo, de visita a Londres, rejeitou no entanto a hipótese de o «Flamingo» ter sido confundido por um barco pirata.

Hanna acrescentou que manobras de intimidação foram levadas a cabo, ontem, pelos cubanos, que utilizaram dois aviões tipo «Mig» e um helicóptero, o qual esteve estacionado «pelo menos durante 15 minutos» numa ilha de Ragged.

Esta pequena ilha, situada a 104 quilómetros ao Norte de Cuba, e que faz parte das Bahamas, tem algumas centenas de habitantes.

Os oito pescadores cubanos continuam detidos pelas autoridades de Nassau.

Depois da resolução do Conselho de Segurança

Israel impediu o regresso dos autarcas expulsos

Os três líderes palestinos expulsos a semana passada pelas autoridades militares israelitas da ocupada margem ocidental do Jordão, tentaram ontem regressar da Jordânia a suas casas mas foram impedidos de o fazer por soldados israelitas.

Os três — o presidente do Município de Hebron, Fahd Qawassmi, o presidente do Município de Halhoul, Mohammed Milhem, e o juiz religioso muçulmano de Hebron, Xeque Rajab Tamini, encabeçaram um cortejo automóvel desde Amã até a ponte de Allenby, sobre o rio Jordão. Contudo, soldados israelitas desarmados e com numerosos veículos bloquearam a ponte.

Desencadearam-se então escaramuças, quando cerca de 500 manifestantes, que acompanhavam os três líderes, gritaram «Arafat está a chegar».

Os três autarcas foram deportados para o Líbano há nove dias.

O Xeque Rajab disse ao coronel israelita responsável na ponte, que tinham vindo de acordo com a resolução da semana passada do Conselho de Segurança da ONU, que apelava para que Israel os deixasse regressar. Ladeado por cartazes contendo o texto da resolução, e palavras de ordem glorificando a revolução palestina, acrescentou que tinham sido deportados sem razões e sem serem julgados.

O Xeque exigiu que lhes fosse permitido regressar ao país e serem levados a julgamento, se houvesse qualquer acusação contra eles.

Os manifestantes permaneceram na ponte durante cerca de duas horas, transportando depois aos ombros os três líderes palestinos.

Durante a manifestação, Milhem declarou ao coronel israelita: «Não nos foi concedido o direito legítimo de nos defendermos. Mas os palestinos regressarão, na paz, ou com a guerra».

Mais tarde disse a jornalistas: «A resposta cabe agora ao Conselho de Segurança, às Nações Unidas e à opinião pública mundial».

Jornalistas israelitas e estrangeiros que pretendiam cobrir a tentativa dos líderes palestinos de regressarem à margem ocidental foram impedidos de o fazer na cidade de Jericó, a cerca de dois quilómetros da ponte.

Enquanto isto, a vários quilómetros de distância, cerca de 100 israelitas, chefiados por dois deputados de esquerda do Parlamento de Telavive e pertencentes a várias organizações progressistas, tentaram aproximar-se da ponte sem êxito para aí manifestarem o seu apoio ao regresso dos dirigentes palestinos.

Entretanto, Israel estabeleceu ontem o quadragésimo quarto colonato judaico na Cisjordânia ocupada. As primeiras dez famílias fixaram residência na aldeia de Tel Hadasha, a cerca de cinco quilómetros a Noroeste de Jerusalém.

Receia-se que esta iniciativa difícilte ainda mais as negociações sobre a autonomia palestina suspensas pelo Egipto na quinta-feira, após onze meses sem resultados tangíveis. Os acordos de Camp David estipulavam um prazo para a sua conclusão que deve expirar dentro de duas semanas.

Eleições nos EUA

Novo desaire para Kennedy

O senador e candidato democrata à presidência dos Estados Unidos, Edward Kennedy, rejeitou a possibilidade de se retirar da campanha eleitoral, desmentindo, assim, afirmações nesse sentido de assessores do presidente Carter.

No programa da TV «Perguntas e Respostas», difundido pela cadeia ABC, Kennedy disse que continuará a campanha até ao fim da Convenção Democrata de

Nova Iorque, que terá lugar em Agosto.

O presidente do Partido Democrata, John C. White, tinha sugerido na semana passada que era hora dos democratas se agruparem em torno do presidente Carter, que aparece como candidato certo à reeleição pelo partido.

Kennedy, porém, voltou a desafiar Carter para um debate nacional, no qual seria abordada

dos os graves problemas com que se defronta o país.

Carter rejeitou repetidas vezes um frente a frente com Kennedy a transmitir pela Televisão, alegando que isso contribuiria para dividir o Partido Democrata.

No entanto, o líder da maioria democrata no Senado, Robert Byrd, pediu ao presidente Carter que aceite o desafio de Kennedy para um debate televisivo.

Carter e Reagan continuam a

somar vitórias nas eleições primárias. No Wyoming, o actual presidente conseguiu mais nove delegados à Convenção Democrata, para três de Kennedy, enquanto o antigo governador da Califórnia conseguiu 16 em 19.

Amanhã terão lugar as eleições nos Estados do Maryland e Arkansas. Os especialistas afirmam que elas deverão ser ganhas também por Carter, do lado democrata e por Reagan, do lado republicano.

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Press, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

C.C.T.V. SECTOR AUTOMÓVEL

Alerta aos trabalhadores do CCTV Sector Automóvel

O patronato tenta dilatar indefinidamente as negociações do novo contrato

Cameras
Nove meses de negociações do CCTV do Sector Automóvel não permitiram ainda que as mais importantes matérias do contrato tenham já sido acordadas. Para este facto, atentatório dos direitos dos trabalhadores e da dignidade da contratação colectiva, tem contribuído única e exclusivamente o patronato, que tem sistematicamente repetido um conjunto de manobras dilatórias ao bom andamento do processo de negociação. Ao fim de 9 meses o patronato «dignou-se» apresentar uma contraproposta de tabelas salariais com aumentos extremamente baixos — menos de 18% — que, para além de ficarem muito aquém do agravamento do custo de vida entretanto verificado, não teria qualquer repercussão nos salários já auferidos pela esmagadora maioria dos trabalhadores do sector. Mas não é só esta contraproposta de tabela salarial do patronato que evidencia claramente a ausência de qualquer vontade de negociar seriamente por parte da Comissão Negociadora Patronal.

Com nove meses de negociações ultrapassados, o patronato ainda não respondeu à tabela salarial diferida apresentada pela Comissão Negociadora Sindical, não entregou uma contraproposta completa de enquadramentos, nomeadamente em relação ao posicionamento dos aprendizes e praticantes, como ainda também não apresentou qualquer contraproposta sobre questões tão importantes como aumentos mínimos e diuturnidades, deixando entretanto já dado a entender, durante as negociações, que nestes dois casos a sua posição é de rejeição total, assim como de subleito de turno, critério diferenciador da aplicação das tabelas salariais, acessos e quadros de densidade, entre outros.

Com nove meses de negociações, o patronato, no entanto, evidenciou já uma vontade: a de não acordar no novo clausulado geral importantes direitos dos trabalhadores, direitos já reconhecidos em anteriores contratos, como o direito de actividade sindical na empresa, a transferência de local de trabalho, a proibição de polivalência de funções, assim como qualquer cláusula que remeta para a consulta dos órgãos representativos dos trabalhadores, sejam eles a comissão sindical, a comissão intersindical, a comissão dos trabalhadores ou o sindicato.

Em nove meses de negociações o patronato tem, assim, evidenciado claramente os objectivos com que se apresentou às negociações: por um lado retirar do clausulado dos contratos em vigor importantes conquistas e direitos dos trabalhadores, por outro lado, o manifesto desejo de protelar indefinidamente as negociações, quer não apresentando contrapropostas quer apresentando-as com um conteúdo ridículo e provocatório, impossibilitando assim que elas se tomem em qualquer base séria de negociação.

Face a esta situação é evidente que terão que ser os trabalhadores, unidos e organizados à volta das suas associações sindicais e da Comissão Negociadora Sindical, a dizer bem alto ao patronato: basta de manobras dilatórias, já é altura de se acordar definitivamente o CCTV para o Sector Automóvel — um CCTV que responda às justas aspirações dos trabalhadores e que garanta os direitos já anteriormente consignados.

A Comissão Negociadora Sindical exorta todos os trabalhadores do Sector Automóvel a participarem massivamente em todas as reuniões plenárias em curso para a discussão da evolução das negociações e das eventuais formas de luta que necessariamente terão que adoptar se se mantiver a disposição patronal em dilatar indefinidamente as negociações.

- PELA IMEDIATA CONCLUSÃO DO CCTV!
- PELA DEFESA DAS CONQUISTAS JÁ CONSAGRADAS!
- PELA REPOSIÇÃO DO PODER DE COMPRA!

A COMISSÃO NEGOCIADORA SINDICAL

Federação dos Sindicatos da Metalurgia, Mot. e Máquinas de Portugal
Federação Port. dos Sindicatos do Comércio e Serviços
FETES-Federação dos Sind. Trabalhadores Escritório e Serviços
FESINTES-Federação dos Sind. Trabalhadores Escritório e Serviços
Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Eléctricas do Norte
Sindicato dos Técnicos de Venda
Sindicato dos Técnicos de Desenho
Federação Nacional dos Transportes Rodoviários e Urbanos
Federação Nac. dos Sindicatos da Construção Civil e Madeiras

Lisboa, 6 de Maio de 1980

SINDICATO DAS INDÚSTRIAS ELÉCTRICAS DO CENTRO

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCATÓRIA

Nos termos da lei e em conformidade com a alínea a) do Artigo 31.º dos estatutos, convoca-se a assembleia geral ordinária para os próximos dias 22 e 23 de Maio de 1980 com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Eleição dos corpos gerentes para o biénio 1980/1981.
- Locais e funcionamento das mesas de voto

Mesa de Voto	Local de Funcionamento	Dias	Horas
Colmbra	Sede		
	Rua Simões de Castro, 159-1.º	23	15 às 20
Figueira da Foz	Sindicato Const. Civil		
	Rua Direita do Monte, 16	22	16 às 20
Ovar	Deleg. Sind. Ind. Elect. Centro		
	Largo Comb. Grande Guerra, 35	23	15 às 20
Ovar	Philips Portuguesa	22	09,30 às 13
Ovar	Rabór	22	15,30 às 19
Aveiro	Frapil	22	09,30 às 13
Aveiro	Sind. Const. Civil		
	Rua D. Jorge Lencastre, 10	22	16 às 20
Lousã	E.D.P.	23	16 às 20
Caldas da Rainha	Audiomagnética	22	09,30 às 13
Lelria	Sind. Empreg. Escritório		
	Largo Rainha Santa Isabel	23	14 às 20
Castejo Branco	Sind. Empreg. Bancários		
	Av. 1.º de Maio, 39-2.º-Dt.º	22	11 às 14
Covilhã	Sind. Trab. Sector Têxtil Beira		
	Baixa-ex-Sind. Lanifícios		
	Rua Azedo Gneco, 24	22	18 às 20
Guarda	Sindicato Metalúrgicos		
	Rua da Paz, 34	23	10 às 14
Sela	E.D.P.	23	17,30 às 20
Central do Varosa	E.D.P.	22	08,00 às 10
Lamego	Bombeiros Voluntários	22	17 às 20
Vila de Rua	E.D.P.	23	11 às 13
Viseu	Sindicato Metalúrgicos		
	Rua Chão Mestre, 117	23	17 às 20

Os sócios deverão fazer-se acompanhar do cartão de sócio. O bilhete de identidade poderá servir para identificação se o sócio provar o número do cartão de sócio.

Artigo 80.º dos estatutos -1- não é permitido o voto por procuração. 2 — É permitido o voto por correspondência, desde que: a) a lista de voto esteja dobrada em quatro, com os nomes voltados para dentro e contida em envelope fechado, não escrito, b) este envelope, juntamente com o cartão de sócio ou bilhete de identidade e uma carta devidamente assinada dirigida ao presidente da assembleia geral, esteja contido noutro envelope enviado ao presidente da assembleia geral por correio registado, c) a data do registo do envelope não seja posterior à do dia da votação.

Colmbra, 12 de Maio de 1980

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Carlos Gomes de Andrade
António José Costa dos Santos
António Rasteiro Araújo
Valdemar Marques Pereira de Moura

Desporto



Para dois portistas (Frasco e Biffe) cinco sportinguistas (Eurico, Fraguito, Bastos, Meneses e José Eduardo)



Ademar, Fidalgo, Barão e Mota: e efémera alegria do golo

Tudo na mesma: Porto, 1-Sporting, 1

No melhor pano cai a nódoa

No melhor pano cai a nódoa: ontem, no conclave das Antas, o homem que temos visto rubricar arbitragens do mais alto nível fez mais erros nos 97 minutos da função que nos últimos cinco anos. Exacto: o justamente prestigiado António Garrido esteve realmente mal, talvez por deficientemente auxiliado, talvez porque o ambiente e muitos factores extra jogo ajudaram a provocar um clima efervescente, desencadeador-detonador de um mundo de casos.

Evidentemente que custa ver um trio de árbitros largamente experientes, fracassarem na prova de exame para a rude tarefa que os espera na decisão da «Taça dos Campeões», dia 28, em Madrid: mas, ficaríamos de mal com a nossa consciência, e enganaríamos o leitor, se não colocássemos em lugar subalterno a amizade pessoal que nos prende a António Garrido para, em termos da mais pura sinceridade, considerar como anormal o teste nas Antas.

O Conselho Nacional de Arbitragem (disse-nos, nas cabinas, o seu próprio presidente: dr. António Manuel Pereira) foi para o **consenso dos clubes em luta**, escolhendo três juizes de comprovada capacidade ainda que todos tivessem ligação com o símbolo de Alvalade. Vejam só: António Garrido é comprovado adepto leonino, Mário Luís beneficiou de uma bela passeata à China dois dias depois de ter dirigido uma final de «Taça» que os «leões» venceram e, para cúmulo mas em ponto oposto, o algarvio César Correia tem um contencioso com o jornal de Alvalade, a quem processou (vencendo judicialmente a questão mas

marcando logo aí desacordo frontal com os dirigentes verde-brancos). Quer dizer: dois dos homens da arbitragem tentariam, «à priori», provar a sua isenção e o colega, que de há muito se sabe não morrer de amores pelo Sporting, não poderia deixar (igualmente) de querer ser o mais imparcial possível.

«Penalties»

O resultado foi este: Mário Luís não assinalou uma grande penalidade cometida sobre Sousa na área de rigor do «team» lisboeta e, pela sua falta, acabaria por ser prejudicado Garrido que, logo rodeado de um coro fabuloso («gatuno, gatuno, gatuno...») ficou de tal modo perturbado

Comentário por NEVES DE SOUSA



César Correia, António Garrido e Mário Luís: aplausos só à entrada

que, se pudessemos entrar no seu pensamento, ficaríamos crentes de que apenas esperaria o mais pequeno novo deslize da defensiva lisboeta para emendar o julgamento e conceder o «penal-

tye» que não marcara anteriormente: o ensejo veio no preciso instante em que, de muito longe, viu a bandeira erguida por César Correia, a premiar o belo mergulho para a relva do brasileiro Biffe,

após encosto forte de Bastos. Quer dizer: Deus fazia justiça por linhas tortas, por caminhos que não podem aplaudir-se.

Tudo a dar para o torto

De facto, esse erro inicial de Garrido não castigar o Sporting com todo o propósito e, mais tarde, quando as Antas estavam em polvorosa (porque o espectáculo estava a dar as últimas e não surgia o golo redentor) ainda seria agravado por mais coisas, como sejam o inacreditável fora de jogo que António Garrido (sozinho no Mundo) garante perfilar com Mário Luís no segundo golo leonino (obra limpa de Manuel Fernandes) que, a validar-se logicamente, colocaria o Porto em desvantagem tal que não haveria coramina que chegasse em todas as farmácias do Norte. Mas, para além disto o trio de arbitragem ainda teve nova porção de azares. Assim, e no lance da grande penalidade, permitiu que Oliveira fizesse a «paradinha», fez vista grossa para a saída avançada de Vaz e desconheceu que Romeu estava em posição irregular quando teve pernas para a recarga vitoriosa. Depois,

não teve unhas para castigar Vaz (que, de peito feito, atirou com Gomes para o chão) não mostrou nenhuma cartolina a Rodolfo (que logo apareceu a tirar desforço da traulitada que o colega sofrera), e, para cúmulo dos cúmulo, também desconheceu (mais que ostensivamente) um bruto arrial de pancada onde, desde murro a pontapé, ouve de tudo graças a Deus: que o digam Vaz, Murça, Simões, Oliveira, Bastos e os oitenta mil que guardam um pouco de respeito pela sua consciência.

Se isto não fora suficiente, António Garrido (mau grado alguns esforços) permitiu um autêntico mar de gente a envolver a baliza guardada pelo porteiro de Lisboa e, como se adivinha, a massacrar-lhe os ouvidos com aquilo que se imagina. E, no meio de gáudio geral e espanto absoluto da plateia mais evoluída, não teve olhos para notar que um paisano entrava no relvado para ir buscar a bola ao fundo das malhas de Vaz e, com a calma dos Cabrais, traçar a relva e ir colocar o esférico no centro do terreno, ao mesmo tempo que outro sujeito não identificável vinha do público e, com um chapéu de chuva,

Continua na pag 16

Agostinho brilha amadores fracassam

Enquanto a «Vuelta» a Espanha entrava no papo do espanhol Faustino Ruperez, o nosso Joaquim Agostinho obteve o 3.º lugar na «clássica» ciclista «Quatro Dias de Dunquerque», ganha pelo belga Jean-Luc Vandebroucke.

Agostinho totalizou 23 horas e 17,53 minutos, ficando a 57 segundos de Vandebroucke, cujo tempo foi contestado pelos principais adversários.

Segundo muitos ciclistas, o jovem belga teria realizado o tempo de 21 minutos no contra-

relógio de sábado, apesar de a organização o ter creditado de vinte minutos exactos.

Na 2.ª posição, a 41 segundos de Vandebroucke, classificou-se o francês Hubert Linard.

A última etapa foi ganha ao «sprint» pelo belga Eddy Van Haerens, que cobriu os 96 quilómetros entre Killen e Dunquerque em duas horas e 15,47 minutos.

Por seu lado, Alexandre Ruas foi o melhor português na segunda etapa da «Corrida da Paz», ganha pelo polaco Krzysztof Sujka, e corrida entre Wrocław e Polonica, na Polónia.

Classificação dos ciclistas portugueses: 13.º, Alexandre Ruas; 15.º, Luís Teixeira; 35.º, Belmiro Silva; 71.º, Floriano Mendes e 85.º, Norberto Medeiros. Alfredo Gouveia fora eliminado na primeira etapa, por ter chegado fora do controlo.

Após a segunda etapa, a classificação geral é comandada pela RDA (24 horas 02 minutos), Portugal ocupa a 9.ª posição, com mais 21 minutos e 3 segundos.

Totobola: números

Os serviços de escrutínio do Totobola prevêem cem a 120 apostas com treze resultados certos. Aguardam-se 3800 a 4000 apostas com doze resultados certos.

O valor de cada prémio do concurso eleva-se a 14.012.477 escudos e 20 centavos. Foram recebidas 1.117.896 matrizes, a que corresponde 21.231.026 apostas.



Portugal-França: Barcelos é o palco

Hóquei: europeu de juniores

Portugal assina "goleadas"

Morrer a fazer desporto

Em Port Stewart, o piloto irlandês Mervyn Robinson faleceu em consequência de um acidente durante uma prova de motociclismo de 250 cc, quando rodava a 225 quilómetros horários.

Robinson, que era piloto de competição há dez anos, perdeu o controlo da máquina e despiu-se numa curva perigosa.

No ano passado, morrera no mesmo circuito o britânico Tommy Herron, um dos mais cotados pilotos mundiais.

Também ontem, o austríaco Erwin Zimmermann (36 anos), várias vezes campeão do Mundo e da Europa de Motonáutica, encontrou a morte numa competição no rio Mosela, perto de Trarbach (Renania-Palatinado).

O acidente deu-se quando da primeira prova dos barcos de 500 cc, no âmbito do 22.º encontro internacional para a «Taça do Mosela». Segundo testemunhas, Erwin Zimmermann teria sido projectado para fora do seu barco numa curva e depois embatido por um barco que vinha atrás.

Antas: o vulcão

Continuação da pág. 15

provocava os defesas do Sporting: o azar do homem foi a biqueira da bota de Bastos ter arrumado a questão.

Ora, se acrescentarmos a todo este estendal de roupa suja que Mário Luís foi constantemente acicatado por dois responsáveis portistas que lhe faziam «escolta» permanente, e que, tanto do banco dos suplentes **verdes** como da boca identificada de Fernando Mendes, saíram coisas que envergonhariam um carroceiro, sempre perante a passividade arbitral, ficamos com uma idéia (pálida embora) daquela tristeza pegada.

Porto: oportunidades esbanjadas

Impõe-se, porém, que fique firme uma outra verdade: a haver qualquer ven-

tar no pecúlio o tento anulado a Manuel Fernandes, ganharia uma dianteira difícil de sustentar, até porque tanto Oliveira como Gomes foram um desastre na hora do tiro final e, tanto Vaz como José Eduardo ou Bastos e Eurico sustinham bem as vagas contrárias, num mar onde somente Romeu Sousa e Biffe davam o lamiré da classe e talento.

Protestos, lamentos

Convenhamos, aqui, a frio, que o jogo era um tremendo bico de obra adivinhado, pelo muito dinheiro e fama que estava em equação. Imaginava-se, porém, que não provocasse tal hecatombe de dúvidas e lapsos: infelizmente, tanto o Porto como o Sporting poderiam encontrar motivos de sobra para protestar o seu resultado

e levarem a água ao seu moinho. Quer-nos parecer, contudo, que qualquer desfecho não andaria longe daquele: um empate. Porém, nunca esquecendo como o tal «penalty» perdoado aos leões, em balança com o golo injustamente anulado ao «capitão» **verde**, eram bem capazes de virar tudo de pantanas: pró ou contra os azuis-brancos.

Cinco estrelas

Aliás (honra lhes seja feita) os técnicos esgrimiram com uma rara sagacidade: o Sporting, alinhando somente no contra-ataque feito pela certa, o Porto dominando e construindo tal volume de lances ofensivos que se fica pasmado como só uma vez acertaria nas malhas. Nesse aspecto, como homens das rédeas, os aplausos maiores vão para Romeu e Sousa, mais Jordão e José Eduardo, ainda que seja de inteira justiça recordar que, por Manoel se ter lesionado quando fazia o aquecimento anterior ao «show», o bom do Fernando Mendes foi impellido a modificar o seu castelo e, em boa hora, a dar grande «chance» ao jovem Freire, afinal o marcador do solitário tento leonino.

Uma derradeira imagem fica na retina: o facto de Fonseca não ter feito uma só defesa de aperto e, tanto Vaz como Bastos e José Eduardo terem sido de uma eficiência à prova de bala na cobertura da sua moldura. E foi essa constante, esse retrato, o melhor sumário: Porto a atacar, Sporting a defender, Porto infeliz no golo, Sporting sereno no retardar, Porto com um homem em forma péssima (Freitas), Sporting a aproveitar esse maná de cada vez que isso lhe era possível. Porto e Sporting com uma força que é motivo para parabéns ao português Hernâni Gonçalves como ao jugoslavo Radisic. Porto e Sporting (Pedroto e Mendes) nas mãos de quem domina o compêndio da estratégia.

Porto mais opulento, Sporting cheio de humildade. Porto e Sporting mais o cronista e oitenta mil, chateados que nem perus pelo Natal, porque a arbitragem foi coisa para bradar aos céus e estava mesmo a pedir chuva.



Jordão: disparado entre Simões e Teixeira

A palavra

Porto satisfeito,

Nas cabinas, após o jogo, o ponto de vista de Pedroto:

O F.C. Porto foi superior, pois conquistou o maior número de oportunidades de golo, daquelas em que era só bater o guarda-redes, o que já não acontecia há bastantes anos. De qualquer modo, parece-me que o FC Porto saiu reforçado deste jogo, visto que mantém a vantagem de um ponto e demonstrou com exuberância que é a melhor equipa portuguesa. Falta-nos agora ultrapassar os três próximos jogos, que são aqui no nosso burgo, face a adversários de grande valor. Estou convicto, no entanto, que com mais um pouco de sacrifício e com o apoio do nosso público vamos alcançar os seis pontos em disputa e arrancar o «tri». Não quero, porém, deixar de manifestar aqui a minha simpatia pela forma como o Sporting jogou: aquilo que já esperávamos aqui a defesa, explorando o contra-ataque e destacar sobretudo o guarda-redes Vaz, a quem deixo, também, uma palavra especial, pela exibição extraordinária que realizou. Já foi meu guarda-redes e, por isso, conheço-o perfeitamente. Como homem e como atleta é extraordinário: foi muito feliz e fez uma defesa espantosa, quase a terminar o jogo, roubando, desse modo, verdade ao resultado. Houve correcção, houve lealdade, houve um trio de arbitragem de luxo, ao contrário do que costuma acontecer quando jogamos em Lisboa, onde só nos aparecem os espanhóis e quejandos. Os profissionais respei-

taram-se e no final da partida saíram abraçados. Foi pena a chuva que, por vezes, caiu com uma certa intensidade. Mesmo assim, houve emoção, houve futebol, saiu tudo delicioso. Sobre a arbitragem, quero dizer que estou absolutamente de acordo com o seu trabalho, embora tenha dúvidas sobre alguns lances, designadamente sobre aquele em que Sousa foi derrubado e que, a meu ver, justificou «penalty». E também sobre aquela bola que o Gomes atirou à barra e que, segundo algumas pessoas, bateu para além do risco de golo.

Oliveira:

— Ao contrário do que esperava, o campeonato ainda não ficou decidido. Para já, uma coisa é certa: continuamos a depender de nós próprios e com óptimas possibilidades de conquistar o «tri». Estamos confiantes, embora saibamos que as três últimas jornadas serão autênticas finais. Penso que o público saiu satisfeito, na medida em que no relvado estiveram as duas melhores equipas nacionais do momento. O F.C. Porto foi, sem dúvida, superior e, por isso, terá de aceitar-se que justificou a vitória. Empatámos: paciência. Assim, foram, também, premiados o trabalho e humildade demonstrados aqui pela equipa do Sporting.

O «penalty» falhado:

— São coisas que acontecem. Muitas pessoas não se apercebem mas há pequenos nada que tem grande influência nestes lances. O que posso dizer é que fui traído pelo hábito dos meus reflexos.

Pretendi iludir Vaz atirando para a esquerda, mas o que acontece é que já tinha «registado», momentos antes, que iria atirar para a direita. Enfim, são coisas que só quem anda lá dentro é que sabe. Felizmente que o Romeu estava atento...

Romeu:

Fui à recarga ao «penalty» partindo de uma posição perfeitamente legal. O que acontece é que o nosso técnico já me tinha prevenido contra qualquer eventualidade e depois pensei, também, que de-



Pedroto: «o homem do boné» espelha o «team» contrário

pois daquela confusão toda o Oliveira podia falhar o castigo máximo. Apostei naquele lado e acertei, mas não houve qualquer irregularidade da minha parte.

Rodolgo:

— Não houve nada de especial, com o Vaz: ele estava muito nervoso e ia protestar



José Eduardo, Gomes e Vaz

cedor, a justiça implicava vantagem portista, pois arremessou duas bolas contra a madeira e viu (por três vezes) a melhor exibição da época do coriáceo Bastos, a safar o couro de se anichar no barbante. Mas, não é menos certo que o Sporting, a regis-

ÁRBITRO: António Garrido (Leiria), auxiliado por César Correia (Faro) e Mário Luís (Santarém).

FC Porto: Fonseca, Teixeira, Simões, Freitas e Murça, Sousa, Frasco (Rodolfo) e Romeu; Gomes, Oliveira e Biffe.

Sporting: Vaz; José Eduardo, Bastos, Paulo Meneses e Barão; Fraguito, Eurico e Ademar (Mota); Manuel Fernandes, Freire (Lito) e Jordão.

Golos: Freire (50m) e Romeu (75m). Cartões amarelos: Vaz, Romeu e Bastos.

o melhor marcador em Atenas com

DL / **Europi** VIAGENS

Neste momento, os melhores atiradores do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão são os seguintes:

Nené (Benfica)	30
Jordão (Sporting)	29
Gomes (F. C. Porto)	23
Reinaldo (Benfica)	15
Mundinho (V. Guimarães)	13
Manoel (Sporting)	12
Júlio (Boavista)	10

TV **unital** FORMA

MARITIMO-U. LEIRIA	1
GUIMARÃES-ESTORIL	1
BEIRA-MAR-BELENENSES	X
PORTO-SPORTING	X
RIO AVE-VARZIM	1
SETUBAL-BOAVISTA	2
PORTIMONENSE-BRAGA	1
GIL VICENTE-PENAFIEL	X
LEIXÕES-U. LAMAS	1
CALDAS-U. SANTARÉM	1
COVILHÃ-ACADÉMICO	1
ATLÉTICO-JUVENTUDE	2
OLHANENSE-ORIENTAL	1



UEGALPILIC
COMÉRCIO DE DESPORTO
E CAMPISMO, LDA.

Classificação

	J	V	E	D	G	P
F. C. PORTO	27	21	5	1	57-7	47
Sporting	27	21	4	2	60-16	46
Benfica	27	18	5	4	76-19	41
Boavista	27	14	6	7	42-27	34
Belenenses	27	13	7	7	31-32	33
Vitória de Guimarães	27	10	9	8	37-35	29
Sporting de Braga	27	10	5	12	30-33	25
Sporting de Espinho	27	9	6	12	25-41	24
Marítimo	27	9	6	12	23-33	24
Varzim	27	9	7	12	34-42	23
Portimonense	27	8	6	13	27-46	22
Vitória de Setúbal	27	7	5	15	25-39	19
Estoril	27	4	10	13	16-35	18
Beira-Mar	27	5	8	14	21-41	18
União de Leiria	27	5	8	14	25-46	18
Rio Ave	27	4	3	20	19-56	11

AV. GENERAL ROÇADAS, 95-A — LISBOA
TEL. 83 73 52



Pequena confusão: Freitas, Teixeira e Fraguito, vêem o mergulho de Jordão

dos artistas

Sporting acusa

com António Garrido, quando, acidentalmente, choquei com ele. Eram naturais a tristeza de Vaz e o meu contentamento. Os nossos gestos é que talvez fossem demasiado exuberantes.

Fernando Mendes:

— Foi uma arbitragem maravilhosa. O que é preciso é ter coragem e o sr. António Garrido teve-a. Teve coragem para nos anular um golo limpo; dar um «penalty» que só ele e o seu auxiliar é que viram e assinalar alguns fora de jogo inexistentes... Enfim: considero que a arbitragem foi a grande responsável pelo resultado desfavorável com que saímos das Antas. Não basta dizer que António Garrido é o melhor árbitro e eu sei lá que mais. O que é preciso é prová-lo e aqui não se provou nada. Quanto ao FC Porto, limitou-se a despejar bolas para a nossa área e não mostrou ser superior, quer ao Benfica, quer ao Sporting. São três equipas que estão no mesmo nível. A partir de agora, passamos a estar dependentes do FC Porto, mas penso que ainda nada está decidido. Sobre a substituição de Manoel, à última hora, por Freire, quero dizer-lhes que antes do jogo principal o Manuel fez um teste em que se provou não estar em boas condições físicas para alinhar de início e daí a necessidade de optar pela troca.

Manuel Fernandes:

— O Sporting fez tudo para vencer e se o conseguisse era com todo o mérito. O golo que obtive e que foi anulado pelo árbitro, não tenho dúvidas que foi limpo e só espero que a RTP mostre o lance para se ver que tenho razão. Na jogada do «penalty», o que posso dizer é que António Garrido foi na «conversa» do brasileiro «Biffe» que, tal como os seus compatriotas, sabe fazê-las e enganar qualquer um. É triste dizê-lo, mas a verdade é que o sr. Garrido, com as suas decisões erradas, tirou-nos o campeonato.

Vaz:

— Não acho que o resultado esteja certo, embora reconheça que o FC Porto foi a equipa que mais atacou. Isso, porém, não impediu que o Sporting tivesse feito um golo limpo, que nos daria outra tranquilidade para o resto do encontro. Quero, também, confessar-lhes que não vi qualquer razão para a marcação de um castigo máximo contra nós, e, na recarga que deu o golo, posso garantir que o Romeu se encontrava dentro da área quando o Oliveira rematou. António Garrido fez,

sem dúvida, um mau trabalho.

António Garrido:

— Daqui para o futuro, o FC Porto, terá de pôr cobro a situações como aquela que se verificou junto da baliza, onde a presença de pessoas estranhas ao jogo é um factor negativo e não se justifica. Isso das pessoas estarem vestidas com um blusão do clube não quer dizer nada. Reparem só que, na altura do «penalty», houve um indivíduo que entrou vestido no rectângulo de jogo e foi colocar a bola na marca respectiva. Ora isto é inadmissível e não pode continuar. Sobre os lances duvidosos, como dizem, não tive dúvidas nenhuma. Na falta que deu origem ao «penalty», o «Biffe» foi derrubado (mesmo) por Bastos, e tanto eu como o Mário Luís vimos que foi assim. O golo de recarga também foi limpo, porque Romeu partiu de posição legal. Aliás, quero dizer-lhes que há profissionais do futebol que desconhecem as regras do seu ofício. Vejam só que houveram alguns jogado-

res leoninos que me disseram que só o Oliveira é que podia recargar! Quanto ao facto de Vaz se ter mexido, limito-me a dar a «lei da vantagem» e, se o golo não tem surgido, mandaria repetir a penalidade. Quanto ao derrube de Sousa, a meu ver, não houve intenção maldosa, visto que o jogador do Sporting limitou-se a jogar a bola. Sobre a bola que foi à trave e que os portistas reclamaram golo, a única coisa que posso dizer é que o esférico bateu na relva dois palmos à frente do risco da baliza, como o pode afirmar o meu colega Mário Luís.

Receita

Segundo um responsável portista, este encontro com os leões rendeu para os cofres portistas qualquer coisa como 11 mil contos, dos quais, haverá, naturalmente, que deduzir as despesas. Tal verba corresponde a cerca de 80 mil pessoas que assistiram ao jogo, devendo (porém) estimar-se em 10 por cento o número de borlistas e «golpistas»...

Manuel Neto

West Ham: "Taça de Inglaterra" para clube da segunda divisão

Um golo oportuno do «internacional» inglês Trevor Brookink deu ao West Ham a vitória por 1-0 sobre o Arsenal, na final da Taça de Inglaterra, em Wembley.

O West Ham (da 2.ª Divisão) começou o encontro sem qualquer favoritismo, perante um Arsenal que este ano chegou, pela 3.ª vez consecutiva, à final da mais importante prova do calendário futebolístico britânico e tornou-se o terceiro clube do escalão secundário a vencer a competição nos últimos oito anos. O Sunderland (1973) e o Southampton (1976), tinham conseguido idêntica proeza.

Trevor Brookink (35 anos) o mais velho futebolista em campo, não só apontou o golo da vitória (aos 13 minutos) como fez uma exibição portentosa a meio-campo, decisiva para a derrota do Arsenal, que nunca teve a imaginação necessária para romper a defensiva adversária e, na 2.ª parte, pareceu acusar o desgaste provocado pela grande sobrecarga de jogos (para eliminar o Liverpool e chegar à final, as duas equipas defrontaram-se quatro vezes).

Agora, os «Gunners» têm quatro dias para recuperar força e engenho para o encontro de 4.ª-feira, com o Valência, a contar para a final da Taça dos Vencedores das Taças, em Bruxelas.

las.

Sob a arbitragem de George Courtney, alinharam:

ARSENAL: Pat Jennings; Par Rice, John Devine, Brian Talbot e David O'Leary; Willie Young, Liam Brady e Alan Sunderland; Frank Stapleton, David Price e Graham Rix.

WEST HAM: Phil Parkes; Ray Stewart, Frank Lampard, Billy Bonds e Alvin Martin; Alan Devonshire, Paul Allen e Stuart Pearson; David Cross, Trevor Brookink e Geoff Pike.

Taça da RFA

O Fortuna Dusseldorf, detentor do troféu, assegurou hoje a terceira presença consecutiva na final da Taça da Alemanha Federal.

O Fortuna defronta na final o FC Colonia, a 4 de Junho, em Gelsenkirchen.

Dois golos do «internacional» Klaus Allofs (aos 60 e 77 minutos de jogo) terminaram com a resistência do Borussia Dortmund e colocaram o Fortuna na final. Wenzer, após 37 minutos, colocou o Fortuna a vencer, mas o Borussia Dortmund igualou, doze minutos depois, por Franke, antes de Allofs desequilibrar a partida a favor da sua equipa.

O Colonia aproveitou dois erros dos defesas do Schalke e venceu por 2-0 com golos de

Vinte e nove foram os golos da ronda 27 do Nacional futebolístico de primeira água. Vejam-se os desfechos: Marítimo, 5-1 União de Leiria, 0; Guimarães, 3-Estrela, 0; Beira-Mar, 1-Belenenses, 1; Rio Ave, 3-Varzim, 2; Setúbal, 0-Boavista, 1; Benfica, 4-Espinho, 3; Portimonense, 3-Braga, 1 e Porto, 1-Sporting, 1.

Naturalíssimos foram os sucessos de funchalenses e vimeanenses, tal como se esperavam dificuldades para os homens do Restelo na viagem a Aveiro e se acreditava que o «team» de Vila do Conde, já condenado a descer de divisão, desse um ar de sua graça na hora da despedida. O resultado de ontem vem colocar os varzinistas numa posição que parecia longe da bela carreira feita em metade do torneio.

Por seu turno, o sucesso boavisteiro foi obra de puro azar para os setubalenses, que dominaram claramente as operações, mas fracassaram na hora do último remate. Ao mesmo tempo, ia acontecendo surpresa na Luz, pois o Benfica (que chegou a 3-0) consentiu três golos espinhenses em poucos minutos e teve de socorrer-se de uma grande penalidade (ofertada pelo árbitro madeirense Albino Rodrigues) para encontrar o triunfo.

E, enquanto se previa uma tentativa desesperada dos algarvios para suplantarem a sua classificação pontual, à custa de bracadanças, todos os olhos e ouvidos estiveram colocados nas Antas onde, os casos foram em torrente, afundando o trio de arbitragem e perturbando a mais vasta plateia de sempre, em

Divisão principal

Golos foram 29



Nené faz um dos seus dois golos: espinhenses ficaram (apenas momentaneamente) na mó de baixo

jogos por estas áreas.

O Campeonato Nacional da I Divisão entra, no próximo domingo, na antepenúltima jornada, a partir da qual não podem ser feitas alterações ao calendário inicial. Daí que os jogos respeitantes à 28.ª jornada, que a seguir indica-

mos, sejam mesmo disputados no domingo, dia 18, a partir das 16 horas: Estoril-U. Leiria, Belenenses-V. Guimarães, Sporting-Beira-Mar, Varzim-F. C. Porto, Boavista-Rio Ave, Espinho-V. Setúbal, Sp. Braga-Benfica e Portimonense-Marítimo.

Divisão 2

Cabeças de cartaz tropeçam

No escalão 2, o topo das várias classificações oscilou perigosamente. Note-se como se passaram as coisas, na ZONA NORTE: Chaves - Famalicão, 0-0; Feirense - Salgueiros, 0-1; Lourosa - Bragança, 1-1; Gil Vi-

cente - Penafiel, 0-0; Amarante - P. Ferreira, 0-1; Paredes - Prado, 2-0; Leixões - U. Lamas, 3-2 e Fafe - Riopele, 2-0.

ZONA CENTRO: Caldas - U. Santarém, 1-0; Oliveirense -

Torriense, 3-1; Portalegr. - Nazarenos, 0-1; Covilhã - Académico, 1-0; Acad. Viseu - Naval, 1-0; U. Coimbra - Mangualde, 4-0; G. Alcobaca - E. Postal, 2-0 e U. Tomar - Oliv. Bairro, 3-0.

Continua na pág. 18

Littbarski (10) e Woodcock (66).

Taça da Escócia

O Celtic de Glasgow conquistou a Taça da Escócia, ao bater na final o Rangers, por 1-0, com um golo marcado por George McCluskey, no prolongamento.

No fim do tempo regulamentar registava-se um empate sem golos e George McCluskey marcou o golo da vitória, aos dois minutos do prolongamento, na sequência dum centro do lado direito.

Foi a 12.ª vez que Celtic e Rangers se defrontaram na final da Taça da Escócia, contando aquele seis vitórias contra cinco do Rangers. Em 1979, as duas equipas empataram e o troféu nunca chegou a ser entregue, depois de no jogo-repetição se terem registado graves incidentes. Incidentes que se repetiram ontem, no final do jogo, quando após o apito final adeptos do Celtic invadiram o relvado para comemorar a vitória.

CELTIC: Latchford; Sneddon, McGrain, Aitken e MacLeod; Conroy, Burns e Provan; McCluskey, Doyle e McGarvey.

RANGERS: McCloy; Jardine,

Dawson, Forsyth e Jackson; Stevens, Cooper e Russel; Johnstone, Smith e MacDonald.

Itália

O Campeonato italiano de Futebol terminou com a vitória do

Inter de Milão, num torneio assinalado pelo escândalo das apostas clandestinas, que já motivou a detenção de 33 futebolistas. O Inter, que garantiu o seu 12.º título a três jornadas do final, perdeu por 2-4, no seu terreno, frente ao Ascoli, terminando o campeonato com quatro pontos de vantagem sobre a Juventus de Turim.

O avançado-centro da Juventus e da selecção Roberto Bettiga foi o melhor goleador, com 16 tentos, seguido do jovem Alessandro Altobelli, do Inter, com 15.

Paolo Rossi (Perugia), um dos jogadores envolvidos no caso das apostas clandestinas, foi o terceiro goleador, com 13 tentos, apesar de não ter disputado as derradeiras jornadas, devido à suspensão imposta pela Federação.

Classificação final: 1.º, Inter, 41 pontos; 2.º, Juventus, 38; 3.º, Milão, 36; 4.º, Torino, 35; 5.º, Ascoli, 34; 6.º, Fiorentina, 33; 7.º, Roma, 32; 8.º, Bolonha, Cagliari e Perugia, 30; 11.º, Napoli, 28; 12.º, Avellino, 27; 13.º, Lazio, 25; 14.º, Catanzaro, 24; 15.º, Udinese, 21 e 16.º, Pescara, 16. Catanzaro, Udinese e Pescara desceram à 2.ª Divisão, sendo substituídos por Como, Pistoia e Brescia.

Espanha

Resultados da 32.ª jornada do

campeonato espanhol de futebol da primeira divisão: Valência - Saragoça, 3-0; Las Palmas - Real Madrid, 1-2; Barcelona - Espanhol, 3-1; Rayo Vallecano - Almería, 1-2; Atlético de Bilbao - Bétis, 2-2; Atlético de Madrid - Salamanca, 0-1; Sevilha - Real Sociedad, 2-1; Málaga - Hercules, 0-2 e Burgos - Gijón, 0-3.

Classificação actual: 1.º Real Madrid, 51 pontos; 2.º Real Sociedad, 50; 3.º Gijón, 39; 4.º Barcelona, 37; 5.º Valência, 36; 6.º Atlético de Bilbao, 35; 7.º Bétis, 34; 8.º Las Palmas, 32; 9.º Sevilha, 32; 10.º Salamanca, 32; 11.º Almería, 32; 12.º Atlético de Madrid, 31; 13.º Saragoça, 31; 14.º Espanhol, 28; 15.º Hercules, 27; 16.º Rayo Vallecano, 26; 17.º Burgos, 20 e 18.º Málaga, 17.

Bélgica

O FC Bruges é campeão belga de futebol na 1.ª Divisão.

Alemanha Federal

O Bayern de Munique venceu no seu campo o 1860 Munique, por 6-1, e alcançou o Hamburgo no comando do Campeonato alemão federal de Futebol. O Bayern e o Hamburgo totalizam 44 pontos, a três jornadas do final do campeonato.

RDA

O Dynamo de Berlim conquistou pela segunda vez consecutiva o título de campeão de futebol da RDA.

Futebol por cá

Continuação da pág. 17

ZONA SUL: C. Piedade - Desp. Beja, 1-0; GD Quimigal - Farense, 3-0; Seixal - Nacional, 1-1; Lusitano - E. Amadora, 3-2; Amora - Montijo, 1-2; Atlético - Juventude, 2-4; Olhanense - Oriental, 1-0 e Sacavenense - Barreirense, 2-2.

	V	E	D	G	P
Penafiel	12	10	3	37-15	34
Chaves	14	5	6	25-16	33
U. Lamas	13	5	7	28-19	31
Fafe	11	8	6	28-19	30
Leixões	13	3	9	48-25	29
G. Vicente	10	8	7	34-30	28
Salgueiros	11	6	8	28-25	28
Amarante	12	2	11	22-30	26
Riopele	10	6	9	26-25	26
Famalicão	8	9	8	31-30	25
Bragança	8	7	10	28-29	23
P. Ferreira	9	5	11	25-26	23
Lourosa	8	6	11	26-31	22
Prado	5	5	15	17-34	15
Paredes	5	5	15	14-43	15
Ferense	4	4	17	10-30	12

Académico	16	7	2	53-13	39
Ac. Viseu	16	6	3	34-14	38
Olivense	12	5	8	29-18	29
Nazarenos	10	9	6	27-22	29
Ol. Bairro	10	8	7	39-30	28
Covilhã	11	4	10	33-25	26
E. Portalegre	9	8	8	20-19	26
Caldas	10	5	10	28-28	25
Alcobaca	8	9	8	26-24	25
Tomense	6	12	7	26-34	24
Portalegren.	9	4	12	22-31	22
U. Santarém	6	9	10	26-30	21
U. Tomar	7	7	11	19-37	21
U. Coimbra	7	6	12	32-35	20
Mangualde	6	5	14	14-34	17
Naval	3	4	18	20-54	10

Amora	11	11	3	42-23	33
Lusitano	9	11	5	30-20	29
Sacavenense	9	11	5	24-19	29
C. Piedade	11	6	8	31-28	28
Nacional	9	9	7	30-21	27
GD Quimigal	7	12	6	32-30	26
Montijo	9	8	8	36-31	26
E. Amadora	9	6	10	26-36	24
Desp. Beja	8	8	9	21-27	24
Farense	8	8	9	37-43	24
Juventude	8	8	9	33-28	24
Barreirense	7	9	9	30-28	23
Oriental	9	4	12	41-49	22
Seixal	6	10	9	23-29	22
Olhanense	7	7	11	23-30	21
Atlético	5	8	12	19-36	18

Divisão 3

A 25.ª jornada do nacional da 3.ª divisão fica para a história com o cartaz numérico que segue:

SÉRIE A: Monção - Cabeceirense, 2-0; M. Fonte - Merelense, 2-3; Moreirense - Tadm, 2-0; Desp. Aves - Montalegre, 1-0; M. Cavaleiros - Mogadouro, 0-0; Valdevez - Mirandela, 0-0; Vianense - Limianos 2-0; e Vilela - Ribeirão, 1-0.

GUIA: Vizela, 35 pontos.

SÉRIE B: Lamego - P. Brandão, 1-3 (interrompido aos 55 m); Esmoriz - Valecambrense, 6-1; Leça - Vila Real, 1-0; Ermesinde - Infesta, 2-0; Freamunde - Valadares, 1-0; Aliados - Vilanova, 1-1; Valonguense - Avanca, 1-0 e Tirsense - Sanjoanense, 1-0.

GUIA: Sanjoanense, 35 pontos.

SÉRIE C: Anã - Alba, 0-0; Anadia - Marialvas, 2-1; Águeda - Tondela, 2-0; P. Castelo - Guarda, 1-0; Febres - Viseu - Benfica, 1-0; F. Algodres - Vilademoinhos, 0-0; Carapinheirense - Guinense, 3-0 e Tocha - Teixosense, 1-0.

GUIA: Recreio de Águeda, 43 pontos.

SÉRIE D: Marinense - Bombarral, 0-1; T. Novas - Rio Maior, 0-0; Amiense - Peniche, 1-1; Vileirense - Campo Maior, 4-3; D.C. Branco - Bf. C. Branco, 1-2; Alcains - Coruchense, 2-1; Marrazes - Alcanenense, 1-0 e Batailha - Cartaxo, 0-2.

GUIA: SL Cartaxo, 38 pontos.

SÉRIE E: Tires - Bucelenses, 0-0; Sintrense - Santa Clara, 2-2; SL Olivais - Borbense, 3-0; Loures - Elvenses, 2-0; Alcochete - Malveira, 1-1; Elvas - Odivelas, 1-1; Lusitânia - Vit. Lisboa, 2-1 e Alverca - P. Pinheiro, 3-1.

GUIA: Lusitânia, 42 pontos.

SÉRIE F: Sp. Cuba - Lusit. V. Real, 1-3; U.S. Cacém - Silves, 1-1; Sesimbra - Espérance, 0-1; Serpa - Almada, 1-0; Sarrilhense

- C. Indústria, 1-5; Trafaria - Paio Pires, 2-0; Campinense - Est. V. Novas, 1-0 e Aljustrel - V. Gama, 0-0.

GUIA: Vasco da Gama, 41 pontos.

Juvenis

Para a ronda 4, eis os resultados na «Taça Nacional de Juvenis»:

Zona A - 1.ª Série: Cerveira - Sp. Braga, 0-4 e Merelense - Caminha, 1-2. Guia: Braga, 7 pontos.

2.ª Série: Chaves - Vila Real, 2-0, e M. Cavaleiros - Mogadouro, 0-0. Guia: Chaves, 5 pontos.

3.ª Série: Salgueiros - Aliados, 7-1. O Leixões desistiu. Guia: V. Guimarães e Aliados, 3 pontos.

4.ª Série: Avintes - Progreso, 0-0 e FC Porto - Vilanova, 5-1. Guia: FC Porto, 7 pontos.

Zona B - 5.ª Série: Gouveia - Foz Côa, 2-2, e Repesesenses - Cracks, 10-0. Guia: Gouveia, 6 pontos.

6.ª Série: Anadia - Feirense, 2-0, e Águeda - Avanca, 3-0. Guia: Águeda, 8 pontos.

7.ª Série: Académico - U. Coimbra, 2-0, e Benfica Castelo Branco - Fundão, 2-1. Guia: Académico, U. Coimbra e Benfica Castelo Branco, 5 pontos.

8.ª Série: Marrazes - Torres Novas, 4-0, e U. Tomar - Leirosa, 4-0.

Zona C - 9.ª Série: Peniche - Nazarenos, 1-0, e Cartaxo - U. Santarém, 0-0. Guia: Peniche, 6 pontos.

10.ª Série: Unidos - Futebol Benfica, adiado, e Sporting - Benfica, adiado. Guia: Sporting e Benfica, 5 pontos.

11.ª Série: Lourel-Cascais, 0-1, e Torreense - Casa Pia, 1-1. Guia: Casa Pia, 7 pontos.

12.ª Série: Vialonga - SL Olivais, 3-1, e Belenenses - Aqualva, 5-0. Guia: Belenenses, 6 pontos.

ZONA D - 13.ª Série: Almada - Barreirense, 1-4 e Seixal - GD Quimigal, 1-1. Guia: Almada, 5 pontos.

14.ª Série: Estrela de Portalegre - Elétrico de Ponte de Sôr, 2-0 e Juventude de Évora - SL Évora, 2-0. Guia: Juventude de Évora, 6 pontos.

15.ª Série: Sindicato - Desp. Beja, 3-2, e Zona Azul - V. Setúbal, 0-6. Guia: V. Setúbal, 6 pontos.

16.ª Série: Portimonense - Olhanense, 4-1 e Castrense - Lusitano de Vila Real, 0-1. Guia: Lusitano de Vila Real, 7 pontos.

Iniciados

Para a jornada 4 da Taça Nacional de Iniciados:

Série A - V. Guimarães - Sp. Braga, 2-2. O Leixões desistiu. Guia: Sp. Braga, 4 pontos.

Série B - FC Porto - Alba, 3-0 e Feirense - Vilanova, 2-1. Guia: FC Porto, 8 pontos.

Série C - Régua - Repesesenses, 1-2 e Moncorvo - Fornos Algodres, 2-0. Guia: Torre de Moncorvo, 6 pontos.

Série D - U. Coimbra - Benfica Castelo Branco, 2-0 e Académico de Coimbra - Estação (Covilhã), 1-1. Guia: U. Coimbra, 6 pontos.

Série E - U. Santarém - Caldas, 1-1 e Elétrico de Ponte de Sôr - Amador do Entroncamento, 2-1. Guia: Elétrico de Ponte de Sôr, 7 pontos.

Série F - Oriental - Sporting, 2-2 e Rio de Mouro - Benfica, 1-5. Guia: Benfica, 8 pontos.

Série G - GD Quimigal - Juventude de Évora, 0-0 e Barreirense - Atlético, 2-0. Guia: GD Quimigal, 5 pontos.

Série H - Amador de Lagos - Vasco da Gama, 5-0 e Sp. Cuba - Fuzeta, 0-1. Guia: Amador de Lagos e Fuzeta, 6 pontos.

Movimentação madeirense

Possíveis saídas do Nacional madeirense, para o vizinho União, agora treinado por Vítor Gonçalves: o brasileiro Djair e Rafael Assis. Também o extremo Fernando Luis (Marítimo) está nas cogitações do clube.

Amora contrata

O Amora, já com um pé na divisão principal, contratou os ainda recentes setubalenses Rebelo e José Mendes, mais Arnaldo Silva (Marítimo), Vítor Baptista e Álvaro (Varzim).



João Gonçalves dispara à vontade: um dos 40 golos nas redes espalhadas

Nacional de andebol

Sporting dominador

A dupla jornada (8.ª e 9.ª) do Nacional da 1.ª Divisão de Andebol de Sete proporcionou vitórias expressivas do Sporting, Benfica e FC do Porto, que aumentaram a sua vantagem em relação aos outros competidores. A turma «leonesa» continua destacada no comando, com o Benfica e o FC do Porto contando duas derrotas, no 2.º lugar.

A ronda não forneceu atractivos, esperada que era a supremacia, como se confirmou, dos candidatos ao título. O Sp. de Espinho continua sendo a única equipa que ainda não venceu.

Resultados na 8.ª jornada: Benfica - S. Mamede, 37-18; Sporting - Espinho, 40-12; D.

Portugal - Belenenses, 20-15; FC Porto - Encarnação, 35-16. Na 9.ª jornada: Sporting - S. Mamede, 33-21; Benfica - Sp. Espinho, 33-10; e FC Porto - Belenenses, 23-20 e Desp. Portugal - Encarnação, 35-26.

Classificação: 1.º, Sporting, 9 jogos e 27 pontos; 2.º, Benfica, 9-23; 3.º, FC Porto, 9-23; 4.º, Encarnação, 9-17; 5.º, S. Mamede, 9-15; 6.º, Belenenses, 9-15; 7.º, Desp. Portugal, 9-15 e 8.º, Sp. Espinho, 9-9. Sporting e Benfica jogam no Porto, sábado e domingo.

Entretanto, a equipa do Cascais, ao vencer o CDUP (34-20) tornou-se campeã nacional da 2.ª divisão.

Basquetebol: «Taça»

Dois pequenos entre grandes

Disputaram-se os jogos dos oitavos-de-final da Taça de Portugal em Basquetebol. Na prova masculina, a CUF e o Guifões ficaram entre os primodivisionários FC Porto, Sporting, Ginásio, Atlético e Barreirense que, mais o Sangalhos (isento na eliminação, por sorteio) são os participantes dos quartos-de-final.

Resultados: FC Porto-CDUP, 129-71; Guifões-Vasco da Gama, 72-62; Conimbricense-Ginásio, 78-88; Cruzquebradense-Atlético, 83-100; Scalpus-Sporting, 68-127; CUF-Moscavide, 107-78 e CDUL-Barreirense, 76-106.

Próximos jogos (sábado): Atlético-Porto, Sporting-Guifões,

Sangalhos-CUF e Ginásio-Barreirense, nos recintos dos primeiros.

Da prova feminina disputaram-se também os jogos dos oitavos-de-final, que forneceram os seguintes resultados, na Zona Norte: Independente (Porto)-CAC, 82-32; CDUP-Independente (Coimbra) 36-47; Sangalhos-Olivais, 36-61 e BCP/Marsil/Tait venceu por falta de comparecimento do Esqueira. O Académico do Porto B (ao Norte) e CIF, ao Sul (actual detentor da taça) ficaram isentos por sorteio, na eliminação e juntar-se-ão nos quartos-de-final zonais àquelas turmas vencedoras.

Barcelos: hóquei europeu

Em Barcelos começou, com a surpreendente derrota da Espanha, frente à Alemanha, o 19.º Campeonato da Europa de Juniores em Hóquei Patinado.

Manhã de ontem (cedo) o pavilhão da cidade de Barcelos oferecia um aspecto festivo: depois, encheu-se de um público entusiasta. Primeiro jogo (9 e 30) com êxito da Bélgica ante a Inglaterra ao que se seguiu outro com claro êxito da Itália frente à Holanda. A seguir, quando entraram em ringue (as equipas de Portugal e de França, já o pavilhão se encontrava quase totalmente cheio. Exibição com períodos de grande fulgor, da turma nacional que, ao intervalo, vencia por 9-1, subindo o resultado para 19-3. O seleccionador nacional (dr. Correia de Brito) perante as facilidades surgidas, experimentou todos os jogadores suplentes, não para proteger os melhores de alguma fadiga física, mas para dar oportunidades a todos, objectivando eventuais chamadas em próximos jogos. O certo é que a equipa portuguesa perdeu algum ritmo ofensivo, perdeu também coesão defensiva e, daí, ter sofrido três golos dos inspidos gauleses que, contudo, não devem resultar em efeitos nega-

tivos para as aspirações da equipa das «quinas» na prova.

Depois, estalou a surpresa: quatro golos seguidos da Alemanha perturbaram a Espanha e encorajaram os germânicos. Público a «puxar» pela RFA e desesperadas tentativas dos nossos vizinhos para «virar» o resultado. Próximo do fim, os espanhóis fizeram esforços inauditos para (pelo menos) conseguirem o empate, mas a Alemanha soube muito bem «guardar» a bola e concluiu na posição de vencedora.

À noite, Bruno Cicero (vice-presidente da Confédération Européenne de Roller-Skating) procedeu à cerimónia oficial de abertura do campeonato. Equipas perfiladas e hinos dos países ecoaram no pavilhão.

Itália, RFA, Espanha e Portugal foram os vencedores da segunda jornada na sessão das noites. A equipa nacional experimentou muitas e sérias dificuldades na 1.ª parte, frente à Inglaterra (2-1). Mas no segundo tempo, os portugueses tiveram períodos particularmente brilhantes, de uma versatilidade ofensiva e oportunidade no remate que (breve) quebrou a resistência dos britânicos. Assim,

Automobilismo

Mário Silva vence "Rampa do Targa"

Mário Silva, (Miura Camac GRD), venceu a «Rampa do Targa Clube», terceira prova do «nacional» de velocidade, disputada em Bragança. Silva obteve a marca de três minutos e 29,39 segundos, contra 3 42,59 do segundo classificado António Barros (Porsche Aurora). Tino Pereira (De Tomaso Pantera) terminou na 3.ª posição, com 3.47,07, seguido de Jorge Tenreiro (Triumph Dolomite), 3.48,58 e Rufino Fontes (Opel Commodore GSE), com 3.48,03.

Silverstone

O francês Alain de Cadenet e o sul-africano Desire Wilson. «Decadent», venceram as «Seis Horas de Silverstone», 5.ª prova do «Mundial de Marcas». Os alemães federais Jürgen Barthe e Siegfried Brunn, «Porsche», terminaram na 2.ª posição, com o mesmo número de voltas dos vencedores (234). O norte-americano John Paul e o inglês Brian Redman («Porsche»), ocuparam a 3.ª posição, a uma

volta, seguidos da equipa Michael Alboreto (Itália) - Walter Rohrl (RFA), «Lancia», a três voltas.

Valllunga

O inglês Brian Henton («Toleman»), venceu o «Grande Prémio de Roma» de «Fórmula Dois», prova pontuável para o «europeu» de condutores, disputada no Circuito de Valllunga. Henton percorreu os 208 quilómetros em uma hora, 15 minutos e 56,1 segundos, à média horária de 164,351 quilómetros.

Nas posições imediatas classificaram-se o italiano Andrea de Cesaris («March»), a 3,9 segundos, o inglês Derek Warwick, («Toleman») a 6,2, o neozelandês Mike Thackwell («March»), a 29,8, e os italianos Siegfried Stohr («Toleman») e Alberto Colombo («March»), respectivamente a 49,4 e 55,5 segundos.

"Placard"

Ténis milionário

O americano Vitas Gerulaitis conquistou o «Torneio dos Campeões de Forest Hills», nos arredores de Nova Iorque, ao bater na final o seu compatriota John McEnroe, por 2/6, 6/2, 6/0.

Vitas Gerulaitis recebeu o prémio de 500.000 dólares.

Tiro certo

Armando Marques venceu o «Torneio Portalegre» e conquistou o título de campeão português de tiro ao voo.

Marques, medalha de prata na Olimpíada de Montreal, somou 28 pontos em 28 tiros.

Nos lugares imediatos ficaram José Machado Júnior (27/28), Maurício Matias (25/26) e o júnior Pedro Belchior (21/22).

Armando Marques, que participa a partir de 4.ª feira num torneio internacional em Madrid, terminou o campeonato com 92 pontos.

Em 2.º lugar ficou Adão Santos (86) e em terceiro Fernando Carneiro Júnior (85).

Malta em frente

Manuel Malta da Costa obteve o prémio para o melhor concorrente estrangeiro à «Semana Hípica de Roma», depois de ter vencido duas provas.

Utilizou os seus melhores cavalos («Ecossevilais» e

«Greco») conquistou um prémio de cinco mil dólares (mais de 250 mil escudos).

«Malta da Costa tem o estilo clássico de ensino, o que é raro num cavaleiro de obstáculos», comentou o cavaleiro italiano Zingerelli.

O francês Frederic Cottier vencedor também de duas provas, obteve um prémio para o melhor conjunto do concurso e contribuiu para a vitória da jovem selecção do seu país no «Troféu das Nações».

A 40.ª Semana Hípica de Roma foi disputada por cavaleiros de 12 países, atingindo o nível mais elevado dos últimos vinte anos.

Boxe confuso

A categoria de boxe dos meios-pesados terá, de hoje em diante, dois campeões do Mundo (versão W.B.A. e W.B.C.) usando o mesmo nome: Moamede. O americano Eddie Gregory, novo campeão W.B.A. desde 31 de Março passado, que se converteu ao islamismo recentemente, decidiu mudar o seu nome para Mustafá Moamede. Por seu lado, o detentor do título mundial do W.B.C. é o americano Saad Moamede (ex-Matthew Franklin).

3.º, Alemanha, 2-4; 4.º, Espanha, 2-2; 5.º, Bélgica, 2-2; 6.º, Holanda, 1-0; 7.º, Suíça, 1-0; 8.º, Inglaterra, 2-0 e 9.º, França, 2-0. Jogos para hoje (3.ª jornada): Suíça - Bélgica (20.30), Itália - Inglaterra (21.30) Portugal - Alemanha (22.30) e Holanda - França (23.30).

Nossos jogos

Sob arbitragem de Gonzalez (Espanha), alinharam e marcaram:

PORTUGAL: Franklin, Hernâni, Serra (6), Vítor Hugo (5), Rodrigues (5), Domingos (1), Vítor Bruno (2) e Gonzalez.

FRANÇA: Clauzure, Le Men, Delaine, Bourreau (1), Parrein (1), Dassau, Bouchet (1) e Kermones.

Sob a direcção de Brulhart (Suíça) alinharam e marcaram:

PORTUGAL: Franklin, Rodrigues (3), Gonzalez, Vítor Hugo (4), Serra (6), Vítor Bruno e Domingos.

INGLATERRA: Dodge, Wiles, Loveridge, Barham, Cox, Duchesne e Doherty (1)

Cultura e espectáculos



Donald Pleasence, inevitável nas produções canadianas

Crítica de Cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Um Homem Cercado" de Claude Pinoteau

FICHA:

Título original: L'Homme en colère

Realização: Claude Pinoteau (França-Canadá - 1978)

Argumento: Jean-Claude Carrière, Claude Pinoteau

Fotografia: Jean Boffety

Cenários: Earl Preston

Música: Claude Bolling

Montagem: Marie Josee Yoyotte

Interpretação: Lino Ventura (Romano), Angie Dickinson (Karen), Laurent Malet (Julien), Hollis McLaren (Nancy), Donald Pleasence (Pumpelmayer), Lisa Pelikan (Anne), etc.

Distribuição em Portugal: Rank/United Artists.

Cinema: S. Jorge

Classificação: Interdito a menores de 13 anos

Duração: 105 minutos

Talvez sejam só aparências, mas a verdade é que há indícios de que a época de saldos cinematográficos está a chegar muito cedo este ano. O Quarteto tem estreado filmes de quarta ordem e anuncia já reposições (como A última investigação, de Robert Benton); com o S. Jorge passa-se algo de semelhante: depois de um fugidio Monicelli, apresenta agora este Um homem cercado e prepara-se para exibir um ciclo em que inclui A pantera cor-de-rosa de Blake Edwards, Os 7 magníficos de John Sturges, O que nós queremos é dinheiro de Jean Yanne e Annie Hall de Woody Allen, tudo filmes já vistos.

Um homem cercado é uma película de que há pouco a dizer. Realizada por um tarimbeiro esforçado do cinema francês, Claude Pinoteau, não é nem particularmente inapta nem especialmente bem feita: deixa-se ver sem ondas nem surpresas, sem rasgos nem bocejos.

Cooprodução entre a França e o Canadá (donde a invariável presença de Donald Pleasence), com um argumento que traz a prestigiada assinatura de Carrière mas a que faltou um cuidado tratamento, trazendo actores que parecem contar apenas com as suas próprias forças (daí a disparidade que se verifica entre a segurança bem rodada de um Lino Ventura, o nervosismo de uma Angie Dickinson e a estreiteza de um Laurent Malet).

Um homem cercado dá-nos a sensação de um filme onde abunda a experiência (daí que não haja erros gritantes) mas onde tudo decorre numa indiferença mediana de produto industrial de série. Produto industrial que, nesse mesmo campo, não parece ter tido uma atenção particular: é lamentável o que se passa com a dobragem da versão francesa onde não só o sincronismo não existe com desusada frequência, como o trabalho de voz, em estúdio, não está muitas vezes de acordo com a imagem (o caso mais flagrante passa-se na cena entre Lino Ventura e Lisa Pelikan no episódio de hóquei onde a dobragem da voz de Lisa atinge o grande descalabro).

Enfim um filme sem nada que deixe traços na memória, produto de rotina em saldo de fim de estação.

Talvez sejam só aparências, mas a verdade é que há indícios de que a época de saldos cinematográficos está a chegar muito cedo este ano. O Quarteto tem estreado filmes de quarta ordem e anuncia já reposições (como A última investigação, de Robert Benton); com o S. Jorge passa-se algo de semelhante: depois de um fugidio Monicelli, apresenta agora este Um homem cercado e prepara-se para exibir um ciclo em que inclui A pantera cor-de-rosa de Blake Edwards, Os 7 magníficos de John Sturges, O que nós queremos é dinheiro de Jean Yanne e Annie Hall de Woody Allen, tudo filmes já vistos.

Um homem cercado é uma película de que há pouco a dizer. Realizada por um tarimbeiro esforçado do cinema francês, Claude Pinoteau, não é nem particularmente inapta nem especialmente bem feita: deixa-se ver sem ondas nem surpresas, sem rasgos nem bocejos.

Cooprodução entre a França e o Canadá (donde a invariável presença de Donald Pleasence), com um argumento que traz a prestigiada assinatura de Carrière mas a que faltou um cuidado tratamento, trazendo actores que parecem contar apenas com as suas próprias forças (daí a disparidade que se verifica entre a segurança bem rodada de um Lino Ventura, o nervosismo de uma Angie Dickinson e a estreiteza de um Laurent Malet).

Um homem cercado dá-nos a sensação de um filme onde abunda a experiência (daí que não haja erros gritantes) mas onde tudo decorre numa indiferença mediana de produto industrial de série. Produto industrial que, nesse mesmo campo, não parece ter tido uma atenção particular: é lamentável o que se passa com a dobragem da versão francesa onde não só o sincronismo não existe com desusada frequência, como o trabalho de voz, em estúdio, não está muitas vezes de acordo com a imagem (o caso mais flagrante passa-se na cena entre Lino Ventura e Lisa Pelikan no episódio de hóquei onde a dobragem da voz de Lisa atinge o grande descalabro).

Enfim um filme sem nada que deixe traços na memória, produto de rotina em saldo de fim de estação.

Talvez sejam só aparências, mas a verdade é que há indícios de que a época de saldos cinematográficos está a chegar muito cedo este ano. O Quarteto tem estreado filmes de quarta ordem e anuncia já reposições (como A última investigação, de Robert Benton); com o S. Jorge passa-se algo de semelhante: depois de um fugidio Monicelli, apresenta agora este Um homem cercado e prepara-se para exibir um ciclo em que inclui A pantera cor-de-rosa de Blake Edwards, Os 7 magníficos de John Sturges, O que nós queremos é dinheiro de Jean Yanne e Annie Hall de Woody Allen, tudo filmes já vistos.

Um homem cercado é uma película de que há pouco a dizer. Realizada por um tarimbeiro esforçado do cinema francês, Claude Pinoteau, não é nem particularmente inapta nem especialmente bem feita: deixa-se ver sem ondas nem surpresas, sem rasgos nem bocejos.

Cooprodução entre a França e o Canadá (donde a invariável presença de Donald Pleasence), com um argumento que traz a prestigiada assinatura de Carrière mas a que faltou um cuidado tratamento, trazendo actores que parecem contar apenas com as suas próprias forças (daí a disparidade que se verifica entre a segurança bem rodada de um Lino Ventura, o nervosismo de uma Angie Dickinson e a estreiteza de um Laurent Malet).

Um homem cercado dá-nos a sensação de um filme onde abunda a experiência (daí que não haja erros gritantes) mas onde tudo decorre numa indiferença mediana de produto industrial de série. Produto industrial que, nesse mesmo campo, não parece ter tido uma atenção particular: é lamentável o que se passa com a dobragem da versão francesa onde não só o sincronismo não existe com desusada frequência, como o trabalho de voz, em estúdio, não está muitas vezes de acordo com a imagem (o caso mais flagrante passa-se na cena entre Lino Ventura e Lisa Pelikan no episódio de hóquei onde a dobragem da voz de Lisa atinge o grande descalabro).

Enfim um filme sem nada que deixe traços na memória, produto de rotina em saldo de fim de estação.

Talvez sejam só aparências, mas a verdade é que há indícios de que a época de saldos cinematográficos está a chegar muito cedo este ano. O Quarteto tem estreado filmes de quarta ordem e anuncia já reposições (como A última investigação, de Robert Benton); com o S. Jorge passa-se algo de semelhante: depois de um fugidio Monicelli, apresenta agora este Um homem cercado e prepara-se para exibir um ciclo em que inclui A pantera cor-de-rosa de Blake Edwards, Os 7 magníficos de John Sturges, O que nós queremos é dinheiro de Jean Yanne e Annie Hall de Woody Allen, tudo filmes já vistos.

Um homem cercado é uma película de que há pouco a dizer. Realizada por um tarimbeiro esforçado do cinema francês, Claude Pinoteau, não é nem particularmente inapta nem especialmente bem feita: deixa-se ver sem ondas nem surpresas, sem rasgos nem bocejos.

Cooprodução entre a França e o Canadá (donde a invariável presença de Donald Pleasence), com um argumento que traz a prestigiada assinatura de Carrière mas a que faltou um cuidado tratamento, trazendo actores que parecem contar apenas com as suas próprias forças (daí a disparidade que se verifica entre a segurança bem rodada de um Lino Ventura, o nervosismo de uma Angie Dickinson e a estreiteza de um Laurent Malet).

Um homem cercado dá-nos a sensação de um filme onde abunda a experiência (daí que não haja erros gritantes) mas onde tudo decorre numa indiferença mediana de produto industrial de série. Produto industrial que, nesse mesmo campo, não parece ter tido uma atenção particular: é lamentável o que se passa com a dobragem da versão francesa onde não só o sincronismo não existe com desusada frequência, como o trabalho de voz, em estúdio, não está muitas vezes de acordo com a imagem (o caso mais flagrante passa-se na cena entre Lino Ventura e Lisa Pelikan no episódio de hóquei onde a dobragem da voz de Lisa atinge o grande descalabro).

Enfim um filme sem nada que deixe traços na memória, produto de rotina em saldo de fim de estação.

Talvez sejam só aparências, mas a verdade é que há indícios de que a época de saldos cinematográficos está a chegar muito cedo este ano. O Quarteto tem estreado filmes de quarta ordem e anuncia já reposições (como A última investigação, de Robert Benton); com o S. Jorge passa-se algo de semelhante: depois de um fugidio Monicelli, apresenta agora este Um homem cercado e prepara-se para exibir um ciclo em que inclui A pantera cor-de-rosa de Blake Edwards, Os 7 magníficos de John Sturges, O que nós queremos é dinheiro de Jean Yanne e Annie Hall de Woody Allen, tudo filmes já vistos.

Um homem cercado é uma película de que há pouco a dizer. Realizada por um tarimbeiro esforçado do cinema francês, Claude Pinoteau, não é nem particularmente inapta nem especialmente bem feita: deixa-se ver sem ondas nem surpresas, sem rasgos nem bocejos.

Cooprodução entre a França e o Canadá (donde a invariável presença de Donald Pleasence), com um argumento que traz a prestigiada assinatura de Carrière mas a que faltou um cuidado tratamento, trazendo actores que parecem contar apenas com as suas próprias forças (daí a disparidade que se verifica entre a segurança bem rodada de um Lino Ventura, o nervosismo de uma Angie Dickinson e a estreiteza de um Laurent Malet).

Um homem cercado dá-nos a sensação de um filme onde abunda a experiência (daí que não haja erros gritantes) mas onde tudo decorre numa indiferença mediana de produto industrial de série. Produto industrial que, nesse mesmo campo, não parece ter tido uma atenção particular: é lamentável o que se passa com a dobragem da versão francesa onde não só o sincronismo não existe com desusada frequência, como o trabalho de voz, em estúdio, não está muitas vezes de acordo com a imagem (o caso mais flagrante passa-se na cena entre Lino Ventura e Lisa Pelikan no episódio de hóquei onde a dobragem da voz de Lisa atinge o grande descalabro).

Enfim um filme sem nada que deixe traços na memória, produto de rotina em saldo de fim de estação.

Talvez sejam só aparências, mas a verdade é que há indícios de que a época de saldos cinematográficos está a chegar muito cedo este ano. O Quarteto tem estreado filmes de quarta ordem e anuncia já reposições (como A última investigação, de Robert Benton); com o S. Jorge passa-se algo de semelhante: depois de um fugidio Monicelli, apresenta agora este Um homem cercado e prepara-se para exibir um ciclo em que inclui A pantera cor-de-rosa de Blake Edwards, Os 7 magníficos de John Sturges, O que nós queremos é dinheiro de Jean Yanne e Annie Hall de Woody Allen, tudo filmes já vistos.

Um homem cercado é uma película de que há pouco a dizer. Realizada por um tarimbeiro esforçado do cinema francês, Claude Pinoteau, não é nem particularmente inapta nem especialmente bem feita: deixa-se ver sem ondas nem surpresas, sem rasgos nem bocejos.

Cooprodução entre a França e o Canadá (donde a invariável presença de Donald Pleasence), com um argumento que traz a prestigiada assinatura de Carrière mas a que faltou um cuidado tratamento, trazendo actores que parecem contar apenas com as suas próprias forças (daí a disparidade que se verifica entre a segurança bem rodada de um Lino Ventura, o nervosismo de uma Angie Dickinson e a estreiteza de um Laurent Malet).

Um homem cercado dá-nos a sensação de um filme onde abunda a experiência (daí que não haja erros gritantes) mas onde tudo decorre numa indiferença mediana de produto industrial de série. Produto industrial que, nesse mesmo campo, não parece ter tido uma atenção particular: é lamentável o que se passa com a dobragem da versão francesa onde não só o sincronismo não existe com desusada frequência, como o trabalho de voz, em estúdio, não está muitas vezes de acordo com a imagem (o caso mais flagrante passa-se na cena entre Lino Ventura e Lisa Pelikan no episódio de hóquei onde a dobragem da voz de Lisa atinge o grande descalabro).

Enfim um filme sem nada que deixe traços na memória, produto de rotina em saldo de fim de estação.

Talvez sejam só aparências, mas a verdade é que há indícios de que a época de saldos cinematográficos está a chegar muito cedo este ano. O Quarteto tem estreado filmes de quarta ordem e anuncia já reposições (como A última investigação, de Robert Benton); com o S. Jorge passa-se algo de semelhante: depois de um fugidio Monicelli, apresenta agora este Um homem cercado e prepara-se para exibir um ciclo em que inclui A pantera cor-de-rosa de Blake Edwards, Os 7 magníficos de John Sturges, O que nós queremos é dinheiro de Jean Yanne e Annie Hall de Woody Allen, tudo filmes já vistos.

Um homem cercado é uma película de que há pouco a dizer. Realizada por um tarimbeiro esforçado do cinema francês, Claude Pinoteau, não é nem particularmente inapta nem especialmente bem feita: deixa-se ver sem ondas nem surpresas, sem rasgos nem bocejos.

Cooprodução entre a França e o Canadá (donde a invariável presença de Donald Pleasence), com um argumento que traz a prestigiada assinatura de Carrière mas a que faltou um cuidado tratamento, trazendo actores que parecem contar apenas com as suas próprias forças (daí a disparidade que se verifica entre a segurança bem rodada de um Lino Ventura, o nervosismo de uma Angie Dickinson e a estreiteza de um Laurent Malet).

Um homem cercado dá-nos a sensação de um filme onde abunda a experiência (daí que não haja erros gritantes) mas onde tudo decorre numa indiferença mediana de produto industrial de série. Produto industrial que, nesse mesmo campo, não parece ter tido uma atenção particular: é lamentável o que se passa com a dobragem da versão francesa onde não só o sincronismo não existe com desusada frequência, como o trabalho de voz, em estúdio, não está muitas vezes de acordo com a imagem (o caso mais flagrante passa-se na cena entre Lino Ventura e Lisa Pelikan no episódio de hóquei onde a dobragem da voz de Lisa atinge o grande descalabro).

Enfim um filme sem nada que deixe traços na memória, produto de rotina em saldo de fim de estação.

Talvez sejam só aparências, mas a verdade é que há indícios de que a época de saldos cinematográficos está a chegar muito cedo este ano. O Quarteto tem estreado filmes de quarta ordem e anuncia já reposições (como A última investigação, de Robert Benton); com o S. Jorge passa-se algo de semelhante: depois de um fugidio Monicelli, apresenta agora este Um homem cercado e prepara-se para exibir um ciclo em que inclui A pantera cor-de-rosa de Blake Edwards, Os 7 magníficos de John Sturges, O que nós queremos é dinheiro de Jean Yanne e Annie Hall de Woody Allen, tudo filmes já vistos.

Um homem cercado é uma película de que há pouco a dizer. Realizada por um tarimbeiro esforçado do cinema francês, Claude Pinoteau, não é nem particularmente inapta nem especialmente bem feita: deixa-se ver sem ondas nem surpresas, sem rasgos nem bocejos.

Cooprodução entre a França e o Canadá (donde a invariável presença de Donald Pleasence), com um argumento que traz a prestigiada assinatura de Carrière mas a que faltou um cuidado tratamento, trazendo actores que parecem contar apenas com as suas próprias forças (daí a disparidade que se verifica entre a segurança bem rodada de um Lino Ventura, o nervosismo de uma Angie Dickinson e a estreiteza de um Laurent Malet).

Um homem cercado dá-nos a sensação de um filme onde abunda a experiência (daí que não haja erros gritantes) mas onde tudo decorre numa indiferença mediana de produto industrial de série. Produto industrial que, nesse mesmo campo, não parece ter tido uma atenção particular: é lamentável o que se passa com a dobragem da versão francesa onde não só o sincronismo não existe com desusada frequência, como o trabalho de voz, em estúdio, não está muitas vezes de acordo com a imagem (o caso mais flagrante passa-se na cena entre Lino Ventura e Lisa Pelikan no episódio de hóquei onde a dobragem da voz de Lisa atinge o grande descalabro).

Enfim um filme sem nada que deixe traços na memória, produto de rotina em saldo de fim de estação.

Talvez sejam só aparências, mas a verdade é que há indícios de que a época de saldos cinematográficos está a chegar muito cedo este ano. O Quarteto tem estreado filmes de quarta ordem e anuncia já reposições (como A última investigação, de Robert Benton); com o S. Jorge passa-se algo de semelhante: depois de um fugidio Monicelli, apresenta agora este Um homem cercado e prepara-se para exibir um ciclo em que inclui A pantera cor-de-rosa de Blake Edwards, Os 7 magníficos de John Sturges, O que nós queremos é dinheiro de Jean Yanne e Annie Hall de Woody Allen, tudo filmes já vistos.

Um homem cercado é uma película de que há pouco a dizer. Realizada por um tarimbeiro esforçado do cinema francês, Claude Pinoteau, não é nem particularmente inapta nem especialmente bem feita: deixa-se ver sem ondas nem surpresas, sem rasgos nem bocejos.

Cooprodução entre a França e o Canadá (donde a invariável presença de Donald Pleasence), com um argumento que traz a prestigiada assinatura de Carrière mas a que faltou um cuidado tratamento, trazendo actores que parecem contar apenas com as suas próprias forças (daí a disparidade que se verifica entre a segurança bem rodada de um Lino Ventura, o nervosismo de uma Angie Dickinson e a estreiteza de um Laurent Malet).

Um homem cercado dá-nos a sensação de um filme onde abunda a experiência (daí que não haja erros gritantes) mas onde tudo decorre numa indiferença mediana de produto industrial de série. Produto industrial que, nesse mesmo campo, não parece ter tido uma atenção particular: é lamentável o que se passa com a dobragem da versão francesa onde não só o sincronismo não existe com desusada frequência, como o trabalho de voz, em estúdio, não está muitas vezes de acordo com a imagem (o caso mais flagrante passa-se na cena entre Lino Ventura e Lisa Pelikan no episódio de hóquei onde a dobragem da voz de Lisa atinge o grande descalabro).

Enfim um filme sem nada que deixe traços na memória, produto de rotina em saldo de fim de estação.

Talvez sejam só aparências, mas a verdade é que há indícios de que a época de saldos cinematográficos está a chegar muito cedo este ano. O Quarteto tem estreado filmes de quarta ordem e anuncia já reposições (como A última investigação, de Robert Benton); com o S. Jorge passa-se algo de semelhante: depois de um fugidio Monicelli, apresenta agora este Um homem cercado e prepara-se para exibir um ciclo em que inclui A pantera cor-de-rosa de Blake Edwards, Os 7 magníficos de John Sturges, O que nós queremos é dinheiro de Jean Yanne e Annie Hall de Woody Allen, tudo filmes já vistos.

Um homem cercado é uma película de que há pouco a dizer. Realizada por um tarimbeiro esforçado do cinema francês, Claude Pinoteau, não é nem particularmente inapta nem especialmente bem feita: deixa-se ver sem ondas nem surpresas, sem rasgos nem bocejos.

Cooprodução entre a França e o Canadá (donde a invariável presença de Donald Pleasence), com um argumento que traz a prestigiada assinatura de Carrière mas a que faltou um cuidado tratamento, trazendo actores que parecem contar apenas com as suas próprias forças (daí a disparidade que se verifica entre a segurança bem rodada de um Lino Ventura, o nervosismo de uma Angie Dickinson e a estreiteza de um Laurent Malet).

Um homem cercado dá-nos a sensação de um filme onde abunda a experiência (daí que não haja erros gritantes) mas onde tudo decorre numa indiferença mediana de produto industrial de série. Produto industrial que, nesse mesmo campo, não parece ter tido uma atenção particular: é lamentável o que se passa com a dobragem da versão francesa onde não só o sincronismo não existe com desusada frequência, como o trabalho de voz, em estúdio, não está muitas vezes de acordo com a imagem (o caso mais flagrante passa-se na cena entre Lino Ventura e Lisa Pelikan no episódio de hóquei onde a dobragem da voz de Lisa atinge o grande descalabro).

Enfim um filme sem nada que deixe traços na memória, produto de rotina em saldo de fim de estação.

"O Terraço" de Ettore Scola

A dificuldade de ser intelectual italiano aos 40 anos de idade



O cineasta italiano Ettore Scola

orientação política e trabalham no sector dos mass media.

São, ao mesmo tempo, burgueses e progressistas. De há muito habituados a guiar a opinião pública, vêem-se numa idade em que a inspiração desaparece, em que um sentimento de inutilidade as assalta insidiosamente. O futuro que as espera é... a reforma, pois sabem que já não têm tempo para mudar seja o que for. Dai o rancor que as assalta, o rancor de não terem feito certas coisas, ou por culpa própria, ou por força das circunstâncias.

Uma realidade difícil de captar

Comunista, homem rigoroso mas tolerante, Ettore Scola é agora o único cineasta italiano a denunciar (sem condenar), a fazer sem complacências a sua autocritica - ou, mais correcta-

Bernard Degioanni (France-Presse)

mente, a dos homens da sua geração.

Muitos intelectuais italianos estão convencidos de que o deputado comunista apresentado no filme é Enrico Berlinguer, o secretário-geral do Partido Comunista italiano. E que o jornalista, o produtor, o argumentista podem ser igualmente identificáveis.

«Isso é completamente falso, afirma Ettore Scola. As minhas personagens são o resultado de um puzzle. Não representam uma só pessoa, são, sim, a soma de diversos elementos colhidos na realidade social italiana. Certos italianos se tenha refugiado demasiadas vezes atrás dos símbolos, porque a nossa realidade é mais difícil de captar do que parece. Mas a sua inquietação é, já em si mesma, uma autocritica: o reconhecimento das suas responsabilidades face a uma sociedade cuja consciência colectiva eles há muito têm vindo a formar».

Ettore Scola é categórico: «Não faço nenhuma acusação precisa nem pessoal. Limito-me a constatar. O meu filme não se baseia em nenhum facto concreto. É o balanço de uma geração, a minha. Um balanço sem dúvida lúgubre, mas uma pura e simples análise. Sem perspectivas, sem mensagem para o futuro. Eu digo que os intelectuais se acomodaram às mentiras e às ilusões, renegando, na maioria dos casos, os seus conflitos pessoais e refugiando-se na ideologia. Protestaram contra as violências mais graves e as mais evidentes, mas calaram-se perante as mais discretas, afinal tão importantes como as outras. Aceitaram as contradições sociais tal como suportaram complacentemente os condicionamentos dos partidos políticos, criando para si próprios alibis tachados à medida para justificarem o seu comportamento».

O filme de uma época

Ettore Scola começou a carreira artística aos 17 anos, escrevendo os diálogos das bandas desenhadas do semanário satírico «Marc' Aurelio», o mesmo onde alguns anos antes se estreara Federico Fellini. E como este daí a uns anos (1959) iria fazer com «La dolce vita» (o fim da despreocupação dos italianos) assim Ettore Scola realiza agora, com «O Terraço» o filme de uma época: o filme de um mundo onde os intelectuais perdem as ilusões.

Já em 1974 num dos seus filmes («Gostámos tanto uns dos outros» - C'eravamo tanto amati) ele traçava um primeiro balanço dum geração em crise: a daqueles que no fim da Segunda Guerra Mundial tinham vinte anos. Esses que alimentaram a esperança de construir uma sociedade mais justa e que acabaram por constatar amargamente que o mundo não mudou, antes os marcou a eles e inexoravelmente os moldou à sua imagem e semelhança.

Wozzeck no S. Carlos há vinte anos e hoje

Crítica de Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Não foi pacífica a estreia de Wozzeck de Alban Berg no Teatro de S. Carlos, há mais de 20 anos (20 de Fevereiro de 1959). Gerou-se mesmo um movimento de protesto entre os assinantes, que se consideraram ofendidos na sua integridade moral (e na das suas respeitáveis famílias), devido ao que alegavam ser o «escabroso» do assunto e da linguagem (não apenas da literária, decerto, mas também da musical...). Para esta inusitada tomada de consciência do conteúdo real da ópera contribuiu a publicação da versão portuguesa do libreto, realizada por Rosário Corte Real e Natália Correia, prefaciada por Manuel de Lima e editada por Luís Pacheco (na «Contraponto»). Habitados a argumentos resumidos, vazios de sentido, meros pretextos para seguir «o mais importante» (a aparência da música e, sobretudo, das vozes), os frequentadores habituais do S. Carlos ficaram surpreendidos com a

crua verdade do texto, cuja venda no próprio teatro, durante o espectáculo, Luís Pacheco assegurara, previamente autorizado pelo director, dr. João Figueiredo. Logo na 3.ª cena, por exemplo, a expressão de Maria, dirigindo-se ao seu próprio filho:

Bist nur ein arm' Hurenkind, textualmente traduzida nessa versão por Tu não passas dum pobre filho da puta (enquanto o resumo do argumento propõe, desta vez: «A rapariga pensa agora no seu filho, pobre filho de uma mulher sem vergonha...»), provocou a indignação das «pessoas de bem». No primeiro intervalo, a venda dos libretos da Contraponto foi proibida e, alguns dias mais tarde, o director do teatro era chamado ao Ministério, onde lhe pediam satisfações.

Vinte anos depois, alguma coisa mudou. No entanto, mais de duas dezenas de camarotes vazios (camarotes de assinatura que outros não puderam ocupar) provam, nesta segunda visita de Wozzeck ao S. Carlos, que não se mudou muito. E é pena: esta realização da primeira obra-prima de Berg, para o teatro, que só voltará à cena mais uma vez amanhã à noite, é, sem dúvida,

uma das mais conseguidas, no agenciamento das diferentes componentes cénicas e musicais, que têm passado por aquele teatro.

Não se trata de comparar este Wozzeck com o Wozzeck de há vinte anos, que não vi. Trata-se de comparar o nível de exigência desta ópera com o nível de exigência doutras óperas, e o nível de eficácia alcançada por esta montagem com o nível de eficácia de outras produções do S. Carlos. Deste ponto de vista, são de assinalar, desde logo, as soluções técnicas encontradas para dar a um palco mal apetrechado, desguarnecido de meios, como é o do S. Carlos, a capacidade de resposta para as sucessivas mudanças de cena, tanto mais que o encenador concebeu a representação sem interrupções, ligando os três actos, concepção inteiramente justificada pelas características da obra. Na verdade, a organização da forma, segundo o princípio do contraste, ao longo das cinco cenas de cada acto, e o sentido da economia ou da concentração dramáticas (em que Berg é mestre, como se prova também pela Lulu) garantem uma ligação viva, sem quebras de interesse ou de atenção, do espectador ao

espectáculo, durante todo o tempo (cerca de uma hora e 3/4) em que ele se desenrola. A encenação de Jean-Claude Riber, no espaço cénico definido por Andrzej Majewski, serviu essa ligação.

Não há que pôr em relevo, no elenco, méritos relativos, pois desde os papéis de primeira linha aos considerados secundários (estes, como é habitual, destinados a artistas portugueses), todos encontraram o necessário ponto de equilíbrio vocal-cénico nos actores-cantores a que foram destinados. É claro, no entanto, que foi precisamente no capítulo da direcção de actores que surgiram problemas: as figuras e situações foram em muitos casos mais esboçadas, no sentido de uma determinada intenção, do que assumidas com o vigor e a clareza que só um longo trabalho preparatório, na base de uma estrutura que o S. Carlos não possui, poderia permitir. Daí também um certo primarismo, ao nível da execução, nas cenas com elementos do coro, nem sempre rigorosos, aliás, no plano musical.

John Matheson obteve da Orquestra do S. Carlos um rendi-

mento notável. Mesmo quando a transparência da orquestração e a sedução de certas sobreposições (música de cena com o resto da orquestra, por exemplo) passaram despercebidas, houve uma preocupação de expressivismo, de comunicação do lírico, do misterioso, do trágico, do fantasmagórico, que trouxeram a orquestra em cheio para a cena, para o teatro que nesta obra ela também é.

Da obra em si (aqui poderia ler-se a intenção de um trocadilho: si é a nota do amor e da morte, a nota veicular de toda a ópera, culminando no crescendo em uníssono depois do acto ao mesmo tempo de amor e de morte que é o crime de Wozzeck - veja-se a este respeito a análise de Pierre Jean Jouve/Michel Fano, in «Wozzeck d'Alban Berg», Paris, 1964) haverá sempre que dizer: é que desde a perspectiva social, à psicanalítica, passando pela questão religiosa, pela instituição militar, pela responsabilidade da medicina e da ciência, tudo nela nos reconduz a tudo, a partir da importância central do sexo e do amor («Todos nós trazemos connosco os mitos de Wozzeck, Maria e do Tambor-Mór...»). Mas, curiosamente, também o caso humano real de Wozzeck

(ou Woyzeck), que deu origem à peça de Buchner, está ainda longe de considerar-se encerrado. No livro de Walter Fehmann, «Leipziger Pitaval» (Berlín, 1980), dedicam-se algumas páginas à história deste «pobre diabo», nascido há precisamente duzentos anos (1780), em Leipzig, que vestiu a farda de soldado de quase todos os exércitos europeus, que foi impedido de casar com a sua primeira mulher, de quem tinha um filho, que por ciúme assassinou a sua amante (comentando, sereno: «ela bem o mereceu») e que foi o último indivíduo publicamente justificado, por decapitação em Leipzig (1824). O último trabalho médico conhecido sobre as características da sua personalidade data de 1966 (fala de uma «imutabilidade diminuída», por «parafrenia»), mas a polémica em torno da questão arrastou-se durante décadas, dividindo os médicos alemães em dois partidos: uns eram contra e outros pró-imutabilidade. Finalmente, uma curiosidade, turística: ainda hoje pode ver-se, em Leipzig, no museu da cidade, a espada que decapitou Wozzeck e uma gravura que reproduz a espantosa enchente registada na praça principal, motivada pelo macabro «espectáculo».

Livros novos

**Irão:
A Revolução
em Nome de Deus**



Que força impeliu o povo iraniano de modo a conseguir des-
trinar o xá sem se lançar numa
revolta cruenta e em terríveis
morticínios? Claire Brière e
Pierre Blanchet procuram res-
ponder a esta interrogação. O
livro mostra como um povo in-
teiro, de mão nuas, enfrenta as
armas, desafia os meios, de um
grande exército que dispunha de
armamento abundante, moderno
e sofisticado. Mostra como na
sequência de meses e meses de
manifestações populares, o
xá-ditador, é deposto e parte do
país que tiranizava. Em que me-
dida este processo revolucioná-
rio ocorreu no Irão vem pôr em
causa os esquemas insurreccio-
nais clássicos? Em que medida a
espiritualidade religiosa substi-
tuiu a falta de uma ideologia revo-
lucionária com propostas políti-
cas precisas? Claire Brière e
Pierre Blanchet aos capítulos do
seu livro, ao seu próprio inqu-
érito, juntaram as páginas densas
das respostas de Michel Fou-
cault e Claire Brière.

Michel Foucault à primeira
pergunta de Claire Brière res-
ponde com outra pergunta: «que
haverá que se passou no Irão
que irrita um pouco tanto pes-
soas de esquerda como da di-
reita?»

Para Michel Foucault: «O que
conferiu a sua intensidade ao
movimento iraniano foi um
duplo registo. Uma vontade co-
lectiva muito afirmada política-
mente e, por outro lado, o desejo
duma mudança radical na sua
existência».

Crítica
de teatro

CARLOS PORTO

«DAS TRIPAS CORAÇÃO»,
de José Jorge Letria. Encena-
ção: António Machado, Música:
Samuel. Cenário e Figurino:
Mário Alberto. Interpretação:
Maria Dulce. Teatro Adôque.
2-5-1980.

Aqui há semanas
aconteceu-me ir para a uma
casa de espectáculos dos ar-
redores onde decorria uma sessão
de teatro de amadores. A se-
gunda parte era preenchida pela
apresentação de um grupo, de
que desconheço o nome como
ignoro o título da peça represen-
tada. Tratava-se de qualquer
coisa que se situava, provavel-
mente, mais próximo da cegada
do que de qualquer outra forma
de teatro popular. O texto era,
em parte, cantado em tom de
fado, para o que havia no palco
um guitarrista e um «viola». Os
actores não sabiam representar,
esqueciam-se dos papéis e dois
deles já teriam passado a casa
dos 60. Um destes, o melhor,
desempenhava o principal pa-
pel, o de uma vítima do fascismo.
Tratava-se, convém dizê-lo, de
um espectáculo partidário que
não só não escondia esse carac-
ter como o assumia com algum
orgulho e muita dignidade (a
foice e o martelo constituíam o
sinal desse carácter).

Havia nesse espectáculo «in-
genuo» uma tão forte presença
da tradição popular que justifica
ter sido precisamente o seu pa-
rtidarismo a principal razão de ser
do problema que me levantou, e
que é este: houve em Portugal, e
particularmente em zonas de
forte industrialização, como Lis-
boa, uma corrente de cultura
operária que veio do anarco-
sindicalismo e desembocou no
comunismo. Ora, está por estu-
dar, e seria do maior interesse
fazê-lo, a articulação entre essa
corrente, de conteúdo político, e
as manifestações criativas (em
especial no teatro) a que esteve
ligada. Por outras palavras: em

que medida uma determinada
cultura política influíu em deter-
minadas opções estéticas,
reflectiu-as e foi por elas reflec-
tida?

O espectáculo com a peça de
José Jorge Letria permitiu-me
fazer esta chamada não porque
tenha alguma coisa a ver com
isso, mas por razões precisa e
infelizmente opostas. Este es-
pectáculo é, na minha opinião,
um mau serviço prestado por
trabalhadores a trabalhadores. E
é-o tanto no que se refere ao
texto como no que se refere à
sua transcrição cénica.

Trata-se, como se sabe, de um
monólogo em que uma mulher
idosa recorda a sua vida, evoca-
ção em que o autor descarregou
os clichés de uma subliteratura
que se distarça, e justifica, com a
causa justa que propõe e de-
fende. Mas é precisamente em
nome dessa causa (convém não
interpretar mal: o crítico não se
arroga o direito de falar em nome
dos trabalhadores) que não me
parece correcto aceitar um traba-
lho como este.

Vinda do campo com dez
anos, a personagem (certa-
mente Maria) começou a traba-
lhar como criada (era a designa-
ção que então se usava) na casa
de um capitalista, mau como as
cobras, salazarista e legionário,
onde além de passar mal sofria
os ataques lúbricos dos meninos
(era cada beliscão!). Depois, co-
nheceu um rapaz que andava na
tropa e se chamava Manel, como
já adivinharam Casaram e tive-
ram dois filhos. Ela passou a tra-
balhar como mulher a dias e ele
arranjou trabalho numa oficina
mas acabou por emigrar. Depois
de alguns anos, deixou de dar
notícias. O filho mais velho foi
para a Guiné como soldado e lá
morreu, vítima da guerra colo-
nial. Quando chegou o tele-
grama Maria sofreu muito mas
veio o 25 de Abril e então as
coisas melhoraram. Ela ficou
muito contente. atirou-se para a
luta, apanhou com o 25 de No-
vembro, e ei-la agora a recordar
para aqueles que quiserem ir a
casa dela e que devem estar

como se estivessem em casa de-
les.

Dou propositadamente uma
visão caricatural da peça, que
parece querer negar a justiça do
ponto de vista da personagem (e
do autor) porque é isso, de facto,
o que acontece; o perigo de se
jogar com o sentimentalismo em
vêz do sentimento, de pôr o co-
ração a trabalhar esquecendo o
cérebro, de se ignorar que o tea-
tro, como qualquer outra forma
de expressão, exige o domínio
de algumas regras, e pode con-
duzir a que aquilo que é justo e
correcto acaba por aparecer mi-
nimizado e até deturpado.

Se no texto de Eduardo Dioní-
sio, como aqui referi, não há uma
reinvenção da linguagem, aqui
não uma linguagem. Letria
limitou-se a alinhar lugares-
comuns que não merecem qual-
quer respeito embora falem de
coisas tremendamente respeitá-
veis, e não só para quem está do
lado da personagem, o que é o
meu caso, mas para quem veja o
mundo com um mínimo de ho-
nestidade.

O que pode passar (mal) num
artigo jornalístico ou o que pode
ter certa força nos três minutos
de uma canção (e algumas can-
ções do Letria têm-na) pode ser,
no teatro, o nada. E a peça é isso
precisamente: colocando na voz
de Maria Dulce um mau discurso
jornalístico ou cançoneteiro
(demasiado longo como tal, sem
fôlego como teatro), Letria
arriscou-se a perder, e, com ele,
todos nós.

A primeira parte do monólogo
fala, sempre em termos esteri-
otipados, da solidão. O facto não
deixa de ser perturbante pelo
desfasamento entre essa fala e o
contexto em que a personagem
se situa (os cartazes revolucio-
nários). Verificaremos, no decor-
rer do espectáculo, que essa
visão da personagem faz parte
dos equívocos do texto. Aliás,
um pequeno artigo publicado no
«diário» de domingo prova-o
com eloquência. Que «solidão»?
— é o seu título e assina-o um
nome que desconheço, Marília
Vieira da Cruz. O artigo desta

jovem velha mulher, que se as-
sume orgulhosamente como tal
(e por isso utilizo a palavra) po-
deria substituir com vantagem
essa parte do texto do Letria,
pois parece-me muito mais de
acordo com a personagem.

É claro que com este texto
pouco se poderia fazer. No en-
tanto, nem o cenário nem o
encenador fizeram esse pouco.
A luz vermelha na porta, um ce-
nário neutro, insignificante, a
marcação daquela queda que a
intérprete é obrigada a dar sem
qualquer razão, a maneira como
são marcadas as cenas das car-
tas (repetidas, como se tivessem
o mesmo significado e o mesmo
tempo) — encenar é bastante
mais, e melhor, do que isto.

Resta Maria Dulce. Poderia
ser de grande interesse um texto
que descrevesse a odisséia de
uma personagem como esta
desde que merecesse literária e
teatralmente um mínimo de cre-
dibilidade, e desde que a intér-
prete conseguisse uma identifi-
cação razoável com a persona-
gem. Só depois dessa identifica-
ção conseguida seria possível
criar zonas de distanciamento
que ajudassem o público a en-
tender as redes sociais e políti-
cas em que a personagem ac-
tuava (e não apenas a exaltar-se
ou a comover-se). Maria Dulce
não tentou essa identificação.
Poderia fazê-lo com aquele
texto, com aquela encenação?
Eis a dúvida. O seu trabalho tem,
no entanto, a suficiente carga de
sinceridade para conseguir agar-
rar o espectador. É o menos mau
do espectáculo.

As três canções de Samuel
ajudam a compor o conjunto, a
dar-lhe uma certa dimensão,

mesmo assim... Quanto ao fundo
do problema, porém, não podiam
resolvê-lo.

O leitor pode pensar que este
comentário é desproporcionado
em relação a um espectáculo
que se pretende modesto e
despretencioso, tanto mais que
é um espectáculo feito para um
público popular. Um dos cart-
azes da casa da personagem re-
presenta Che Guevara. Não foi
ele quem disse que ao Povo tem
que se dar o melhor?

Se o leitor for um dos respon-
sáveis pelo espectáculo pen-
sará, talvez, que se foi dema-
siado longe. Acontece que «Das
Tripas Coração» se apresenta
como «o retrato da mulher portu-
guesa desde a resistência até
aos nossos dias». Ora, a história
das «portuguesas que ficaram
na sombra», ou não, é tão rica,
tão multiforme, tão heróica
mesmo quando esse heroísmo
se escondeu num quotidiano de
resistência oculta, que merece o
respeito por um lado, a home-
nagem por outro, de que este
espectáculo é, dolorosamente, a
contra-partida.

Não pretende pôr o problema
em termos estéticos (o que seria
mais do que razoável). Estou
apenas a pensar no espectáculo
de amadores a que me referi no
início deste apontamento (e po-
deria citar um outro feito por tra-
balhadores da Carris sobre uma
peça de um deles) e como nele
um grande coração batia. Era
evidentemente o coração do
nosso povo. Por isso, é quase
certo em relação ao espectáculo
de Adôque, que o público seja o
que nele há de mais vivo, autên-
tico e perene. O que se passa no
palco é para esquecer.



A KLM para a Holanda? Claro! -E porque não a KLM para "Descobrir o Mundo"?



DESCUBRA A EUROPA
Partidas semanais

"Descubra a Holanda"
Amesterdão e Londres
Amesterdão e Paris
Amesterdão e Bruxelas



DESCUBRA O MUNDO
Partidas mensais — de 1/6 a 31/10

Volta ao Mundo
Tailândia
Goa e Nepal
América Central
México



Queiram enviar-me folheto descritivo das
viagens assinaladas

- | | |
|--|--|
| ☐ Descubra a Holanda | ☐ Volta ao Mundo |
| ☐ Amesterdão e Londres | ☐ Tailândia |
| ☐ Amesterdão e Paris | ☐ Goa e Nepal |
| ☐ Amesterdão e Bruxelas | ☐ América Central |
| | ☐ México |

Nome _____ 6

Endereço _____

Envie este cupão
à sua Agência de Viagens ou à KLM,
Pr. Marquês de Pombal, 4A - 1298 Lisboa
Codex. Tel. 53 50 25 - Telex 18511 KLM PO



KLM

Este ano as suas férias vão mais longe com a

PALÁCIO FOZ
Presença
do
Cinema Francês

Às 16.15 e 21.15 - N. ac. men. 18 a.

LE TESTAMENT D'ORPHEE

de Jean Cocteau
Versão original sem legendas
Iniciativa da Direcção-Geral da Acção
Cultural em colaboração com os Servi-
ços Culturais da Embaixada de França
em Lisboa

GH PUB
GRUPO TEATRO HOJE
TEATRO DA GRAÇA.
Tv. S. Vicente, 11
Tel. 87 56 26

SÓ ATÉ DOMINGO
HOJE ÀS 21.45

«MISS JULIE»

de August Strindberg
com: ELISA LISBOA
FERNANDA BARRETO
WLADIMIR FRANKLIN

De 4.ª a 2.ª feira às 21.45

Domingos só às 17 h.

Folga às 3.ª feiras

Interdito a M/13 anos

Entrada gratuita sócios
Voz Operário

SUBSÍDIO DA S. E. C.

Canal da crítica

A Prata e a lata

Os miúdos passam as tardes de domingo à espera do, muitas vezes, único programa que lhes é dedicado: a história (a japoneza para consumo do Ocidente) do urso Jackie. Que faz a Televisão? Chegada a hora, diz que não há, por exigência de programação!

Não foi nada. Foram eles, na RTP, que programaram mal. Quem sofre as consequências? As crianças, claro.

Parece um pormenor insignificante. Não é. É indício aterrador de uma certa maneira de encarar a vida.

Encontro e desencontro

«Grande Encontro» perdeu o público das sete horas. Perdeu um público popular. O seu público. Aquele com quem Mário Zambujal (a maior «conquista» da TV dos últimos meses) se sente mais à vontade. Ganhou em troca algum outro? Duvido. O público da meia-noite gosta das emoções fortes. E não é esse o carácter do «Grande Encontro», assim disprezivo e diluído.

Morgado diplomata

«O que eu gostaria de ter sido». A história desde peque-

nino de Vasco Morgado. Com Varela Silva a mudar freneticamente o ângulo de remate (aliás sempre remates frouxos) na procura doida de um golo.

Que não apareceu nunca. Também, quem se lembra de perguntar a uma corista o que pensa ela do patrão... com o patrão ao pé...

Jogo sem problemas. Sem polémica. Formidável conseguir isto num meio tão escaldante! Vasco Morgado utilizou o sistema do ferrolho, catenaciou sobriamente. Não se teria ele enganado? Em lugar de bombeiro, não teria ele sonhado em pequeno com a diplomacia?

Há que arear a prata

«Prata da Casa» continua a sua carreira sem grandes voos, é certo, mas também sem grandes quedas. Não há margem para dúvida: os jovens mereciam júri mais equilibrado e o concurso merecia regulamento mais cuidadoso.

Torna-se urgente efectuar a classificação somente após a exibição das duas equipas. Para se evitar aquilo que se deu ontem. Beatriz Costa premiou com a nota máxima ambas as equipas da prova da canção — sendo

uma delas, a do Porto, nitidamente de melhor qualidade. Sendo o critério da qualidade relativa o único justo, como pode, com justiça, actuar este júri?

Outra ratoeira está na prova dos livros. O que poderia ser um jogo saudável de inteligência e cultura, transforma-se em roleta. Apenas por sorte se pode acertar num título quando se enuncia um rol deles. O processo ontem utilizado pelos concorrentes pode estar dentro da palavra, mas não dentro do espírito do concurso. É condenável. Batoteiro. E não há pior batota do que aquela que se faz dentro da lei.

A questão tem de ser clarificada. Se o concurso existe, que exista bem. Pobrezinho mas honrado.

Brincalhões

Este júri, santo Deus! Autêntica desestabilização dos nervos de participantes e audiência.

Laivos de provocação, particularmente nas avaliações do poeta cabisbaixo e daquele da extrema-direita. Ambos ridículos nas ostentações eruditas e nas classificações insalubres.

O último, Dali de ferro-velho, «dá quatro porque nunca deu cinco» e esmaga com zero algo de que ele não percebeu pata-vina...

O primeiro, a propósito de uma das provas mais responsáveis de todas as emissões do concurso, afirmou que estivera para dar cinco, mas depois lembrou-se de uma vizinha que o massacrava com exercícios de violino e deu quatro...

Isto não é sério. Os concorrentes não podem estar sujeitos a tamanha irresponsabilidade, a tamanha garotice.

O mesmo fulano classificou com três valores outro momento alto da emissão apenas porque, no seu entender, o jovem violoncelista cometera alguns deslizes!

Quais, não disse. Ele não sabe. Ele é um brincalhão. Ele brinca-se todo no enterro de si próprio.

Como é?

E a verdade é que as presenças do violinista Ângelo Peixoto (uma força de actuar sobre o violino que prenuncia grande qualidade futura, e quem viver, verá) e do violoncelista Miguel Cardoso da Rocha (com um acompanhamento ao piano de rara inteligência e equilíbrio a que, infelizmente, ninguém se referiu...) a verdade é que, só por si, essas presenças justificavam a emissão.

Mas outros momentos houve com interesse: as entrevistas com Serafim Giesta e Sande Lemos, as marionetas, tão televisuais, e tão mal avaliadas pelo júri (este desgraçado é assim: o que não for perfeito, zás!) as canções particularmente do Porto. Repito: para além de todos os defeitos e qualidades do concurso, a parte mais deseducativa reside no júri. De um lado, a prata; do outro, a lata. Como é?



A RTP-1 exhibe esta noite o filme intitulado «O Combate Nuclear»

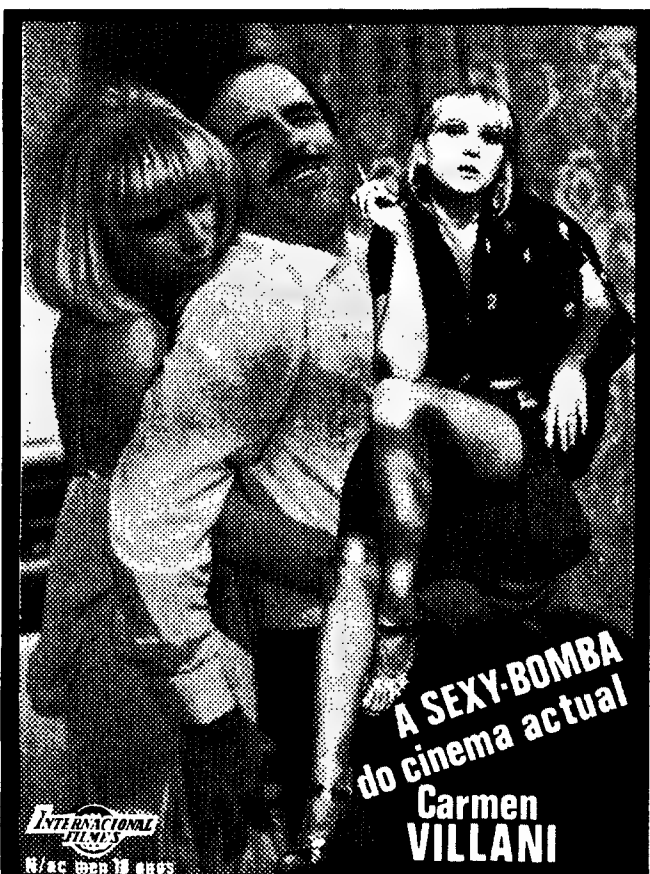
Hoje

RTP-1

- 18.00 Sumário
- 18.05 «O Salva-Vidas Voador» — intérpretes: Hu Pryce, Mar Lee e Holger Magen.
- 18.30 Os Filhos do Rio — pequeno documentário cedido pela Embaixada do Paquistão.
- 19.00 País, País
- 19.30 Come e Cala
- 20.00 Telejornal (C)
- 20.35 «Dancin' Days» — (C) episódio n.º 148.
- 21.15 O Tempo (C)
- 21.20 Jogos Sem Fronteiras — Uma pequena reportagem sobre a equipa da Póvoa de Varzim.
- 21.45 «O Combate Nuclear» — intérpretes: Anthony Pullen, Murray Salem e Ramsey Williams.
- 23.10 Fátima — (C) transmissão directa do Santuário de Fátima das cerimónias ali realizadas.
- 23.45 24 Horas
- 00.00 Fecho

RTP-2

- 18.45 Ano Propedéutico
- 20.38 Schools Prom — (C) segundo concerto da série.
- 21.30 Informação/2 (C)
- 22.00 «O Estranho Dr. Quentin» (C)
- 00.00 Fecho



O Negócio Mete Saias

Carlo GIUFFRÉ — Aldo MACCIONE
Realizador Juan Bosch

A HISTÓRIA DE DOIS CASAS... COM UMA MULHER A MAIS!

SENSACIONAL
ESTREIA

HOJE ÀS 21.30 H.

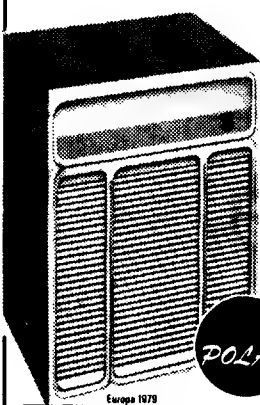
ODÉON

GRUPO DE CAMPOLIDE • ACADEMIA ALMADENSE

QUINTA-15 Filme «Giordano Bruno, o Rebelde» de G. Montaldo
às 18,30 h
Comentários de J.M. Cruz
ENTRADAS GRATUITAS

SUB. SEC.

Desumidificadores



Concebidos para a protecção contra os fungos, oxidações e maus cheiros, os Desumidificadores Polar são equipados de forma a proteger o ambiente e a suprir a humidade. Indicados para Tipografias, Laboratórios, Comércio, Indústria em geral, e também para habitações onde predomine o excesso de humidade.

- PORTÁTIL
- SILENCIOSO

Peça-nos uma consulta

REFRIGERAÇÃO
POLAR, LDA.

Av. Almirante Reis, 94 C - 1100 LISBOA
Telef. 82 33 60 - 82 33 66/7/8

EQUIPADO COM O SISTEMA "HUMIDOSTATO"

ANTES DE FAZER UMA VIAGEM...



Certifique-se do estado dos travões, direcção, suspensão, luzes e pneus. Disso depende a sua vida e a dos outros.

Circular é viver

Amanhã

RTP-1

10.00: Transmissão directa das cerimónias realizadas na Cova da Iria; 13.20: Ciclo Preparatório TV; 18.00: Sumário; 18.05: Histórias Contadas; 18.30: Res-Pública; 19.00: País, País; 19.20: Podium — Maurice Richard; 20.00: Telejornal (C); 20.35: «Dancin' Days» — (C) episódio n.º 149; 21.15: O Tempo; 21.20: 1.ª Página; 22.20: «Os Alvos de Andros» — (C) 1.º episódio; 23.20: 24 Horas; 23.35: Fecho.

RTP-2

18.45: Ano Propedéutico; 20.30: Os Quatro Fantásticos (C); 21.00: «França, uma Volta, Muitos Desvios» (C); 21.30: Informação/2 (C); 22.00: Cine-Clube RTP-2 — com o filme «O Céu é de Todos»; 00.00: Fecho.

NB — os programas indicados a (C) são emitidos a cor.

atelier BELO MARQUES

R. da TRINDADE, 5-2º dto 1200-LISBOA
R. VITOR CORDON, 12 - Telef: 371254 - 360868
OFICINAS PRÓPRIAS - R. DO FERRAGIAL, 24-28 TEL-320626 LISBOA



medalhas comemorativas de ANIVERSÁRIOS EFEMÉRIDES CONFERÊNCIAS REFORMA AGRÁRIA 1979 e 1980 medalhas numeradas 80mm 250\$



ROTEIRO CULTURAL

Música

Os Segrêis de Lisboa, grupo constituído pelos cantores Helena Afonso (soprano), Fernando Serafim (tenor) e pelos músicos Catarina Latino (pauta), António Oliveira e Silva (viola), Kenethe Fraizer (viola de gamba) e Manuel Morais (alaúde e direcção), dão hoje um concerto na sala do Teatro Aberto às 21.30.

O programa é preenchido com música medieval e do tempo de Camões. Este espectáculo, integrado na série «Música e...» que está a realizar-se às segundas-feiras no teatro do Grupo 4 e visa alargar a música a novos espaços e atingir públicos que não frequentam habitualmente as salas de concertos, conta também com a colaboração dos actores João d'Ávila, Jorge Sacadura, Rita Pavão e da coreógrafa Águeda Sena.

Leonard Rose (violoncelo) e Helena de Sá e Costa (piano) dão hoje, às 18.30, um concerto no Grande Auditório da Fundação Gulbenkian. No programa: obras de Francoeur, Martinu, Beethoven, J.S. Bach e Schumann.

O famoso conjunto de Jazz norte-americano «National

Jazz Ensemble» composto pelo director Chuck Israels (compositor e contrabaixo), Joe Temperly (saxofone), Margot Hanson (vocalista), Jimmy Knepper (trombone), Bill Dobbins (piano) e Steve Brown (guitarra e bateria) dá hoje um concerto no Porto, no Pavilhão Infante de Sagres. O espectáculo tem o patrocínio da Secretaria de Estado da Cultura e a colaboração do Serviço de Imprensa e Cultura da Embaixada dos Estados Unidos.

Teatro

O Teatro da Cantina Velha vai dar três últimas representações em Lisboa (na Cidade Universitária) de «A Menina Júlia», de A. Strindberg: dias 15 e 16 às 21.30 e dia 17 às 18.30.

No Porto, até ao dia 20 de Maio, estará em cena, na Sala Povo Português, o último espectáculo da Seiva Trupe. Trata-se de «A Confissão», de Bernardo Santareno, com encenação de Júlio Cardoso, cenários de José Rodrigues e interpretação de António Reis, Estrela Novais, Rui Madeira, Josefina Ungaro, Alfredo Correia e outros.

Entretanto, e integradas nas comemorações do IV Centenário da morte de Luís de Camões, a Seiva Trupe vai promover as seguintes realizações: no dia 17, mesa-redonda sobre a «Actualidade da Obra de Camões», com os professores Oscar Lopes, José Augusto Seabra, Armando de Castro, Arnaldo Saraiva e Xavier Coutinho; no dia 24, recital de música e poesia sobre Camões. Ambas as



Cristina Hauser em «Menina Júlia», pelo Teatro da Cantina Velha

sessões se realizam na Casa do Infante.

Exposições

Integrada nas comemorações do IV Centenário da Morte de Luís de Camões, está patente na átrio do edifício da Biblioteca Nacional de

Lisboa, durante todo o mês de Maio, uma exposição itinerante referente ao IV Centenário da publicação de «Os Lusíadas». Esta exposição é composta por 42 painéis, sendo a montagem da responsabilidade do artista João Paulo Abreu Lima.

Também durante todo o

mês de Maio estará patente ao público uma exposição de pintura da autoria de Augusto Júlio, cuja temática se centra no Património Construído de Setúbal. O Museu de Arqueologia e Etnografia da Assembleia Distrital de Setúbal efectuou esta exposição com o objectivo principal de alertar a opinião pública para a defesa daquele património, através da motivação estética do visitante. Com efeito, Augusto Júlio consegue transmitir a luz, o bem-estar, a correcta integração que alguns recantos de Setúbal ainda proporcionam.

Na Galeria de Arte Moderna da Sociedade Nacional de Belas-Artes, Fernando Pinheiro apresenta «Pinturas-Bocados de Pintura ou as Pegadas do Ganso».

Literatura para crianças

Amanhã, às 18 horas, inaugura-se no Auditório três da Fundação Gulbenkian o I Encontro sobre Literatura para Crianças, iniciativa da Fundação com a colaboração da Direcção-Geral do Ensino Básico e sob o patrocínio da dr.ª Manuela Eanes, esposa do Presidente da República.

Durante os trabalhos do Encontro será apresentada, junto do Auditório três, uma exposição de livros para crianças, de autores portugueses, que circulam nas Bibliotecas Itinerantes e Fixas da Fundação Gulbenkian, bem como nas escolas oficiais do Ensino Primário. Também uma biblioteca itine-

rante com obras para crianças estará aberta durante o Encontro, nos jardins da Fundação.

É o seguinte o programa do Encontro: amanhã, no Auditório três, às 19 horas, inauguração do Encontro e Exposição de Livros Portugueses, pela dr.ª Manuela Eanes; às 18 e 30, «A Criança e a Leitura», intervenção da escritora Matilde Rosa Araújo, e «A Criança e o Maravilhoso», intervenção da escritora Isabel, da Nóbrega; dia 14, Auditório três, intervenção do especialista e crítico francês Raoul Dubois, às 10 horas, «Literatura para a Infância» e «Renovação Pedagógica e Literatura para a Juventude»; 5.ª feira, dia 15, no Auditório três, às 10 horas — «Literatura para a Infância com Carácter Científico»; às 15 horas, «Imprensa Infantil/Juvenil e Literatura». No mesmo dia, no Auditório dois, às 21 e 30, «Como Encarar uma Colaboração Internacional no Domínio da Literatura para Crianças?».

A abrir a sessão de encerramento, o dr. José de Azevedo Perdigão, presidente da Fundação, procederá à distribuição dos Prémios Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças.

Lançamento de livros

As Edições Ró e a Livraria Codilivro promovem hoje, às 20 horas, naquela livraria (Praça Dr. Nuno Pinheiro Torres, 2-A, Lisboa), o lançamento da obra do prof. Sylvan, «Recordações de Infâncias».

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS		(Por UNIDADE)	
E MOEDAS ESTRANGEIRAS		COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)		50\$80	56\$80
ALEMANHA FED. (marco)		27\$05	28\$15
AUSTRIA (xelim)		3\$70	3\$90
BÉLGICA (franco)		1\$612	1\$712
BRASIL (cruzeiro)		\$733	\$981
CANADA (dólar - notas de 1 e 2)		41\$00	43\$00
DINAMARCA (coroa)		41\$50	43\$50
ESPANHA (peseta)		\$651	\$751
EUA (dólar - notas de 1 e 2)		48\$55	50\$55
(notas de 5 a 1000)		48\$05	51\$05
FRÂNÇA (marca)		13\$15	13\$75
FRÂNÇA (franco)		11\$55	12\$15
HOLANDA (florim)		24\$50	25\$50
INGLATERRA (libra)		111\$50	115\$50
ITALIA (lira)		\$052	\$062
JAPÃO (iene)		\$192	\$222
NORUEGA (coroa)		\$685	10\$35
SUECIA (coroa)		11\$50	12\$10
SUIÇA (franco)		29\$20	30\$30
VENEZUELA (bolivar)		\$995	10\$95

Observações:
1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO AS 09.00 H

O Céu estava muito nublado o vento era fraco ou moderado de noroeste e caíam aguaceiros em alguns locais

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	13°
BRAGANÇA	9°
VILA REAL	12°
PORTO	11°
PENHAS DOURADAS	3°
COIMBRA	12°
CABO CARVOEIRO	13°
PORTALEGRE	9°
LISBOA	15°
ÉVORA	12°
SINES	14°
BEJA	13°
SAGRES	16°
FARO	16°
PONTA DELGADA	15°
FUNCHAL	17°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
1.00 4,0 m 6.53 0,8 m	
13.32 4,0 m 19.16 0,8 m	
Dia 13	
1.52 4,2 m 7.40 0,6 m	
14.19 4,2 m 20.02 0,7 m	
Dia 14	
2.41 4,2 m 8.23 0,6 m	
15.05 4,2 m 20.47 0,6 m	

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Períodos de céu muito nublado vento fraco ou moderado de noroeste aguaceiros mais frequentes nas regiões do norte durante o dia de hoje. Provável agravamento do estado do tempo a partir do fim da tarde de amanhã em especial nas regiões do norte

AMANHÃ
NASCER ÀS 6.27
OCASO ÀS 20.40

DIA 14 DIA 21 DIA 29 DIA 6

rádio

17.30: Sem margem; 18.00: Informação; 19.30: Jornal da noite; 20.00: Música de filmes; 21.00: Música portuguesa; 21.30: 14.º Episódio do Folhetim «As Minas de S. Francisco», de FERNANDO NAMORA; 22.00: Transmissão de Fátima das Cerimónias Religiosas: Procissão das Velas e Solene Celebração Eucarística; 24.00: Jornal da meia-noite.

2.º Programa

18.00: Música do século XX; 19.00: Animação cultural, um programa de José Atalaya; 19.30: Música de Verdi: Abertura da Ópera «Joana d'Arc», pela Orquestra Sinfónica de Londres. - 2.ª Ária da Ópera «Um Baile de Máscaras»; Terceito final da ópera «A Força do Destino», pela Orquestra da Academia de Santa Cecilia; 20.00: Obras de Mozart: - Quarteto n.º 21, em Ré Maior, K. 575, pelo Quarteto Amadeus. - Sinfonia n.º 41, em Dó Maior, Sinfonia Júpiter, pela Orquestra Filarmónica de Berlim; 21.00: O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas; 22.00: Música portuguesa; 23.00: Novos discos; 00.00: Intercâmbio musical: Festival de Verão em Orléans, 1979 - gravações cedidas pela Rádio e Televisão Jugoslava; 00.27: O Quarteto em Fá Maior, de Ravel, pelo Quarteto Via Nova, 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (290 m)
17.03: Contacto; 18.00: SH - Noticiário; 18.15: Dossier ciência; 18.45: Trânsito; 19.15: Ensaio; 19.45: Teatro trágico; 20.03: Quando o telefone toca; 20.30: Cartaz; 21.03: Hora literária; 21.30: Quando o telefone toca; 22.03: Quando o telefone toca; 22.30: Portugal e a CEE; 23.30: Jornal noticioso.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)
16.08: Rock em Stock; 16.30: Rock por letras; 17.30: Noves fora Rock; 18.03: Círculo em FM; 19.03: Em órbita; 21.03: Café Concerto; 23.00: Noticiário.

544545

centro S.O.S.
voz amiga

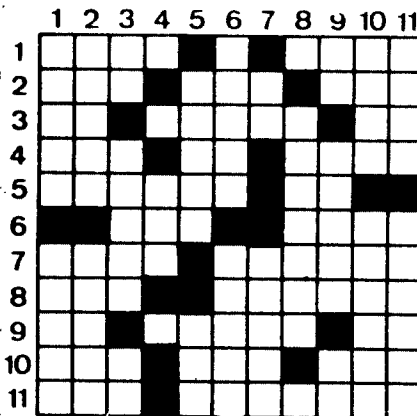
Tiragem média do mês passado: 51 687 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 12631

HORIZONTAIS

- Aquele que. Tempo do verbo ser.
- Reuna. Recusa. Acredita.
- Outro nome da preguiça. Coréia. Actínio (sq).
- Levanta. Segue. Receio.
- Indivíduo bronco. Caminharás.
- Medida de superfície. Miriãre.
- Cura. Guarnecidas de asas.
- Fianco. Que fez a rodagem.
- Nota musical. Sepultura. O mais.
- Negativa. Igual. Estima.
- Donzela de Orléans. Acorrentar.



VERTICAIS

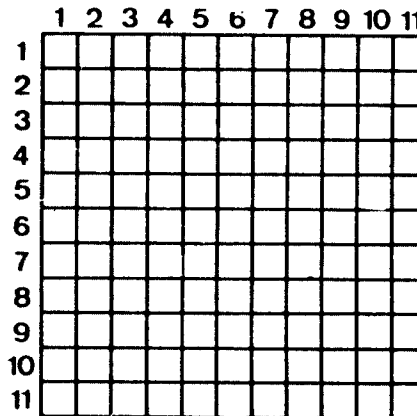
- Pronome relativo. Ronha (no cavalo).
- Exclusiva. Bater as asas.
- Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Afa. Ondas curtas.
- Pedra de altar.
- Escuridão. (fig). Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia.
- Varão. Equipam.
- Sufixo que designa estado. Ba-feja.
- Acariciada.
- Lingua antigamente falada ao sul do rio Loire. Freguesia do concelho da Covilhã. Clima.
- Indignada. Etemina.
- Enxutos. Relativo ao Sol.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8691

HORIZONTAIS

- Pãdegas. Sadias.
- Ave pernalta. Adejaís.
- Freguesia do concelho de Penafiel. Prefixo que designa afastamento. Cume.
- Entonteceram.
- Nota musical. Oceano. Onda.
- Uma das ilhas Jónias. Brisa.
- Esquina. Agarrara.
- Causa amou a. Artigo definido. Armaria.
- Destemidos.
- Rio da Checoslováquia. Prendo. Porco.
- Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Guarnecesses de asas.



VERTICAIS

- VERTICAIS
- Fúnebre. Retruca.
- Gosta muito de. Prendem. Auto-res.
- Cabo da costa de Portugal. Casadoiro.
- Arremedara.
- Pompa.
- Formara as abas a. Ovários dos peixes.
- Nota musical. Casebre.
- Cingias. Isolados.
- Lago da Finlândia. Segueia.
- Prefixo de negação. Suplício de estrangulação usado em Espanha.
- Separaram de outro. Artigo definido.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12630

HORIZONTAIS:

- ATÉ. Fadaram.
- Bo. Rei. Rola.
- A. MORTE. Air.
- Dá. Me. Casca.
- Adrar. Ac. It.
- Rasas. Ama.
- For. Mártir.
- Osas. Atlas.
- Sa. Ro. Su.
- To. Mão. PÉ.
- Estas. Porém.

VERTICAIS:

- Abada. FORTE.
- To. Adros. Os.
- Raras.
- Romãs. Sama.
- Ferlam. As.
- Tia. Sacro.
- Eça.
- Ar. Acata. Pó.
- Roas. Mit. Er.
- Aliciaras.
- Marat. Suam.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8690

HORIZONTAIS:

- Cacimba. Dom.
- Ata. Alias. Só.
- Cadafalso.
- Ir. Ni. Co.
- Adamarias.
- Urso. Amo. Ro.
- Ocar. Os.
- Presos. EC.
- Arosa. Sacou.
- Nós. Ciaras.
- As. Barras.

VERTICAIS:

- Cacique. Ana.
- Atar. Prós.
- Cod. Astros.
- Ando. Es.
- Mafia. Osaca.
- Blá. Maço. Ir.
- Aal. Amassar.
- SS. Ror. Ará.
- Ecas. Iro.
- Os. Carços.
- Morosos.

Teatro

Lisboa

ANUNCIADA - Rua do Vigário 72-74, (T. 866360); **ANTOLIN** - Av. Almirante Reis 88 BC, (T. 821773); **NOVA LUZ** - Rua D. Domingos Jardo, 28 A, (T. 843439); **ALENTEJO** - Av. da Igreja, 28 B, (T. 892682); **CARDOTE** - Av. Visconde Valmor, 28 ABC, (T. 772291); **FRAZÃO** - Rua Portas St., Antão 70-72, (T. 847019); **GOMES, SUCR.** - Rua Junqueira 326-328, (T. 638193); **URBANO DE FREITAS** - Rua Silva Carvalho, 1-5, (T. 682838); **SÃO TOMÉ** - Est. do Desvio Lt. 12-A, (T. 790704); **MARLUZ** - Cç. da Picheleira 140 BC e Rua Prof. Mira Fernandes MAF, (T. 880703); **LARANJEIRAS** - Rua Filipe da Mata 160-162, (T. 761035); **MIRAFLORES** - R. Dr. António Grando, 2-B, (T. 2101161); **BRITO** - Rua do Colégio Lt. 32 B, (T. 993351); **CATELA TAVARES** - Rua Prof. Dr. Aug. Abreu Lopes 29 A, (T. 915446).

REFORÇO

VEIRA ROSA - Rua Prior do Crato, 72, (T. 660187); **VERA CRUZ** - Pç. Afonso Peixoto, 2 B, (T. 884941); **SANTA CRUZ** - Av. Gomes Pereira, 34 B, (T. 704828); **SANTAS** - Pç. Luís de Camões 22-24, (T. 322798); **NOVA IORQUE** - Av. Est. Unives América 140 B, (T. 760658); **OLIVEIRA** - Rua de Campolide 54 A, (T. 684424); **ASCENSO** - Pç. do Norte 11 A, (T. 311216); **SALUTAR** - Rua Conde Redondo, 9 B, (T. 683694); **MONTE** - Rua Senhora do Monte, 30 AB, (T. 867842); **NOVAIS** - Av. Luís Blvar, 11-13, (T. 44324); **VAZ MARTINS** - Rua António Ferro, 6-A, (T. 970660); **NOVA** - Rua Acores, 11-A, (T. 910305); **CÉSAR FERNANDES** - Az. dos Bezouros Lt. R 8, (T. 991328); **MATOS** - Tv. Priors (Viv. Morgadinho), (T. 2519939).

Outra Banda

ALMADA - Nuno Álvares - Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504); **COVA DA PEDRA** - Garcia Reis - R. Dr. Alberto Araújo, 19-A; **LARANJEIRO** - Oliveira Sérgio; **SEMIABRA** - Leão - Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **COSTA DA CAPARICA** - Chal - Av. General Humberto Delgado, 7-C (T. 2403218); **BARREIRO** - Mascarenhas Neto - R. Almeida Garrett, 1 (T. 2076454); **AMORA** - Amorente - Av. Marg. Silva Gomes, 80 (T. 2210042); **SEIXAL** - Soromenho - R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **MONTEJO** - Moderna - R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156); **MOITA** - União Molitense - Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025); **ALHOS VEDROS** - Gusmão - R. Cândido dos Reis, 30 (T. 204020); **ALCOCHETE** - Nunes - L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

Linha de Cascais

TIRES - Guimarães - até às 21 horas; **ALCABIDECHÉ** - Carvalho - até às 21 horas; **PORTO SALVO** - Ferreira Bastos - até às 21 horas; **CAXIAS** - Nova R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839), até às 22 horas; **CARCAVELOS** - Central - até às 24 e das 0 às

9 horas; **CARCAVELOS** - Vilar - até às 22 horas; **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira - Av. Sabão, 29-B (T. 260085) até às 21 horas; **OELRAS** - Alcantara Guerreiro - P. Residência, Dr. Augusto Castro, Lote 10 (T. 2438591), até às 24 e das 0 às 9 horas; **NOVA OELRAS** - Leal - até às 21 horas; **PARADE** - Grincho - Av. da República, 87 (T. 2471204), até às 24 e das 0 às 9 horas; **PARADE** - Junqueira-Mendes - até às 21 horas; **AMOREIRA** - Amoreira - (T. 262313/267314), até às 22 horas; **ES-TORIL** - Marques dos Santos - R. Ferreira J.A., 15 (T. 260116), até às 21 horas; **CASCAIS** - Nova - Est. de Alvide - Fontainhas (T. 281044), até às 21 horas; **Marginal** - Av. Marginal (T. 280078), até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA - Amadora - P. 25 de Abril, 3-A (T. 935518) Permanente; **Clabell** - R. António Sardinha, 23-D (T. 938551) até às 22 horas; **DAMAIA** - D. João V - Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461) até às 22 horas; **QUELUZ** - Vasconcelos; **CAMARATE** - Garcia - Av. dos Missionários, (T. 2942181); **MEM MARTINS** - Miranda Garcia - Est. Mem Martins, 173-B (T. 2914103) permanente; **AGUALVA-CACÉM** - Mira Sintra - P.N. - Torre, 310, até às 20.30 horas; **MERCES** - Claro Russo até às 21 horas; **RIO DE MOURO** - Riomouro - Av. Oscar Mont.ª Torres, 8 (T. 2960194), até às 23 horas; **SINTRA** - Simões - Estefânia (T. 2930832) permanente; **COLARES** - Abreja - (T. 299088).

MOSCAVIDE - Varela (T. 2518520). Até às 22 horas; **SACAVÉM** - Soares (T. 2518025). Permanente.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

PASTELEIRA - R. André de Resende, 92 (T. 687011); **12 ALMEIDA CUNHA** - R. Formosa, 327 (T. 24874); **SAMPAIO** - R. de Cedofeita, 636 (T. 21782); **MIRRA** - P. da Liberdade, 125 (T. 26463); **MAFALDA** - R. do Monte Cativo, 444 (T. 481687); **S. JERÓNIMO** - R. de Santos Pousada, 622 (T. 54526); **CARDONA DOS SANTOS** - R. D. Miguel II, 90 (T. 315051); **ORIENTAL** - R. do Bonjardim, 727 (T. 27878).

DE DIA E TODA A NOITE

CONTUMIL - R. de Contumil, 540 (T. 485755); **MARQUES DE MENDONÇA** - R. do Ameal, 251 (T. 487118); **COSTA LIMA** - Av. da Boavista, 855 (T. 60606); **VAZ TEIXEIRA** - R. do Heroísmo, 56 (T. 52852); **SAUDE** - Av. Combatentes da Grande Guerra, 689.

Coimbra

LOPES RODRIGUES - R. Fernandes Tomás, 41 (T. 22634); **OLIVAS** - R. Bernard de Albuquerque, 19 (T. 72904).

Cine

abcCINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
As 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45
SALA A
O HERÓI DO ANO 2000
Não acons. m. 13 anos
SALA B
As 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 13 a.
YANKS

ALVALADE 897480
Av. de Roma
As 14.30, 18 e 21.30 h Para Todos
A mais bela história de sempre
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/ Julie Andrews e Christopher Plummer

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
As 15.15, 18.15, 21.15, 24.00
Não acons. men. 18 anos
Marlon Brando, Robert Duvall, Martin Sheen em
APOCALYPSE NOW
Um filme de Francis Ford Coppola
Technicolor
Agora na Espantosa Multidimensão de
«Dolby Stereo» 25.ª Semana

AVIS 547163
Av. Duque D'Avila, 45
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS ANJOS DO INFERNO
c/ Ben Murphy, Wendy Hughes
e John Clayton
Venha mais cedo e aprecie «Dancin'
Days» a cores no nosso aparelho instala-
do junto ao bar

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar
As 14.30, 16.30, 19 e 21.30 h
- N. ac. men. 13 a.
O XERIFE QUEBRA OSSOS
c/ Bud Spencer
Um filme de Michele Lupo

CALEIDOSCOPIO 795093
Campo Grande
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
BAMBI
Um filme de Walt Disney Productions

CASTIL 530194
Rua Castilho
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A fuga e o sonho entre o mistério e a
verdade
ALICE

CINE 222 Tel 579460
Av. Praia da Vitória 37 (Ao Saldanha)
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
5 Oscars da Academia
KRAMER CONTRA KRAMER
8.ª Semana
As 23.45 - N. ac. men. 13 a.
O MISTÉRIO DE AGATHA

CINEBOLSO 573407
Rua Actor Taborda, 27-B
As 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
Uma obra-prima... o maior sucesso
pornográfico de sempre
SEXO POR MEDIDA
Pornográfico «hard core»
As 24 - M. 18 a.
DETECTIVE EM ACÇÃO

CINE BLOCO 556824
Gaveto de Av.ª 5 de Outubro e Pinheiro Chagas
As 12.15, 15.15, 18.15, 21.15 e 24.15
- N. ac. men. 13 a.
HITLER, UMA CARREIRA
Um filme de Christian Herrendoerfer
3.ª Semana

CINE CAMÕES 324194
Rua de Loreto, 15
As 14, 16.30, 19 e 21.30
Não ac. men. 13 a.
O CAMINHO DA VERDADE
Filme Indiano Dost
Um filme de Dulal Guha
Dharmendra, Shatrughan Sinha, Hema
Maline

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
As 14, 16.30, 19 e 21.30 h
Não acons. m. 18 anos
A justiça do massacre
APACHE!
c/ Cliff Potts, Xochiti e Havey Matofsky

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Alges
As 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 a.
O GENERAL REBELDE

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial - Damais
As 15.30 e 21.30 - N. ac. men. 13 a.
**CHAMAVAM-LHE O
BULLDOZER**
c/ Bud Spencer e Raimund Armstorf

EDEN 320768
P. dos Restauradores, 21
14, 16.30 e 19 21.30 N. ac. men. 18 a.
O PROFISSIONAL
c/ Ryan O'Neal, Bruce Dern
e Isabelle Adjani
Um filme de Walter Hill

ESTUDIO 555134
Av. Afonso Henriques, 35
As 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Prémio Especial Juri Festival Cannes
CRIA CORVOS...
c/ Geraldine Chaplin
Um filme de Carlos Saura

ESTUDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
As 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O PROFISSIONAL
c/ Ryan O'Neal e Isabelle Adjani
Venha mais cedo e aprecie «Dancin'
Days» a cores no nosso televisor instala-
do no bar

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
As 15.15 - Int. men. 13 a.
OS 7 FANTÁSTICOS
c/ Elke Sommer e Christopher Connolly
As 21.30 - N. ac. men. 13 a.
Os maiores do «travesti» num espectá-
culo ao vivo, cheio de ritmo, música e
cor
EUROPA EM «TRAVESTI»

IMPERIO 555134 5
Al. Afonso Henriques, 35
As 15.15, 18.30, 21.30
N. acons. m. 18 anos
O mal não morre... só aguarda renas-
cer.
MANITU
c/ Tony Curtis e Susan Strasberg

LONDRES 801313
Av. de Roma, 7-A
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
**O CASAMENTO DE MARIA
BRAUN**
c/ Hanna Schygulla, Klaus Lowitsch
e Iwan Desny

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
As 15.15, 18.15 e 21.45
- Int. men. 18 a.
AMIGO DESCONHECIDO
c/ Elliot Gould, Christopher Plummer
e Susanah York
Na noite, início da projecção do filme às
22.05

MONTECARLO Tel 681117
A. Pedro Álvares Cabral, 37
Com parque de estacionamento
As 15.30, 18.30 e 21.30
Na ac. m. 13 anos
SHALIMAR
O 1.º filme indiano com actores occiden-
tais
Um filme de Krishna Shah

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferraz, 12-A
As 14, 16.30, 19.00 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O CAMPEÃO
c/ Jon Voight, Faye Dunaway
e Ricky Schroder
Um filme de Franco Zeffirelli

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro 42-B
As 14, 16.15, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
UMA RAPARIGA FRÁGIL
c/ Isabelle Huppert e Yves Beneyton
Um filme de Claude Goretta

NOVOCINE 840678
Av. General Rôças, 7
As 15.15 e 21.30 - Int. men. 18 a.
As variações do amor em quatro tempos
**A MINHA MULHER
AGRAÇA-TE... ADORO A
TUA**
c/ Jean-Claude Berq e Nathalie Nort
Contém cenas eventualmente chocan-
tes

ODEON 326283 4
R. Condes, 12 e 20
Estreia às 21.30 - N/ac. men. 18 a.
O NEGÓCIO MÊTE SAIAS
Uma história picante e desconcertante
As 15.15 e 18.15 - Últimas
LOUCURAS AMERICANAS

PATHE 821933
R. Francisco Sanches 122
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
- Int. men. 18 a.
O ARRASAR QUARTEIROS
c/ Angela Mao e George Lazenby

QUARTETO R. Flores do Lima, 16 771378
SALA 1 As 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Interd. men. 18 anos
A MALDIÇÃO DE CATHY
Realiz. Eddy Matalon
SALA 2 As 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Não ac. men. 18 anos
UM NOVO AMANHECER

POLITEAMA 326305
R. Portas de St.º Anão
14.30, 18 e 21.15
N. ac. m. 13 anos
Um grande e faustoso filme indiano
O GRANDE JOGADOR
Aviso: o filme começa logo no início da
sessão

RESTELO 610375
Av. Torre de Belém
As 15.30 e 21.30 h.
Interd. a men. 13 anos
FUGA PARA ATENAS
com Roger Moore, Claudia Cardinale,
David Niven e Telly Savalas

ROMA 887778
Av. de Roma, Lote JRB
As 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
Espectacular e empolgante
**MACARTHUR, O GENERAL
REBELDE**
c/ Gregory Peck
Venha mais cedo e aprecie «Dancin'
Days» a cores no nosso aparelho instala-
do junto ao bar

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
**FIM-DE-SEMANA
ESCALDANTE**
c/ Peter Graves, Ray Millan
e Pedro Armendáriz Jr.

SÃO JORGE 579144-579344
Av. da Liberdade, 175
As 15.15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Acção e «suspense» espectaculares
UM HOMEM CERCADO
c/ Lino Ventura e Angie Dickinson

SATELITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo 61
As 15, 17, 19 e 21.45
- Int. men. 13 a.
**O HOMEM QUE VIVEU
DUAS VEZES**
c/ Michael Sarrazin e Jennifer O'Neil
Na noite, início da projecção do filme às
22.10

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro 14-C
As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
O novo êxito musical de Michael Lang
SOMOS TODOS VEDETAS
c/ Leslie Caron, Daniel Ceccaldi
e Robert Webber

TERMINAL 371573
Estação do Rossio
As 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30 h
Não acons. men. 13 anos
KRAMER CONTRA KRAMER
Dustin Hoffman, Mery Streep e Justin
Henry

TIVOLI 570595
Av. da Liberdade, 188
As 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
Quando o jogo é ganhar tudo pode
acontecer
OS VENCEDORES
c/ Paul Newman
Um filme de George Roy Hill

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreras, Lote 879
As 15, 18.15 e 21.30
Um drama apaixonante galardoado
com o Prémio Pulitzer
AMAR FOI O MEU PECADO
c/ Anne Heywood e Robert Vaughn

Teatro	Outros cinemas
TEATRO DA GRAÇA - «Miss Julie», às 21.45 (13 anos) CANTINA VELHA CIDADE UNIVERSITÁRIA - «Menina Júlia», às 18.00 (13 anos) ADÓQUE - «Das Tripas Coração», às 21.45 (13 anos) Outros Espectáculos Lisboa CAPITÓLIO - «Bacanaís Escaldantes», às 19.00, 21.00 e 23.00 (18 anos) CITY CINE - «Amar foi meu Pecado», às 21.30 (18 anos) OLIMPIA - «Luxúria», sessões permanentes (18 anos) CINEARTE - «O Tigre Ataca de Novo», às 21.30 (18 anos) PROMOTORA - «Deus Perdoa Eu Não», às 21.30 (13 anos) ROYAL - «O Grande Ataque ao Comboio do Ouro», às 21.30 (13 anos) PARIS - «Terramoto», às 12.30 (13 anos) Linha de Cascais ESTORIL - Casino - «O Homem que matou o passado», às 17 e 21.15 (13 anos) CASCAIS - Impels - «O Caminho das estrelas», às 21.30 (13 anos)	Linha de Sintra AMADORA - Cine Plaza - «O Xerife quebra ossos», às 21.30 (13 anos) CACÉM - Estúdio Flores - «O Clube dos assassinos», às 21.30 (18 anos) AMADORA - Lido - «Trunfo na manga», às 21.30 (13 anos) AMADORA - Cinestúdio - «Somos todos vedetas», às 21.30 (13 anos) Outra Banda ALMADA - Incrível - «Mulher chata homem sofre», às 21.15 (13 anos) ALMADA - Académia - «Os Fugitivos do Alcatraz», às 21.30 (13 anos) SETUBAL - Júpiter - «O Grande ataque», às 21.15 (13 anos). Coimbra GIL VICENTE - «Seduzida e Abandonada», às 21.15 (13 anos) SOUSA BASTOS - «Cantinfias às Ordens de V. Ex.ª», às 21.30 (13 anos) S. TEOTÔNIO - «Disco Fever», às 21.30 AVENIDA - «Mad Max», às 21.30 (18 anos) TIVOLI - «Apocalypse Now», às 21.30 (18 anos) Porto ÁGUA - «O Lutador Tatuado», às 21.45 (18 anos) FOCO - «Escândalo de 1.ª Página», às 21.30 (13 anos) JULIO DINIS - «O Castelo do Prazer», às 21.30 (18 anos) SÁ DA BANDEIRA - «Marido Ausente Sexo Presente», às 21.30 (18 anos) LUMIÈRE-A - «10, uma Mulher de Sonho», às 21.30 (18 anos) LUMIÈRE-L - «A Morte em Directo», às 21.45 (18 anos) COLISEU - «Carne para Frankenstein», às 21.30 (18 anos) S. JOÃO - «O Xerife Quebra Ossos», às 21.45 (13 anos) TRINDADE - «Manhattan», às 21.45 (13 anos) BATALHA - «O Humanóide», às 21.45 (13 anos) CHARLOT - «O Casamento de Maria Braun», às 21.30 (18 anos) ESTÚDIO - «Essa Mulher é Minha», às 21.30 (13 anos) VALE FORMOSO - «O Lutador Tatuado», às 21.30 (18 anos) PASSOS MANUEL - «A Arvore dos Tamancos», às 21.30 (13 anos) OLIMPIA - «A Exploradora extraterrestre», às 21.45 (18 anos) RIVOLI - «É a Bomba com Todos», às 21.30 (13 anos) BEBÉ - «Noites de Singapura», às 21.45 (18 anos)

VINHO CAMPINO
PARA QUEM É EXIGENTE

Sociedade dos Vinhos do Sul, Lda

ARMAZENISTAS - EXPORTADORES
- WINE EXPORT -

SEDE: AZAMBUJA
ESCRITÓRIO CENTRAL: AV. ALMIRANTE REIS 45-4.º Dto.

TELS. LISBOA - 843391/2
AZAMBUJA 053 - 42150
TELEX - 12346 SULVIN P



"O milagre económico depende da estabilidade política"

Discurso de Eanes na FIL é "recado" aos empresários

Continua na pág. 1

vembro de 75) acrescentou: «A política económica, a organização de empresas, o exercício da gestão e até as análises estatísticas foram pretextos para lutas políticas e ideológicas. E, em épocas que todos recordamos, a própria tentativa de equacionar com seriedade os problemas económicos era considerada uma prova de imaturidade política e de incompreensão dos movimentos sociais, ou mesmo demonstração de vícios tecnocráticos».

Mas, o Presidente da República, neste discurso, não deixa de fazer referência à confrontação de «acusações de ambiguidade e de indecisão, com promessas de clareza e rapidez na solução de todos os problemas». Naquilo que os observadores classificam como uma alusão ao Governo AD, o Presidente da República prosseguiu: «São acusações injustificadas e promessas ilusórias, numa sociedade onde subsistem graves factores entre os diversos grupos sociais, o que não permite que se formulem com ligeireza, propostas de decisões como se estas fossem realizáveis sem resistência — quer dizer: como se estivessemos num mundo de perfeita harmonia, de estabilidade e de oportunidades inesgotáveis».

Na sua intervenção «programática», o general Ramalho Eanes defendeu um clima de «cooperação» entre empresários e políticos, ao considerar que «o dirigente político e o dirigente empresarial não se defrontam como adversários, nem se devem temer como concorrentes». A «confiança empresarial» foi um dos temas mais abordados pelo Presidente da República, não deixando, no entanto, de afirmar: «Não se poderá falar seriamente em confiança empresarial sem falar também em confiança sindical».

"Milagre económico"

A expressão «milagre económico» surgiu também na intervenção «de fundo» do Presidente da República. Exemplificando com as «economias ocidentais», Ramalho Eanes considerou que ele «tem sido sobretudo o resultado de uma cooperação efectiva entre interesses empresariais e sindicais (...)» e concluiu «em suma, não há programa económico sem programa político e qualquer deles de pouco servirá se não existir um programa de cooperação estável gerador de confiança, entre os diversos agentes económicos».

Depois de uma análise da situação político-económica, o general Eanes refere-se à integração de Portugal na CEE. Concordando em que «a expressão da política externa tem os seus marcos orientadores na integração plena na Europa, na fidelidade aos compromissos assumidos na NATO e países de expressão portuguesa», o Presidente da República considera que a «adesão à Europa desenvolvida é imperativa para o progresso nacional. Não se fará, porém, com simples declarações de vontade, tantas vezes apenas dirigida a objetivos de índole política. A plena integração na Europa deve ser cuidadosamente preparada: requer realismo, conjugação de esforços, ousadia nos ajustamentos estruturais e, sobretudo, tenacidade na procura de uma contrapartida de adaptação por parte das comunidades, para que a unidade europeia se edifique sobre critérios de equidade e equilíbrio. Os entusiasmos fáceis e as decisões menos ponderadas conduzirão forçosamente a desaires e prejuízos, nacionais e individuais». E num outro recado para o Governo AD: «E se isto é certo em relação à integração europeia, não é menos no que se refere à cooperação económica com Estados de outros continentes e, em particular, com a África». «Deixar perder as potencialidades que neste domínio detemos não seria apenas nefasto aos interesses de Portugal e desses países: afectaria também a nossa capacidade negociadora com as Comunidades e, em última análise, os próprios interesses da Europa». O Presidente da República reproduziu, assim, uma das afirmações do presidente da Comissão das Comunidades Europeias, Roy Jenkins e do vice-presidente, Lorenzo Natali, nas suas recentes visitas a Lisboa.

Revisão constitucional

«Defendo, como já várias vezes disse — prosseguiu o Presidente da República — que a Constituição deve ser revista, tendo em conta a experiência, entretanto, recolhida. Mas não posso aceitar, nem compreendo como é que alguém possa aceitar, num regime democrático, que essa revisão seja feita por métodos artificiais e fora do quadro de condições institucionalmente estabelecidas».

A propósito, referiu-se à delimitação dos sectores público/privado. E dirigindo-se aos em-

presários, declarou: «A questão constitucional da delimitação dos sectores poderá ser colocada em novas bases depois da revisão constitucional. Mas enquanto essa revisão não se tiver concretizado, qualquer diploma sobre a matéria não poderá deixar de cumprir os critérios definidos na Lei Fundamental».

E a terminar, o Presidente da República refere-se à próxima campanha eleitoral: «Devemos, assim, esperar que na próxima campanha eleitoral, os partidos

assumam as suas responsabilidades perante a sociedade, apresentando à consideração de todos os portugueses e, em especial dos agentes económicos, programas pormenorizados das suas concepções de política económica e a indicação concreta dos modos de participação conjunta, organizada e sistemática, do Governo, associações empresariais, numa definição e aplicação de políticas económicas, nomeadamente no que diz respeito ao crédito e à legislação de trabalho».

Na Gulbenkian Seminário sobre Direito Comunitário

Será apresentado a Conselho de Ministros, o diploma legal que cria o Gabinete de Direito Europeu e o Gabinete de Acesso ao Direito, anunciou o ministro da Justiça na inauguração do Seminário sobre Direito Comunitário, esta manhã, na Fundação Gulbenkian.

Mário Raposo esclareceu que o Gabinete de Direito Europeu já funciona de facto «mercê da alta qualidade e do sempre solicitado apoio da Procuradoria Geral da República» e que o segundo «corresponde a uma política que, expressamente consagrada no programa do actual Governo, representa uma persistente aspiração (como poderão os homens viver se não fizerem aquilo em

que acreditam?) que pretendo ver concretizada desde que passei pela Ordem dos Advogados».

As duas iniciativas, bem como o presente seminário destinam-se a que o nosso país atinja o nível europeu, no dizer do ministro.

O seminário integra-se no âmbito das acções de formação permanente do Centro de Estudos Judiciários e nele participam dois especialistas portugueses, drs. José Carlos Moitinho de Almeida e Isabel Jalles, e dois conselheiros jurídicos da Comissão das Comunidades, Anthony Mac Clellan e Marc Sohler.

Os trabalhos distribuir-se-ão por seis sessões e é aberto a todos os juristas portugueses.

Próximo da Guarda Dezenas de feridos num choque de autocarros

Dezenas de feridos (dois dos quais em estado desesperado) foi o resultado de uma colisão entre dois autocarros de passageiros ocorrida esta manhã nas proximidades de Gonçalves, a sete quilómetros da Guarda, na estrada que liga aquela cidade a Vila Formosa.

Um dos autocarros é de matrícula

eslovena, e transportava turistas norte-americanos, e o outro é propriedade da Rodoviária Nacional. Os feridos graves são os motoristas dos dois veículos, respectivamente João Maria Abreu Pratas, de 52 anos, natural de Lisboa, e Virgílio Pires Simão, de 40 anos, nascido na Guarda.

Continentes movem-se

Uma expedição de cientistas soviéticos ao fundo do mar Vermelho confirmou a hipótese sobre o movimento do continente africano e da Península Arábica.

Os cientistas, que mergulha-

ram a uma profundidade de 2030 metros, percorreram o fundo do mar numa extensão de 160 quilómetros, em diferentes aparelhos subaquáticos. Pela primeira vez, foi estudada uma sequência de crateras.

RDP-Norte: "Lugar Comum" extinto e quatro locutores na "prateleira"

O programa «Lugar Comum», da RDP-Norte, de carácter regional, da autoria de Lima Jorge, foi hoje extinto por decisão da Direcção da Rádio Comercial. Aquele programa processava-se de segunda-feira a sexta-feira, e existia desde 4 de Fevereiro, quando da entrada em vigor da nova reestruturação da Rádio Comercial.

Segundo conseguimos apurar, essa extinção vem na sequência da visita ao Norte, ocorrida na semana passada, do director da Rádio Comercial e de um elemento da Comissão Administrativa da RDP.

Além desta extinção, e como consequência da mesma visita, um indivíduo da FNLA foi no-

meado director de Informação na RDP-Norte, e quatro locutores, entre os quais Lima Jorge, foram forçados a passar para a secção desportiva, embora só dois se dediquem àquela modalidade noticiosa.

QUADROS A ÓLEO

ASSIM COMO LUSTRES, CANDEEIROS, RELÓGIOS DE MESA E CAIXA ALTA, ESTATUETAS, BIBELOTS E PEÇAS DECORATIVAS, ENCONTRARÁ ENORME VARIEDADE

NA:

GALERIA ACTUAL

— Móveis e Decorações

AVENIDA DA REPÚBLICA, 12 (Perto do Saldanha)

Memória de jornalistas

Não terão sido só o «Expresso» e o «Diário de Notícias» que publicaram algo sobre a Torralta com a menção «publicidade». Também o «Diário de Lisboa». Preocupado com as suas férias o redactor de «Gente» esqueceu-se de verificar ou não quis verificar. Terá confiado na sua memória.

Neste País livre, a cada qual a liberdade de não ter memória!

Greve ou não greve, eis a questão...

O Sindicato dos Maquinistas decidiu (como é já do conhecimento público) adiar ontem por 96 horas a greve por tempo indeterminado que havia sido acordada entre os seus associados em prol dos direitos que lhes assistem. Pois bem: o diário da manhã «O Dia», na sua edição de ontem, na primeira página, em caixa, inseriu o seguinte título e texto: «CP NÃO PARA ESTA SEMANA — A greve foi adiada até às 24 horas de 25 de Abril, assegurando assim o transporte dosromeiros que querem participar nos festejos do golpe». Por aqui podem os leitores avaliar o que são as greves para a direita (de que «O Dia» é um dos órgãos mais ferrenhos): contra as ditas, quando realizadas em defesa dos direitos dos trabalhadores; e contra a suspensão das mesmas, quando elas deixam de afectar a comemoração de acontecimentos caros aos democratas (o 25 de Abril, no caso presente). É caso para dizer (até porque isto é trágico): «Greve ou não greve, eis a questão dos manipuladores da opinião pública...»

Água radioactiva inunda central nuclear do Arkansas

O edifício do reactor da Central Nuclear Arkansas One, de Russellville, foi inundado no sábado por 200 000 litros de água contaminada, por haver rebentado uma bomba de alimentação do sistema de arrefecimento, revelou a Companhia Arkansas Power and Light.

A APL sublinhou, no entanto, que embora o incidente seja sério, não representa nenhum perigo para o público. «A unidade do reactor permaneceu estável durante todo o incidente e não se verificou nenhuma difusão radioactiva no exterior».

Este reactor foi construído pela Babcock Wilcox, tal como o da Central de Three Mile Island (Pensilvânia), que foi teatro, há um ano, do incidente mais grave jamais ocorrido na indústria atómica americana. Vai agora proceder-se a uma lavagem «substancial» do interior do edifício da Arkansas One.

FUP considera provocatória actividade das FP "25 de Abril"

A FUP, movimento de que Otelo Saraiva de Carvalho é o polo aglutinador, tomou posição sobre as chamadas Forças Populares 25 de Abril.

Em comunicado, com a assinatura de Acácio Barreiros, aquela organização «de unidade popular» afirma que as acções reivindicadas pelas Forças Populares 25 de Abril são «actividades provocatórias que se inserem na ofensiva política de direita», a quem interessa confundir a Revolução dos Cravos com «a violência minoritária e marginal».

As FP 25 Abril, cujo emblema é uma estrela de cinco pontas cruzada com uma metralhadora, reivindicaram o rebentamento de petardos verificado em todo o País a 20 de Abril e o assalto simultâneo a dois bancos, no Cacém, em 5 de Maio, de que resultou a morte de um soldado da GNR.

Entretanto, um porta-voz da FUP afirmou que as demissões no seu seio (Catalina Pestana, Luis Moita e João Pulido Valente «podem não ser irreversíveis»). Admite-se, porém, que Acácio Barreiros venha a tomar idêntica atitude.

Esta noite, de acordo com a mesma fonte, efectua-se uma reunião para discutir o problema. Há duas propostas em jogo, uma delas no sentido do alargamento do executivo às organizações partidárias apoiantes e a outra respeitante às demissões em que se defende a substituição dos dissidentes por elementos da área da OUT.

(Hoje 28 páginas)

AMSTERDAM
1 semana

PARTIDAS:	Junho	23	8
	Julho	23	30
	Agosto	6, 13, 20	27
	Setembro	3, 10	17

PREÇOS DESDE **18.800\$**

INCLUINDO:
• VIAGEM AÉREA
• TRANSPORTE EM AUTOPULLMAN
• ESTADIA NO HOTEL
• A VISITA CONSTANTE DO PROGRAMA
• ACOMPANHANTE

abreu
fundada em 1840
UMA EMPRESA PRIVADA DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 31 79 21
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 37 13 41
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telef. 270 11/2
FARO: Av. República, 124 • Telef. 250 35/6
FUNCHAL: Rua do Gorgulho, 1 • Telef. 310 77/8

EXCURSÕES abreu
EM AUTOPULLMAN
TRADIÇÃO NA QUALIDADE

ANDALUZIA - 11 dias
Partidas: 5/6 (feriados): 17/7
7 e 21/8; 4 e 11/9

ESPAÑA, ANDORRA e LOURDES - 11 dias
Partidas: 5/6 (feriados): 3, 17 e 31/7; 7, 14 e 21/8
4 e 11/9

ESPAÑA e FRANÇA 15 dias
Partidas: 1/6 (feriados): 13/7
3, 17 e 31/8; 7/9

MARROCOS IMPERIAL 11 dias
Partidas: 5/6 (feriados): 17/7
7 e 21/8; 4 e 11/9

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840
UMA EMPRESA PRIVADA DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

PORTO: Av. dos Aliados, 207 • Telef. 31 79 21
LISBOA: Av. da Liberdade, 160 • Telef. 37 13 41
COIMBRA: Rua da Sota, 2 • Telef. 270 11/2
FARO: Av. República, 124 • Telef. 250 35/6
FUNCHAL: Rua do Gorgulho, 1 • Telef. 310 77/8

CIRCUITO DE JARAMA

Conheça o Mundo da Fórmula 1

Viagens Especiais a Madrid
Programa A — 3 dias — 30/5 a 1/6
Programa B — 4 dias — 30/5 a 2/6, incluindo avião TAP — Hotel de 4 Estrelas com banho e pequeno almoço, transporte hotel — Jarama — hotel, e delegado português permanente.

Preços deste — 7.900\$00
Lugares limitados.
Partidas de Lisboa e Porto.

EUROPE
LISBOA: Av. da Liberdade, 232 Tel. 326 121
LISBOA: Av. de Roma, 35 A Tel. 716062
PORTIMÃO: Av. Tomás Cabreira - 100 - Santa Ana
Praça da Rocha Tel. 23217
membro WATA em Portugal

concurso DL

concurso DL

concurso DL

5.º ANO

LISBOA—QUARTA-FEIRA, 8 DE JULHO DE 1925

N.º 1002

Diário de Lisboa

Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO (Rua de Nova, 57, 2.º)
Telefone: 1470 G.
Endereço Telegrafico: D1994

DIRECTOR
JOAQUIM MANZO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES (Directão: 7. 194
Redacção: 7. 500
Endereço telegrafico: D1994

A MEIA duzia de dias da conferencia franco-espanhola sobre Marrocos, conhecem-se quasi todos os pormenores do que se passou e resolveu nessa reunião.

Pouco falta ser conhecido, e esse pouco é de natureza militar.

O sigilo diplomatico e politico é hoje, lá fóra, resguardo apenas para assuntos pendentes, ou que, porventura divulgados, mesmo em parte, prejudicam um todo.

Entre nós, o Ministerio dos Estrangeiros alimenta-se muito do segredo, além do limite razoavel.

Por exemplo: sobre reparações alemãs, o que não constitui segredo de guerra ou de chancelaria—o mutismo é completo. A's vezes, são os telegramas do estrangeiro que nos elucidam.

Não escrevemos isto para protestar. Reconhecemos o melindre de certas questões internacionais. Mas reconhecemos tambem que esse mutismo vai sendo excessivo e, por vezes—esse é o mal—pode parecer equivoco.

* * *

O DECRETO 10.882, que tão violentamente contrariava os interesses morais e materiais dos verdadeiros jornalistas, foi revogado pelo Parlamento. Está, pois, morta a questão. D'aqui recomendamos ao sr. ministro do Interior que, interpretando o pensamento da verdadeira justiça, entendo que a carteira de identidade de jornalista só a jornalista deve ser concedida, que não altere o decreto primitivo. Foi ele redigido com o consenso de todas as partes interessadas e está já em execução ha seis meses.

E' plausivel que qualquer associação que se organise, e muitas delas são tão pouco claras nos seus objectivos, determinem o esclarecimento diario desse decreto?

* * *

FOI hoje posto á venda o terceiro numero do nosso magazine *Europa*, superiormente dirigido pela distinta poetisa D. Judith Teixeira, e que se impõe pela sua admiravel apresentação grafica e interessantissima colaboração literaria. Insero artigos, novelas e cronicas de Aquilino Ribeiro, João de Sousa Fonseca, Antonio de Cértima, Reinaldo Ferreira, «El Terrible Perez», Luiz Simões Raposo, Pinheiro Correia, Americo Durão, Fernando de Almeida e Vasconcelos, Carolina Homem Cristo, etc.

* * *

A SECRETARIA da Guerra pede-nos a publicação da seguinte nota officiosa, que confirma a nossa informação de ontem sobre o mesmo assunto:

«São destituídas de fundamento não só as afirmações constantes de diversas entrevistas com os officiais presos em Elvas, em virtude dos acontecimentos de 18 e 19 de Abril ultimo, como de algumas cartas dos mesmos officiais, publicadas em alguns jornais, sobre o tramento que lhes é dado no Forte da Graça.

Por diversas informações obtidas officilmente, vê-se que não foi estabelecido qualquer regimen repressivo, não tendo sido exercida censura na correspondencia particular, expedida ou recebida pelos mesmos officiais.

Pelo director da hospital daquela localidade, dr. José Maria Geraldês Leite, foi affirmado não haver nem ter havido motivo para se atribuir a envenenamento as enfermidades de que os tem tratado, nem pode ser considerada impropria a agua fornecida para o Forte, utilizada não só pelos presos como pelo pessoal do referido Forte.»

PORTUGAL E O MODERNISMO

Entre todos os povos da Europa, e porventura do mundo, nós temos a singular preocupação de buscar no passado a lição viva da nossa conduta.

A nossa educação assenta sobre maximas em que se proclama como unico saber e experiencia, dignos da nossa admiração, o saber e a experiencia dos nossos avós.

Estabeleceu-se um dia que *Os Lusíadas* são a biblia da Patria, devendo nós extrair das suas estancias solenes e augustas a inspiração dos nossos actos.

Parece que o tempo em que vivemos não tem direito a ser original e independente, como se, desde Nun'Alvares e Vasco da Gama, se esgotasse o poder criador dos portugueses, condenados, portanto, a inclinar, perante os tumulos venerandos, a sua penuria de decadentes.

Por toda a parte, existe hoje uma fome de coisas novas que ninguém se lembra de saciar, recitando os velhos poemas heroicos ou lendo as apagadas cronicas das guerras medievais.

Porque nos recusamos nós a seguir a corrente em que febrilmente se lançam os outros povos, na ansia de resolverem, com os largos recursos do espirito moderno, os problemas que tanto os incomodam?

E' prodigiosa a série de velharias que, entre nós, passam por axiomas, quando deviam ser tidas unicamente como demonstrações arcaicas duma actividade que mirrou como uma planta sem seiva.

Respeite-se o passado no seu justo valor, nunca lhe attribuindo outra significação senão aquela que a historia lhe reconhece.

As inquietações e sofrimentos da nossa epoca só os poderemos vencer com o nosso proprio esforço.

D. Afonso Henriques, por mais que nós exaltemos as suas egrejas virtudes, será sempre um mau companheiro de lutas, no seculo XX.

Deixemos as suas cinzas, no repouso sagrado que ele soube merecer.

A sua espada tem a importancia arqueologica das reliquias a que prestamos um devotado preito.

Não embarcemos, porém, os nossos movimentos com a mania retrograda de os datarmos dos seculos das Descobertas.

Os nossos homens illustres serviram a sua época, sem outro proposito que não fosse honrar o pais que lhes foi berço.

Em face das responsabilidades que nos competem, a nossa obrigação é a mesma.

Portugal necessita, sobretudo, que o renovemos, varrendo-lhe da alma os espectros que a retorica desenterrou.

Quem pensa hoje na reconquista de Ceuta ou de Ormuz?

Se exceptuarmos alguns varões decrepitos ou alguns jovens encañecidos, Portugal não tem desejo de vingar-se da derrota de Alcacer Kibir.

Os assuntos que nos interessam são de outra especie, mas nem por isso de menor importancia.

As nossas cidades estão atazadas, pobres e pelintras... Porque não havemos de cuidar de retocar-lhes a fisionomia, a fim de as tornarmos florescentes?

Desde que se proceda ao aproveitamento das quedas de agua, o pais inteiro colherá beneficios tão fecundos que não ficarão a dever nada ao facto maximo da nossa historia — a descoberta do caminho maritimo para a India.

NOVA OPINIÃO

O momento politico apreciado por um radical

O dr. Gonçalo Casimiro é, apesar de novo, um dos elementos mais em destaque nas fileiras do Partido Radical. A sua acção, dentro do Partido, tem sido notavel. Tivemos ensejo de o conversar um dia destes — a uma mesa de café. Tendo-nos referido ao momento politico português, o dr. Gonçalo Casimiro respondeu-nos:

—Dolorosamente largo tem sido esse momento que dura já ha quinze anos. E se a facção actual deste «momento» difere das outras, é porque nunca houve maior transparencia de mascaras...

—A culpa?

—De nós todos. Dos que se apossaram do mando e dos que vão consentindo. Por causa duns e doutros é que a administração publica atingiu uma immoralidade superior á dos tempos da Monarquia. Os politicos anteriores a 1910 tinham mais pudor e menos estomago. E posso falar assim por que sou republicano desde sempre; porque entrei no movimento de 1907; porque ajudei a fazer a Republica em 5 de Outubro... Como militar que fui e como politico trabalhei sempre para a valorização da Republica. Mas, assim... não!

Insistimos na pergunta que provocara todos aqueles comentarios:

—Mas a culpa inicial; a culpa — culpa...

—Do partido democratico. Os democraticos substituíndo intelligencia por estorpeza; competência por agilidade; organizaram uma maquinaria que dinamiza toda a politica nacional, e que vai tirando, pouco a pouco, o palz inteiro. O maior perigo do partido democratico é que, pretendendo corresponder a uma corrente de vanguarda equilibrada — oulta o conservantismo da Republica. Os democraticos, partido de um ideal positivo, serviram-se da força que a teoria lhes dava para participarem de todas as organizações financeiras. Hoje, poucos são os pilotes do partido — e mesmo não pilotos — que não tenham interesses nas grandes companhias, nas grandes empresas. Ora, seria idiota pensar se que eles, egoistas e materialistas como são, fossem defender, contra os seus interesses, os interesses do Estado, que são antagonicos. Pelo contrario: servem-se da sua força, para que o Estado ceda ante todos os assaltos de que é vítima.

—E a culpa que o partido democratico mantém essa força, se não corresponde á «madeira do paz?» — indagamos.

—Porque assim como ele não representa nenhuma corrente — as outras facções do Parlamento tambem estão no mesmo caso. Nem uns, nem outros ganharão as eleições, por impulso de cidadãos legitimamente agrupados em volta dum principio ou dum ideal. Se ha deputados eleitos por dois votos... Se os governos se mantêm com um voto de confiança? Com eleições assim organizadas, assim constituidas — a Republica é um mito e a tirania um facto.

—E o seu facto?

—Os radicais correspondem de facto, a uma corrente que palpita do norte ao sul do pais e cuja existencia facil é de constatar. Está preparado para governar, quando chegar a sua hora; possui elementos de competência — e com uma vantagem sobre todos os outros: é que não estão queimados; é que levam consigo, a guisa de, ideais puros que difficilmente se corromperão no contacto com o flutuelo romano.

concurso DL

concurso DL

concurso DL

AGUAS PASSADAS

A' roda

DUMA DEMISSAO e duma visita A QUARTEIS...

A conversa é com o sr. tenente-coronel Oliveira Simões, oficial distinctissimo do nosso Exército, chefe de gabinete do sr. ministro da Guerra—o 12.º governo que aquele oficial serve como chefe, naquela situação.

Aludimos ainda á já conhecida visita que o sr. coronel Oliveira Simões fez ás unidades, em certa noite que se anunciava movimentação militarmente, (11 de junho) e tratámos ainda um ou outro assunto de interesse jornalístico e de momento.

Segue um trecho do dialogo:

—Sempre são postos em liberdade, nos termos do artigo 214.º, os oficiais revoltosos de 18 de abril?

—Não sei. Mas parece-me que só o Parlamento, ou o official que está compulsando os respectivos processos, o podem fazer de harmonia com as leis militares.

—Quando se realiza o julgamento desses officiaes?

—Muito breve. Os processos já estão concluidos.

—Diz-se que v. ex.º contribuiu para a demissão do general Adriano de Sá, e do ministro da Guerra sr. Mimoso Guerra...

—Têm-se feito algumas entrevistas sobre esse assunto, mas nella a verdade tem andado muito afastada.

—Porque visitou as unidades em 11 de junho?

—Era uma hora da noite quando cheguei a casa, vindo da recita de homenagem a Camões. Pouco depois tocava o telefone. Era o sr. ministro que me comunicava—que ia dar-se a eclosão dum novo movimento revolucionario! Momentos depois recebia igual informação do sr. governador civil.

—Havia algum factor que justificasse essa informação?

—Apesar de saber que as tropas haviam entrado de prevenção rigorosa, opuz fortes duvidas á veracidade de tal boato.

—Ficou em casa?

—Não. Quando substitua o traje civil pelo uniforme, para me dirigir ao ministerio da Guerra, recebia nova comunicação telefonica do sr. ministro da Guerra confirmando as informações que anteriormente havia recebido e me comunicava que se encontrava no governo civil.

—E foi para o governo civil?

—Fui, num automovel que o ministro da Guerra me mandou. Mas...

—Mas...

—Antes de sair procurei ligar telefonicamente com os comandos da Divisão e do Campo Entrincheirado, a fim de esclarecer-me.

—E qual foi a resposta que obtive?

—Do Campo não atendiam, e a linha para o Quartel General da Divisão estava impedida.

—Não, insistiu no pedido de ligação?

—Não porque, por um cruzamento de fios, surpreendi um dialogo entre o chefe e o sub-chefe do Estado Maior da Divisão.

—Foi interessante esse dialogo?

—Fique apenas sabendo que a estação telefonica da Divisão estava impedida com a transmissão da ordem de prevenção ás unidades, e que o major Passos esperava, na sua residencia, que chegasse o automovel em que iria buscar o 1.º e 2.º comandantes do 3.º grupo de baterias de artilharia 3.

—E o sr. comandante da Divisão?

—Estava na Pontinha, onde lho iriam dar conhecimento da prevenção.

—E os boatos continuavam a avolumar-se?

—De um comandante de batalhão da G. N. R. recebi comunicação de que era vez corrente que o Campo Entrincheirado estava revoltado e que a revolta tivera inicio na Trufaria.

—A que horas chegou ao governo civil?

—Eram duas horas. Ali me encontrei com os ministros da Marinha e Agricultura, e o sr. governador civil e outras pessoas.

—Não voltou a insistir em pedir comunicações telefonicas para os comandos da Divisão e Campo Entrincheirado?

—O que consegui foi a promessa de official de dia ao governo do Campo de ir informar-

se e informar-me, pois ela nada sabia.

—Os boatos cada vez eram mais aterradores?

—Deviam ser umas duas e meia, quando a policia recebeu a informação de que o 1.º G. C. A. M., fôra para Caxias, o B. C. F., fôra para a Cruz Quebrada, e a guarnição de Setubal se havia revoltado. E, por ultimo, que na Rotunda estavam civis concentrados.

—E os ministros ficaram no governo civil?

—Não. Resolveram ir para o quartel do Carmo, juntar-se aos restantes membros do governo. Voltei a pedir novas ligações telefonicas para o comando da Divisão e Campo Entrincheirado.

—Foi mais feliz?

—Foram infrutíferos todos os esforços em obter ligações. Nisto recebemos comunicação de que os revoltosos haviam adiado o movimento para as 4 horas.

—Foi nessa ocasião que pediram a V. Ex.º para ir visitar as unidades?

—Não. Fui eu que me ofereci para ir observar de visua o que havia de verdade acerca das informações recebidas. Com a minha deliberação concordou o sr. Ministro, que pôs o seu carro á minha ordem.

—Quais as unidades que visitou?

—Infanteria 2, onde nada de anormal observei; o 1.º G. C. A. M., onde vi tudo na melhor ordem e socego, estando ali presentes o comandante e os senhores officiaes.

—E o B. C. F.?

—Apenas se encontrava ali um official de infantaria, em serviço...

—E não foi ao Quartel General da 1.ª Divisão?

—Pensei ir ali, mas desisti de o fazer, por não haver nada que justificasse a minha ida áquele quartel general e para evitar suspeições.

—Ficou bem impressionado com as visitas que fez?

—Nada notei de anormal. Notei um bom serviço de vigilancia da parte da G. N. R. e da P. S. E.

—No entanto, os boatos nunca mais paravam?

—Teimavam sempre em afirmar a eclosão do movimento das 4 para as 6, depois das 6 para as 7, e ainda das 7 para as 8 horas. Eu precedi, neste caso, de forma igual á que procedi no 21 de Maio e 18 de Abril, sem que ninguém então se tivesse melindrado.

O sr. Sá Pereira, si por volta das três e meia, soltou um brado de improvisado que souo como um baque no silencio sonolento da Camara:

—Peço a palavra!...

—Peço a atenção da Camara!—exclamou o sr. presidente, a campear furiosamente, para fingir que estavam todos a fazer barulho.

O auditorio desatou, despertado, a barafustar, a conversar, e o orador concluiu, a pôr corpo na mortalha do cigarro:

—Peço a palavra para quando estiver presente o sr. presidente do Ministerio.

Vozes:

—E' o está!

Ele:

—Fica para amanhã.

Os outros:

—Para que é? Para que é?

—E' para uma coisa muito grave.

—Tem a palavra o sr. deputado Tavares de Carvalho!

A TARDE POLITICA

A situação

do governo segundo a opinião do deputado Cunha Leal

A situação politica vai se complicando cada vez mais, e a luta para derrubar o governo intensifica-se, não sabemos por que razão, duma maneira muito para ponderar. Agora é o Partido Nacionalista que na sua reunião de ontem se dividiu no que respecta á atitude a tomar para com o governo Antonio Maria da Silva.

O problema foi posto assim: Uns, que tendiam que a opposição ao governo devia ser de resultados immediatos, outros, que essa opposição devia ser condicional, segundo as circunstancias.

Isto provocou já os boatos de que havia membros do Directorio Nacionalista demissionarios, e de que a Comissão Municipal se encontrava ao lado dos que intransigentemente queriam uma opposição "á outrança".

Porque o caso era geral, e em assuntos de tanta monta, o que se diz vagamente, nem sempre merece um credito absoluto, fomos a fonte limpa e perguntámos ao deputado sr. Cunha Leal, o que havia de verdade em tudo isto.

E logo o líder nacionalista nos diz com a precisa clareza:

—O governo Antonio Maria da Silva conseguiu obter um voto de maioria no debate politico travado na Camara dos Deputados, devido ás fluctuações e excitações dos seus adversarios politicos.

—E a moção?

—Os homens que votaram a moção de desconfiança apresentada pelo sr. Sá Cardoso não tinham senão um objectivo comum: derrubar o governo. Mas, logo que se alcançasse esse "desideratum", passariam a ter interesses absolutamente divergentes. Como poder imaginar concordancia de pensamento politico da parte de canchãos, accionistas e nacionalistas? Evidentemente isso é um absurdo. E, sendo um absurdo alguns nacionalistas começaram a pensar que a queda do governo poderia redundar em beneficio dos seus adversarios e que, portanto, poderia, "no momento", ser um mau acto politico a sua accidental cooperação com determinados inimigos seus. Esses nacionalistas pensaram talvez, ainda que, dependendo deles o marcar-se o "momento" da queda do governo, conviria talvez reflectir cinco minutos antes de se produzir um acto definitivo. Daí, a frouxidão de certas atitudes, que não pôde nunca ser explicada senão por nobres intenções, ainda mesmo quando se possa discutir a sua legitimidade.

—E qual será o futuro?

—Os nacionalistas só podem reobrar finalmente o seu entusiasmo quando, publica e claramente, os seus adversarios de sempre e accidentais aliados de ocasião confessarem que chegaram a hora do P. R. N. e que somos nós os naturais e legittimos herdeiros do seu poder. Antonio Maria da Silva. Quere isto dizer que não derrubemos o governo mesmo sem isso? Não; mas significa que ninguém nos pode pedir entusiasmos para a pratica de actos que podem ter ate a consequencia de reavivar mais as lutas politicas.

E a terminar:

—O derrubar o governo nesta ocasião exige, quanto a mim, que, previamente, se esclareça o problema politico. Querem todos os adversarios do governo que se vá lá? Pois produzam as afirmações publicas que sejam necessárias para atingirmos aquele fim.

Estas palavras do sr. Cunha Leal esclarecem completamente o momento politico que passa. E querem dizer, em português claro, que o P. R. N. não está disposto a derrubar governos pela simples razão de os ver em terra. Nestes termos, a vida governamental do sr. Antonio Maria da Silva pode modificar-se grandemente.

O sr. Alvaro de Castro já se encontra em Lisboa.

O Directorio do P. R. P. está reunido á hora a que escrevemos estas linhas, e o Directorio do P. R. N. tem mais uma das suas reuniões marcadas para amanhã.

Disto tudo, que resulta? Não o podemos afirmar duma maneira positiva, mas queremos parecer que bem fazemos os que continuamos acreditando na habilitada intelligencia politica do sr. Antonio Maria da Silva.

Para fechar. Falava-se hoje insistentemente em que o Directorio do P. R. P. pensa levar a efeito a immediata irradiação de todos os deputados e senadores que votaram contra o governo. Isto, a dar-se, provoca a convocação, para já, dum Congresso extraordinario do Partido Democratico.

"O Espectro"

Está publicado mais um numero do jornal de caricaturas politicas, "O Espectro", dirigido pelo antigo jornalista dr. Artur Leitão, e que lizo bom acbimento recebeu da parte do publico

A TARDE PARLAMENTAR

NÃO sessão de hoje até ás 18 horas só houve coisas de nada...

O sr. Tavares de Carvalho, que estava alcaçorado no trono da presidencia, veio de lá a correr para o seu lugar, e, uma vez instalado, proferiu, em rapidos termos, um discurso que raras ouviram; tanto mais que, tendo o sr. Alberto Vidal teimado em pedir ordem, naquela altura já ninguém se entendia.

—... alcaçuz!—bradou o sr. presidente em meio da barafunda.

Afinal, segundo se averiguou, d'ali a pouco, tratava-se do sr. Alberto Cruz, a quem tinha chegado a vez de discursar.

—Eu pasmo, sr. presidente! Eu pasmo da inconsciencia com que o parlamento do meu pais dá pensões a toda a gente!

Era o sr. Canceledo de Abreu, monarchico, a protestar contra um projecto de lei que attribue uma pensão á viuva de João Chagas.

Veu á baila a pobreza de Hintze Ribeiro; entrou em scena o carrilhão; invocou-se a moralidade da Republica; o sr. dr. Brito Cama-

cho fartou-se de gozar; e o deputado realista exclamou, depois de ter invocado o testemunho autorizado de Afonso Costa e de ter dito que a biblioteca de João Chagas vale por si só uma fortuna:

—Não ha direito! As pensões do Estado dão-se ás pessoas que não são ricas! Assim é que é! Assim é que está certo!

Carvalho da Silva, na ordem do dia, á bordada no governo:

—A primeira coisa que se impõe para se discutirem os orçamentos e para se fazer alguma coisa de util, é o abandono das cadeiras do poder por este governo que só tem um voto de maioria na confiança do Parlamento!

Depois, a meter á bulha os nacionalistas, nenhum dos quais pedira a palavra:

—Oh sr. presidente: não está inscrito nenhum sr. deputado da minoria nacionalista?! Não pode ser! Deve haver engano!

A's cinco horas o ambiente de modorra é tamanho, que a gente tem de ficar por aqui para não ceder a pressão do somno.

concurso DL concurso DL concurso DL concurso DL

A TARDE PARLAMENTAR

A proposta

de alteração regimental

não será votada

pelos deputados nacionalistas

O sr. Canele de Abreu, no proposito de fazer obstruccionismo á proposta da lei que concede uma pensão á viuva de João Chagas, fala, fala, fala — e nunca mais se cala. Longo é o seu discurso e brilhante é a sua palavra, mas a Camara parece não estar disposta a ouvi-lo, preferindo ocupar-se dos boatos correntes da politica.

Só o sr. Brito Camacho, que tem uma ternura especial pela bancada monarchica, interrompe, de quando em quando, o discurso, trocando impressões amigaveis com o orador.

O sr. Canele de Abreu falou durante uma hora, combatendo sempre a proposta e defendendo o seu ponto de vista — que é já conhecido.

O sr. Joaquim Brandão, aludindo á especulação que se tem feito sobre o facto de varios deputados nacionalistas não terem votado a moção Sá Cardoso, declara que essa attitudé não obedeceu a um «mot d'ordre» do Directorio do seu partido.

Afirma pela sua honra que não recebeu de ninguém qualquer sugestão para não votar aquele documento.

Os srs. Carvalho da Silva e Francisco Cruz protestam contra a forma como estão decorrendo os trabalhos parlamentares, que não dá

tempo a que os deputados da opposição interroguem o governo, antes da ordem do dia, sobre varios actos de administração publica.

Entrando-se na ordem do dia, o sr. Carvalho da Silva pergunta á mesa — de mãos postas — qual o criterio adoptado para a discussão dos orçamentos, quanto ao numero de sessões que devem ser occupadas com cada projecto orçamental.

O sr. Alberto Vidal responde que não sabe ainda, deixando a solução do caso á deliberação da Camara.

O sr. Carvalho da Silva:
— Mas que criterio tem V. Ex.?

O sr. Vidal:
— Eu não tenho criterio nenhum.
— Ah!

O sr. Cunha Leal protesta contra o facto de o Parlamento ter obdicado das suas funções, ora a favor do Poder Executivo, ora a favor do presidente da Camara.

Vem isto ainda a proposito da proposta de alteração regimental que está em discussão e á qual os nacionalistas negam o seu voto.

O sr. Pedro Pita require que o artigo 9.º, sobre o qual incide neste momento a discussão, baixe á comissão do regimento, o que é aprovado.

NO PARLAMENTO

O deputado Cunha Leal

fala do caso
de Botelho Moniz

O sr. Cunha Leal, antes da ordem do dia, reclama contra a injustiça que foi feita ao tenente Jorge Botelho Moniz, actualmente preso, por motivo do 18 de Abril, que ainda não foi promovido como lhe competia. Outros officiaes nas mesmas condições em que ele se encontra e alguns mais novos foram já promovidos, donde se conclue que ha contra ele uma questão pessoal. É certo que o sr. Botelho Moniz pediu já a sua demissão do Exército, mas o ministerio da Guerra entende que o não deve promover nem demittir.

O sr. dr. Clemente Martins, que faz a sua estreia parlamentar, responde ao orador, dizendo que transmittirá a sua reclamação ao sr. ministro da Guerra.

Agora é o sr. Canele de Abreu a reclamar contra a proposta de lei que concede pensões á viuva de João Chagas e á mãe do commandante Stockler, defendendo o ponto de vista de que se averiguar primeiro se essas senhoras precisam, realmente, do auxilio do Estado para viver.

— Tem a palavra o sr. presidente do ministerio.

Éra para responder ao sr. Cunha Leal, mas como ele não está na sala e neste momento não o pode mandar chamar, reservase para lhe responder noutra oportunidade.

Nesta altura, entra o sr. Cunha Leal. O chefe do governo, atencioso, amabilissimo, dá as explicações pedidas, dizendo que nenhum official pode ser promovido quando está para responder em conselho de guerra.

O sr. Cunha Leal:
— Mas ele não está pronunciado. Ninguém sabe se vai responder em conselho de guerra. A prisão é meramente preventiva.

O chefe do governo promete informar-se e declara que está disposto a fazer

cumprir a lei, no caso de ela ter sido decidida.

O sr. Canele de Abreu, aludindo á proposta de alteração do regimento, afirma no decurso das suas considerações obstruccionistas que o sr. Vellinho Correia é um economista barato.

O sr. Vellinho Correia, em aparte:
— V. Ex.º é mais caro, porque fala muito e produz pouco.

O orador:

— Antes não produzi nada do que produz aqui que V. Ex.º tem produzido: coisas inconvenientes para o país.

A requerimento do sr. Canele de Abreu, vai proceder-se a uma votação. O requerente na altura em que a camara estava a votar os deputados á sala, pega no chapéu e sai apressadamente para os Passos Perdidos.

Uma vez:
— Então o resultado?
O sr. Carvalho da Silva:
— Val para o combon.
O sr. Vellinho Correia:
— Para o combon combonavam os sê chibos de todos.

O sr. Carvalho da Silva, em alta gráta, chama a atenção da camara para o assunto que vai votar, lambadando que a opposição nacionalista não esteja na sala.

Respondendo a um aparte do sr. Manuel Fernandes:

— É um assunto! É uma esbaldado! É um assunto! É um assunto! É uma coisa que não se pode discutir.

O sr. Cunha Leal, em alta gráta, chama a atenção da camara para o assunto que vai votar, lambadando que a opposição nacionalista não esteja na sala.

O sr. Cunha Leal, em alta gráta, chama a atenção da camara para o assunto que vai votar, lambadando que a opposição nacionalista não esteja na sala.

A irradiação

dos parlamentares democraticos
que votaram contra o governo
ainda não ficou hoje
definitivamente resolvida

Desde ontem que ha reuniões sobre reuniões, sem que até agora se tenha chegado a um accordo, ou a uma conclusão clara e segura. Reuniram-se os nacionalistas, os democraticos e os accionistas. Da reunião dos primeiros já ontem demos conta, faltando acrescentar que eles voltam hoje a trocar impressões e que a atmosfera que ontem os acompanhava se mantem hoje tal qual, isto é: dois grupos distintos, mas que só deitarão abaixo o governo se lhes couber a successão, outros que o desejam deitar abaixo seja como for, desde que seja já. Da reunião dos segundos, ha que distinguir a que se realizou com a parte esquerdista do P. R. P. e o Directorio, e a que hoje teve lugar entre o Directorio e o governo.

Dos accionistas sabe-se que a attitudé do sr. dr. Alvaro de Castro é de opposição «à outrance». Isto era ontem, depois da chegada do rapido. Hoje veremos...

Afirma-se que o Directorio do P. R. P. pôs aos democraticos esquerdistas este dilema: ou se submetem ou são irradiados. Segundo as nossas informações, foi-lhe respondido que a attitudé dessa corrente democratica se não modificava, nem com promessas nem com ameaças, e que, quanto á irradiação isso era uma coisa a tratar num congresso do partido. Ficaram assim as coisas, e para apreciar esta resposta se juntaram hoje Directorio e Governo.

Sabemos mais. A facção esquerdista só aceita uma plataforma para entrar em negociações — a queda imediata do governo.

Quanto ao P. R. N. ha, marcada para sabado, uma reunião da sua comissão distrital. Nesta convocar-se-ha para quinta-feira seguinte uma reunião de todas as comissões politicas de Lisboa, a quem será apresentada uma proposta de irradiação dos srs. dr. Moura Pinto, Constancio de Oliveira e Joaquim Brandão, por não terem votado na sessão de segunda-feira ultima a moção do sr. Sá Cardoso.

Como daqui até quinta-feira ainda vão oito

dias, daqui até lá tudo se pode modificar, e o mais certo será que se modifique.

Da reunião do Directorio com o governo, nada do positivo ficou resolvido. Informamos que o mais fervoroso partidario da irradiação foi o sr. Silva Barreto. Parece que não obteve maioria de votos, ficando o assunto ainda para se discutir em nova reunião conjunta, que ainda esta noite se deve realizar. Afirmase que ha muitas comissões politicas do P. R. P. de Lisboa que não concordam com a irradiação e que, se tal se der, se collocarão ao lado dos irradiados, como tal se considerando.

O sr. dr. Alvaro de Castro já hoje veio á Camara e diz-se que levantará ainda hoje a questão politica.

Foi muito notado o facto do «leader» accionista não ter sequer cumprimentado o sr. Antonio Maria da Silva.

Neste momento encontram-se reunidos, em salas diferentes, os grupos parlamentares nacionalista e accionista, á volta dos quais ferve e refere a intriga, aguardando-se com ansiedade o termo destas reuniões.

A atmosfera politica na sala e fora da sala continua demasiadamente confusa e pesada.

Segundo melhor informação, na reunião de ontem, contra o que dizem os nossos colegas da manhã, não houve nenhuma discussão violenta entre os srs. dr. Daniel Rodrigues e dr. José Domingues dos Santos. Quem poz a questão, com grande irreductibilidade, foi o sr. Silva Barreto, tendo o sr. dr. Daniel Rodrigues declarado que não concordava com tal opinião e que se fosse para defender esse ponto de vista nem sequer teria comparecido.

Os grupos parlamentares que estavam reunidos continuam e só tarde haverá noticias sobre o resultado dessas reuniões.

Parece-nos, portanto, que ainda hoje o governo passará incolume e que, se tiver que haver trovoadas, isso só acontecerá na sessão de amanhã.

attitude do Castelo no movimento de dezoito de Abril

Neste caso do «18 de Abril», como em todas as questões que dividem os portugueses, o «Diario de Lisboa» usa da maior imparcialidade, orientando a sua acção no sentido de esclarecer o publico, sem, contudo, criar ou irritar conflitos. Temos, assim, publicado as opiniões e depoimentos de ambos os lados, porque nuns e noutros, vencedores e vencidos, ha figuras dignas do nosso respeito e da nossa admiração.

Dos officiaes presos no Forte de Elvas, recebemos hoje a seguinte carta:

Sr. Director do jornal «Diario de Lisboa» — No jornal que v. dirige, no dia 7, vem transcrita uma carta do major sr. João H. de Melo, commandante do Batalhão de Infantaria 16, dirigida ao general sr. Sinel de Cordes, em que se pede que Sua Ex.ª fundamente a afirmação feita de que os revoltosos de 18 de Abril contavam que do Castelo de S. Jorge lhes não seria feito fogo, solicitando ainda, que S. Ex.ª esclareça as razões que o levaram a admitir tal hipótese.

Como os signatarios desta carta presumem que as declarações do Ex.º General sr. Sinel de Cordes, foram em parte, motivadas pelas informações deles derivadas e, como pertencem a um numero daqueles que costumam manter integras as suas afirmações, vão declarar o seguinte: O tenente sr. Felix Antunes, commandante da Divisão do Castelo de S. Jorge, que mais bombardeou o Parque Eduardo VII, era um dos officiaes mais comprometidos no movimento, o que constituiu uma das maiores trações havidas.

Quanto aos entendimentos que o major sr. Melo tinha com os revoltosos, não eram, á data do movimento, nenhuns.

O mesmo não succedia, antes de Sua Ex.ª ter indicado para ser transferido, após um acontecimento imprevisto que fizera adiar o movimento, tirando-lhe probabilidades de exito, um official do seu batalhão, por quem Sua Ex.ª fora informado de tudo o que se projectava e a quem até aconselhara o corte de comunicações, a não interferencia de officiaes politicos, etc., etc.

Quanto aos officiaes do seu batalhão comprometidos no movimento, e ao completo excludimento do facto acima narrado, guardaremos o seu relato, para o acto do julgamento, se o acharmos conveniente para a nossa defesa ou a isso formos levados por outra questão de dignidade. Poderemos invocar os testemunhos de camaradas e amigos que, não estão presos, mas acima de cuja amizade pessoal, por muito grande que ela seja, sempre voremos a honra e a dignidade de pessoas como Sua Ex.ª o general sr. Sinel de Cordes, de cuja probidade ninguém tem o direito de duvidar. Estas declarações, a que somos forçados, sr. director, só as fazemos devido á grande consideração que temos pelos officiaes atingidos e á r. p. p. provida, pelas diversas cartas ultimamente publicadas, por criminosos, de facto muito dignas, mas que não têm o de assentado de manter uma attitudé.

Pela publicação destas linhas, para os srs. de V. Ex.ª — João Carlos Botelho Moniz, commandante de Infantaria; José Luiz dos Santos Brandão, alferes de Infantaria; Rui da Silva, alferes de Infantaria.

concurso DL

concurso DL

concurso DL

concurso DL

concurso DL

concurso DL

CAMBIO OFICIAL		
	COMPRA	VENDA
Londres, cheque	12500	9725
Paris	—	594,5
Madrid	—	2591
New York	—	20505
Amsterdã	—	8304
Genebra	—	3349

ULTIMAS NOTICIAS

CAMBIO OFICIAL		
	COMPRA	VENDA
Bruxelas	—	593,5
Atenas	—	575
Traga	—	560
Brazil	—	2524
Libra esterlina	99500	101500
Agio de ouro	—	—

O PARLAMENTO

O governo consolidará a melhoria do escudo segundo o seu chefe

No debate político que se seguiu à apresentação do governo, o «leader» da esquerda democrática defendeu, com uma grande ternura, não o amor da política como se pode supor — mas sim a política do amor. E talvez por isso que a mesa está hoje ornamentada com alguns lindos malmequeres — que o sr. Antonio Maria da Silva vai, por certo, desfolhar na bandeira ministerial.

Voltando-se para o sr. José Domingues dos Santos:

—Mal me queres... bem me queres... muito... pouco... nada!

Tentando a simpatia da minoria nacionalista:

—Mal me queres... bem me queres... muito... pouco!

Olhando amorosamente para o sr. Rodrigues Gaspar:

—Mal me queres... bem me queres... muito!

Consultando o coração do sr. Brito Camacho:

—Mal me queres... bem me queres!

Olhando de soslaio para o sr. Carvalho da Silva:

—Mal me queres! Inútil!

E as petalas vão caindo, uma a uma, desoladamente, sobre o coval que a oposição anda a cavar — para sepultura do governo.

Inicia-se a sessão a discutir este parecer, aquele parecer, aquele outro parecer, enquanto não aparecer o governo. E a propósito do parecer nº 581, o sr. Jaime de Sousa receia que ele esteja condenado a desaparecer.

O sr. Tavares de Carvalho, a interrogar o sr. presidente do ministério sobre a política financeira do governo:

—Eu desejava que v. ex.^a esclarecesse a Câmara, o país e a mim em particular sobre se o governo não segue a política de valorização do escudo, como declarou no programa ministerial.

O sr. Antonio Maria da Silva cofia a barba e não esclarece.

Emfim, o chefe do governo sempre esclarece. Diz o seguinte:

—Eu não posso passar toda a minha vida... Certamente... o governo procurará consolidar a melhoria do escudo... Eu enviarei todos os esforços... sem dúvida... para que a melhoria do escudo se faça sentir na carestia da vida... Entretanto... o governo quer... a economia do país... Evidentemente!

Assim falou, de modo a ouvir-se na tribuna da imprensa, o sr. Antonio Maria da Silva. O sr. Tavares de Carvalho declarou-nos, particularmente, que ele não tinha esclarecido nada.

Entrando-se na ordem do dia, a Câmara discute o orçamento do ministério da Instrução, promulgando-se sobre ele decretos nº 10.000, 10.001, 10.002, 10.003, 10.004, 10.005, 10.006, 10.007, 10.008, 10.009, 10.010, 10.011, 10.012, 10.013, 10.014, 10.015, 10.016, 10.017, 10.018, 10.019, 10.020, 10.021, 10.022, 10.023, 10.024, 10.025, 10.026, 10.027, 10.028, 10.029, 10.030, 10.031, 10.032, 10.033, 10.034, 10.035, 10.036, 10.037, 10.038, 10.039, 10.040, 10.041, 10.042, 10.043, 10.044, 10.045, 10.046, 10.047, 10.048, 10.049, 10.050, 10.051, 10.052, 10.053, 10.054, 10.055, 10.056, 10.057, 10.058, 10.059, 10.060, 10.061, 10.062, 10.063, 10.064, 10.065, 10.066, 10.067, 10.068, 10.069, 10.070, 10.071, 10.072, 10.073, 10.074, 10.075, 10.076, 10.077, 10.078, 10.079, 10.080, 10.081, 10.082, 10.083, 10.084, 10.085, 10.086, 10.087, 10.088, 10.089, 10.090, 10.091, 10.092, 10.093, 10.094, 10.095, 10.096, 10.097, 10.098, 10.099, 10.100, 10.101, 10.102, 10.103, 10.104, 10.105, 10.106, 10.107, 10.108, 10.109, 10.110, 10.111, 10.112, 10.113, 10.114, 10.115, 10.116, 10.117, 10.118, 10.119, 10.120, 10.121, 10.122, 10.123, 10.124, 10.125, 10.126, 10.127, 10.128, 10.129, 10.130, 10.131, 10.132, 10.133, 10.134, 10.135, 10.136, 10.137, 10.138, 10.139, 10.140, 10.141, 10.142, 10.143, 10.144, 10.145, 10.146, 10.147, 10.148, 10.149, 10.150, 10.151, 10.152, 10.153, 10.154, 10.155, 10.156, 10.157, 10.158, 10.159, 10.160, 10.161, 10.162, 10.163, 10.164, 10.165, 10.166, 10.167, 10.168, 10.169, 10.170, 10.171, 10.172, 10.173, 10.174, 10.175, 10.176, 10.177, 10.178, 10.179, 10.180, 10.181, 10.182, 10.183, 10.184, 10.185, 10.186, 10.187, 10.188, 10.189, 10.190, 10.191, 10.192, 10.193, 10.194, 10.195, 10.196, 10.197, 10.198, 10.199, 10.200, 10.201, 10.202, 10.203, 10.204, 10.205, 10.206, 10.207, 10.208, 10.209, 10.210, 10.211, 10.212, 10.213, 10.214, 10.215, 10.216, 10.217, 10.218, 10.219, 10.220, 10.221, 10.222, 10.223, 10.224, 10.225, 10.226, 10.227, 10.228, 10.229, 10.230, 10.231, 10.232, 10.233, 10.234, 10.235, 10.236, 10.237, 10.238, 10.239, 10.240, 10.241, 10.242, 10.243, 10.244, 10.245, 10.246, 10.247, 10.248, 10.249, 10.250, 10.251, 10.252, 10.253, 10.254, 10.255, 10.256, 10.257, 10.258, 10.259, 10.260, 10.261, 10.262, 10.263, 10.264, 10.265, 10.266, 10.267, 10.268, 10.269, 10.270, 10.271, 10.272, 10.273, 10.274, 10.275, 10.276, 10.277, 10.278, 10.279, 10.280, 10.281, 10.282, 10.283, 10.284, 10.285, 10.286, 10.287, 10.288, 10.289, 10.290, 10.291, 10.292, 10.293, 10.294, 10.295, 10.296, 10.297, 10.298, 10.299, 10.300, 10.301, 10.302, 10.303, 10.304, 10.305, 10.306, 10.307, 10.308, 10.309, 10.310, 10.311, 10.312, 10.313, 10.314, 10.315, 10.316, 10.317, 10.318, 10.319, 10.320, 10.321, 10.322, 10.323, 10.324, 10.325, 10.326, 10.327, 10.328, 10.329, 10.330, 10.331, 10.332, 10.333, 10.334, 10.335, 10.336, 10.337, 10.338, 10.339, 10.340, 10.341, 10.342, 10.343, 10.344, 10.345, 10.346, 10.347, 10.348, 10.349, 10.350, 10.351, 10.352, 10.353, 10.354, 10.355, 10.356, 10.357, 10.358, 10.359, 10.360, 10.361, 10.362, 10.363, 10.364, 10.365, 10.366, 10.367, 10.368, 10.369, 10.370, 10.371, 10.372, 10.373, 10.374, 10.375, 10.376, 10.377, 10.378, 10.379, 10.380, 10.381, 10.382, 10.383, 10.384, 10.385, 10.386, 10.387, 10.388, 10.389, 10.390, 10.391, 10.392, 10.393, 10.394, 10.395, 10.396, 10.397, 10.398, 10.399, 10.400, 10.401, 10.402, 10.403, 10.404, 10.405, 10.406, 10.407, 10.408, 10.409, 10.410, 10.411, 10.412, 10.413, 10.414, 10.415, 10.416, 10.417, 10.418, 10.419, 10.420, 10.421, 10.422, 10.423, 10.424, 10.425, 10.426, 10.427, 10.428, 10.429, 10.430, 10.431, 10.432, 10.433, 10.434, 10.435, 10.436, 10.437, 10.438, 10.439, 10.440, 10.441, 10.442, 10.443, 10.444, 10.445, 10.446, 10.447, 10.448, 10.449, 10.450, 10.451, 10.452, 10.453, 10.454, 10.455, 10.456, 10.457, 10.458, 10.459, 10.460, 10.461, 10.462, 10.463, 10.464, 10.465, 10.466, 10.467, 10.468, 10.469, 10.470, 10.471, 10.472, 10.473, 10.474, 10.475, 10.476, 10.477, 10.478, 10.479, 10.480, 10.481, 10.482, 10.483, 10.484, 10.485, 10.486, 10.487, 10.488, 10.489, 10.490, 10.491, 10.492, 10.493, 10.494, 10.495, 10.496, 10.497, 10.498, 10.499, 10.500, 10.501, 10.502, 10.503, 10.504, 10.505, 10.506, 10.507, 10.508, 10.509, 10.510, 10.511, 10.512, 10.513, 10.514, 10.515, 10.516, 10.517, 10.518, 10.519, 10.520, 10.521, 10.522, 10.523, 10.524, 10.525, 10.526, 10.527, 10.528, 10.529, 10.530, 10.531, 10.532, 10.533, 10.534, 10.535, 10.536, 10.537, 10.538, 10.539, 10.540, 10.541, 10.542, 10.543, 10.544, 10.545, 10.546, 10.547, 10.548, 10.549, 10.550, 10.551, 10.552, 10.553, 10.554, 10.555, 10.556, 10.557, 10.558, 10.559, 10.560, 10.561, 10.562, 10.563, 10.564, 10.565, 10.566, 10.567, 10.568, 10.569, 10.570, 10.571, 10.572, 10.573, 10.574, 10.575, 10.576, 10.577, 10.578, 10.579, 10.580, 10.581, 10.582, 10.583, 10.584, 10.585, 10.586, 10.587, 10.588, 10.589, 10.590, 10.591, 10.592, 10.593, 10.594, 10.595, 10.596, 10.597, 10.598, 10.599, 10.600, 10.601, 10.602, 10.603, 10.604, 10.605, 10.606, 10.607, 10.608, 10.609, 10.610, 10.611, 10.612, 10.613, 10.614, 10.615, 10.616, 10.617, 10.618, 10.619, 10.620, 10.621, 10.622, 10.623, 10.624, 10.625, 10.626, 10.627, 10.628, 10.629, 10.630, 10.631, 10.632, 10.633, 10.634, 10.635, 10.636, 10.637, 10.638, 10.639, 10.640, 10.641, 10.642, 10.643, 10.644, 10.645, 10.646, 10.647, 10.648, 10.649, 10.650, 10.651, 10.652, 10.653, 10.654, 10.655, 10.656, 10.657, 10.658, 10.659, 10.660, 10.661, 10.662, 10.663, 10.664, 10.665, 10.666, 10.667, 10.668, 10.669, 10.670, 10.671, 10.672, 10.673, 10.674, 10.675, 10.676, 10.677, 10.678, 10.679, 10.680, 10.681, 10.682, 10.683, 10.684, 10.685, 10.686, 10.687, 10.688, 10.689, 10.690, 10.691, 10.692, 10.693, 10.694, 10.695, 10.696, 10.697, 10.698, 10.699, 10.700, 10.701, 10.702, 10.703, 10.704, 10.705, 10.706, 10.707, 10.708, 10.709, 10.710, 10.711, 10.712, 10.713, 10.714, 10.715, 10.716, 10.717, 10.718, 10.719, 10.720, 10.721, 10.722, 10.723, 10.724, 10.725, 10.726, 10.727, 10.728, 10.729, 10.730, 10.731, 10.732, 10.733, 10.734, 10.735, 10.736, 10.737, 10.738, 10.739, 10.740, 10.741, 10.742, 10.743, 10.744, 10.745, 10.746, 10.747, 10.748, 10.749, 10.750, 10.751, 10.752, 10.753, 10.754, 10.755, 10.756, 10.757, 10.758, 10.759, 10.760, 10.761, 10.762, 10.763, 10.764, 10.765, 10.766, 10.767, 10.768, 10.769, 10.770, 10.771, 10.772, 10.773, 10.774, 10.775, 10.776, 10.777, 10.778, 10.779, 10.780, 10.781, 10.782, 10.783, 10.784, 10.785, 10.786, 10.787, 10.788, 10.789, 10.790, 10.791, 10.792, 10.793, 10.794, 10.795, 10.796, 10.797, 10.798, 10.799, 10.800, 10.801, 10.802, 10.803, 10.804, 10.805, 10.806, 10.807, 10.808, 10.809, 10.810, 10.811, 10.812, 10.813, 10.814, 10.815, 10.816, 10.817, 10.818, 10.819, 10.820, 10.821, 10.822, 10.823, 10.824, 10.825, 10.826, 10.827, 10.828, 10.829, 10.830, 10.831, 10.832, 10.833, 10.834, 10.835, 10.836, 10.837, 10.838, 10.839, 10.840, 10.841, 10.842, 10.843, 10.844, 10.845, 10.846, 10.847, 10.848, 10.849, 10.850, 10.851, 10.852, 10.853, 10.854, 10.855, 10.856, 10.857, 10.858, 10.859, 10.860, 10.861, 10.862, 10.863, 10.864, 10.865, 10.866, 10.867, 10.868, 10.869, 10.870, 10.871, 10.872, 10.873, 10.874, 10.875, 10.876, 10.877, 10.878, 10.879, 10.880, 10.881, 10.882, 10.883, 10.884, 10.885, 10.886, 10.887, 10.888, 10.889, 10.890, 10.891, 10.892, 10.893, 10.894, 10.895, 10.896, 10.897, 10.898, 10.899, 10.900, 10.901, 10.902, 10.903, 10.904, 10.905, 10.906, 10.907, 10.908, 10.909, 10.910, 10.911, 10.912, 10.913, 10.914, 10.915, 10.916, 10.917, 10.918, 10.919, 10.920, 10.921, 10.922, 10.923, 10.924, 10.925, 10.926, 10.927, 10.928, 10.929, 10.930, 10.931, 10.932, 10.933, 10.934, 10.935, 10.936, 10.937, 10.938, 10.939, 10.940, 10.941, 10.942, 10.943, 10.944, 10.945, 10.946, 10.947, 10.948, 10.949, 10.950, 10.951, 10.952, 10.953, 10.954, 10.955, 10.956, 10.957, 10.958, 10.959, 10.960, 10.961, 10.962, 10.963, 10.964, 10.965, 10.966, 10.967, 10.968, 10.969, 10.970, 10.971, 10.972, 10.973, 10.974, 10.975, 10.976, 10.977, 10.978, 10.979, 10.980, 10.981, 10.982, 10.983, 10.984, 10.985, 10.986, 10.987, 10.988, 10.989, 10.990, 10.991, 10.992, 10.993, 10.994, 10.995, 10.996, 10.997, 10.998, 10.999, 11.000, 11.001, 11.002, 11.003, 11.004, 11.005, 11.006, 11.007, 11.008, 11.009, 11.010, 11.011, 11.012, 11.013, 11.014, 11.015, 11.016, 11.017, 11.018, 11.019, 11.020, 11.021, 11.022, 11.023, 11.024, 11.025, 11.026, 11.027, 11.028, 11.029, 11.030, 11.031, 11.032, 11.033, 11.034, 11.035, 11.036, 11.037, 11.038, 11.039, 11.040, 11.041, 11.042, 11.043, 11.044, 11.045, 11.046, 11.047, 11.048, 11.049, 11.050, 11.051, 11.052, 11.053, 11.054, 11.055, 11.056, 11.057, 11.058, 11.059, 11.060, 11.061, 11.062, 11.063, 11.064, 11.065, 11.066, 11.067, 11.068, 11.069, 11.070, 11.071, 11.072, 11.073, 11.074, 11.075, 11.076, 11.077, 11.078, 11.079, 11.080, 11.081, 11.082, 11.083, 11.084, 11.085, 11.086, 11.087, 11.088, 11.089, 11.090, 11.091, 11.092, 11.093, 11.094, 11.095, 11.096, 11.097, 11.098, 11.099, 11.100, 11.101, 11.102, 11.103, 11.104, 11.105, 11.106, 11.107, 11.108, 11.109, 11.110, 11.111, 11.112, 11.113, 11.114, 11.115, 11.116, 11.117, 11.118, 11.119, 11.120, 11.121, 11.122, 11.123, 11.124, 11.125, 11.126, 11.127, 11.128, 11.129, 11.130, 11.131, 11.132, 11.133, 11.134, 11.135, 11.136, 11.137, 11.138, 11.139, 11.140, 11.141, 11.142, 11.143, 11.144, 11.145, 11.146, 11.147, 11.148, 11.149, 11.150, 11.151, 11.152, 11.153, 11.154, 11.155, 11.156, 11.157, 11.158, 11.159, 11.160, 11.161, 11.162, 11.163, 11.164, 11.165, 11.166, 11.167, 11.168, 11.169, 11.170, 11.171, 11.172, 11.173, 11.174, 11.175, 11.176, 11.177, 11.178, 11.179, 11.180, 11.181, 11.182, 11.183, 11.184, 11.185, 11.186, 11.187, 11.188, 11.189, 11.190, 11.191, 11.192, 11.193, 11.194, 11.195, 11.196, 11.197, 11.198, 11.199, 11.200, 11.201, 11.202, 11.203, 11.204, 11.205, 11.206, 11.207, 11.208, 11.209, 11.210, 11.211, 11.212, 11.213, 11.214, 11.215, 11.216, 11.217, 11.218, 11.219, 11.220, 11.221, 11.222, 11.223, 11.224, 11.225, 11.226, 11.227, 11.228, 11.229, 11.230, 11.231, 11.232, 11.233, 11.234, 11.235, 11.236, 11.237, 11.238, 11.239, 11.240, 11.241, 11.242, 11.243, 11.244, 11.245, 11.246, 11.247, 11.248, 11.249, 11.250, 11.251, 11.252, 11.253, 11.254, 11.255, 11.256, 11.257, 11.258, 11.259, 11.260, 11.261, 11